

JOSÉ MARTINO

A Horripilante
MEDICINA
da Idade Média


trevas

José Martino

A HORRIPILANTE MEDICINA DA IDADE MÉDIA



2022

Copyright © 2022 by José Martino

All rights reserved

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do autor, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Preparação dos originais: João Paulo Martino

Diagramação e edição: José Martino

Capa: Tim Marvim

Revisão geral: Ionnnes Pavlus

Imagens da capa e miolo: Ilustrações trabalhadas do Pixabay e internet (Domínio Público)

ISBN: 978-65-00-46226-5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martino, José

A horripilante medicina da idade média /
José Martino. -- 1. ed. -- Atibaia, SP :
Ed. do Autor, 2022.

ISBN 978-65-00-46226-5

1. Idade Média 2. Medicina - História 3. Medicina
medieval I. Título.

22-112978

CDD-610.209

NLM-WZ-400

Índices para catálogo sistemático:

1. Medicina : História 610.209

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

EDITORA TREVAS
Av. Major Alvim, 959 – Ap. 15
Alvinópolis - Atibaia / SP
CEP: 12.942-550
livrosatibaia@gmail.com

ÍNDICE

[Primeiras palavras](#)

[A vida cotidiana na Idade Média](#)

MEDICINA PRATICADA ANTES DA IDADE MÉDIA

[Medicina primitiva](#)

[Trepanação](#)

[Medicina mesopotâmica](#)

[Medicina egípcia](#)

[Medicina hindu](#)

[Medicina chinesa](#)

[Medicina grega](#)

[Asclépio](#)

[Hipócrates](#)

[Medicina romana](#)

[Galeno](#)

[Quatro humores](#)

[Medicina árabe](#)

[Médicos árabes](#)

MEDICINA MEDIEVAL

[A medicina medieval](#)

[Médicos, cirurgiões e barbeiros](#)

[Os doentes](#)

[As doenças](#)

[Sífilis](#)

[Leprosos](#)

[Loucos](#)

[Amputação](#)

[Cirurgia e assepsia](#)

[Anestésicos](#)

[Dissecação e anatomia](#)

[Hemorragia, cauterização, ferimentos](#)

[Clisteres](#)

[Sangrias, sanguessugas, ventosas](#)

[Odontologia](#)

[Partos](#)

[Farmacopeias e plantas medicinais](#)

[Hospitais](#)

[Peste Negra](#)

[Alquimia](#)

[Paracelso](#)

[Urina e Fezes](#)

[Outros remédios estranhos](#)

[Bibliografia](#)



PRIMEIRAS PALAVRAS

ESTE LIVRO NÃO SE TRATA de uma História da Medicina. Sobre isto muito já foi escrito e quem deseja conhecer mais a fundo o assunto, recomendo a leitura de algumas das excelentes obras citadas na bibliografia ao final deste volume. Neste pequeno trabalho, procurei me ater apenas aos aspectos anedóticos e curiosos da Medicina, ao pitoresco e, sobretudo, à maneira verdadeiramente "horripilante" como nossos antepassados foram tratados pelos médicos. Durante a Idade Média, ficar doente era duplamente detestável, não só pelos males da enfermidade, como também pelos horrorosos tratamentos a que o paciente era submetido. Muitas vezes, as tentativas de cura lembravam mais tortura do que terapêutica.



É reconfortante pensar que nascemos numa época como a nossa, em que dispomos de anestesia, assepsia e antibióticos, só para citar três das grandes conquistas da Medicina, e não precisamos nos submeter àqueles procedimentos abomináveis que aterrorizavam o homem medieval. Uma simples dor de dente era uma verdadeira calamidade. As pessoas hesitavam muito antes de procurar um barbeiro - que, em geral, era quem extraía os dentes – pois sabiam que a dor que sofreriam com uma extração seria excruciante. Imagine-se, então, qual não seria o sofrimento de quem tinha uma perna amputada sem anestesia com um serrote! Buscar ajuda médica, naquele tempo, podia ser um autêntico suplício. Os diagnósticos eram imprecisos, muitos tratamentos mostravam-se mais cruéis do que as próprias doenças e inúmeros procedimentos médicos não serviam para absolutamente nada. Aliás, isto não foi uma característica apenas da Idade Média, mas aconteceu em diversos outros tempos. Só para lembrar, até o ano de 1950, milhares de pessoas em todo o mundo extraíram as amígdalas a conselho médico, cirurgia que, na grande maioria dos casos, não tinha qualquer finalidade prática.

Para contextualizar o assunto, antes de abordar “a horripilante medicina da Idade Média” e a fim de melhor ilustrá-la, julguei interessante inserir neste estudo um breve panorama sobre a vida cotidiana medieval, bem como dizer algumas palavras sobre a medicina que antecedeu àquela praticada ao longo da Idade Média.

A VIDA COTIDIANA NA IDADE MÉDIA

A IDADE MÉDIA É UM PERÍODO SEDUTOR e cheio de atrativos. Michelet chamou-a de “A Noite de Mil Anos”. Teria razão o ilustre historiador francês? Os estudiosos do assunto dividem-se quanto à resposta. Alguns costumam denominá-la “Idade das Trevas”, julgando-a como um todo, sem levar em consideração as diferenças regionais da Europa e o extenso espaço de tempo em que estas sociedades floresceram. Afirmam que, ao longo da Idade Média, os europeus mergulharam no obscurantismo em decorrência de uma severa vigilância por parte da igreja sobre as ciências, as artes e todo o saber legado pelos antigos, que o catolicismo passou a monopolizar. Em parte, estão corretos. Historiadores mais modernos, porém, acreditam que tal visão é ultrapassada, alegando que a Idade Média foi um período muito mais rico do que se imagina. Conceitos são revisitados, teorias reformuladas e novas descobertas são feitas com uma frequência espantosa. Muitas verdades que eram absolutas há trinta anos passaram a ser questionadas e modificadas a partir de recentes descobertas e estudos meticulosos. Novas luzes vêm sendo lançadas sobre este período fascinante em que povos europeus, segundo alguns, claudicaram na escuridão. Cito dois ótimos trabalhos, apenas para aguçar a curiosidade do leitor: o correto estudo de John Kelly a respeito da peste negra e a saborosa obra de Elena Percivaldi sobre a Idade Média em geral.

Quase sempre, o passado é visto de maneira mais poética do que o presente. O presente se nos apresenta, muitas vezes, insípido, monótono e banal. Por outro lado, a vida na Idade Média, sob um primeiro olhar, pode parecer bucólica e romântica, com suas princesas de contos de fadas, seus castelos encantados, seus cavaleiros virtuosos. Mas a verdade não é bem essa e, quando nos debruçamos sobre a vida cotidiana medieval, vemos que ela podia ser bastante dura. No que diz respeito à medicina, assalta-nos um autêntico horror ver como os homens e mulheres daquele tempo eram tratados. Se pode se dizer, ao lado de inúmeros estudiosos do assunto, que a Idade Média não foi uma longa noite de trevas, como queria Michelet, a verdade é que a medicina medieval se manteve na quase total escuridão ao longo de todo esse período.

É costume engrandecer as civilizações antigas, sobretudo Grécia e Roma, quando as comparam com a Idade Média, para que esta fique diminuída. Os historiadores da antiguidade clássica, no afã de valorizar os grandes feitos de gregos e romanos, esquecem-se da crueldade destes. Mesmo nos áureos tempos dos Antoninos, era comum um pai romano abandonar em bosques um filho que não desejasse criar, para ser devorado por lobos. E que dizer dos espetáculos sangrentos e cruéis apresentados nos anfiteatros, onde a plateia ia ao delírio, quando um gladiador cravava sua espada no pescoço do adversário? Isto sem falar na brutal e selvagem diversão de assistir a feras devorarem homens e mulheres, que tanto parecia deleitar os antigos romanos. Sabe-se que, de uma só vez, o imperador Tito, cognominado “*as delícias do gênero humano*” entregou aos leões nada menos do que três mil judeus!

Grande parte desse preconceito contra a Idade Média cabe aos filósofos iluministas do século XVIII, que afirmavam ter a Razão primazia sobre a Fé. Para eles, a Idade Média não passava de uma época de bárbaros ignorantes e supersticiosos, que atrasaram o progresso da civilização em mil anos. Consideram-na como sendo um período de selvageria, esquecendo-se da sua diversidade e que foi um milênio tão criativo e dinâmico quanto qualquer outro, embora a vida tenha sido terrivelmente dura para grande parte das pessoas.

Melhor seria considerar a Idade Média como a “época do meio”, ou seja, o período de transição entre a antiguidade clássica e o mundo moderno. Hoje, ela é vista como uma época rica, complexa e variada, o berço dos Estados modernos.

Mas, ao contrário do que se pode imaginar, a Idade Média não foi um período homogêneo e uniforme ao longo de todo seu milênio. Notam-se grandes diferenças no pensamento e na vida cotidiana das pessoas que viveram durante a Alta Idade Média, época que se estendeu mais ou menos até a virada do ano 1000 e a Baixa Idade Média, período que se encerra com a Idade Moderna. Por isso mesmo, devemos evitar generalizações, pois o que vale para o início da Idade Média, pode não valer para a sua fase final e vice-versa.

Costuma-se dizer que a Idade Média iniciou-se no ano 476 da era Cristã com a queda do Império Romano do Ocidente e encerrou-se em 1453 com a tomada da cidade de Constantinopla pelos turcos. Alguns estudos recentes estendem o período medieval até a descoberta da América em

1492. Discussão um tanto inútil e vaga, pois estas datas servem apenas como referências didáticas. Para o camponês europeu que viveu o ano de 475, por exemplo, que trabalhava arduamente no campo do nascer ao pôr do sol, pouco interessaria saber que, no ano seguinte, estava começando a Idade Média. Sua vida continuaria dura da mesma maneira e nada haveria de mudar para ele. Da mesma forma para o nobre do século XV, que não perdeu seus privilégios apenas porque a Idade Moderna havia chegado.

Comecemos tratando da alimentação. O que comiam e bebiam os homens medievais? Eram verdadeiros glutões ou alimentavam-se mais frugalmente? Comiam uma alimentação saudável?

Durante a Idade Média, o regime alimentar de um indivíduo dependia não só da sua posição social, mas da estação do ano, da região e da época em que ele vivia. Como os alimentos não podiam ser estocados por muito tempo, era preferível comê-los frescos. Tanto ricos, quanto pobres, costumavam comer com as mãos, uma vez que não se usavam garfos, vistos como instrumentos do demônio, por lembrar a forma de um forcado. Apanhava-se a comida com apenas três dedos, o polegar, o indicador e o médio, o que era considerado adequado. Os homens cortavam a carne com a mesma faca que traziam na algibeira e que servia para limpar as unhas.

Os camponeses comiam o que plantavam ou trocavam com os vizinhos. Todos os dias almoçavam e jantavam a mesma coisa e tudo que se preparava para as refeições era devorado, pois não se pensava em guardar, uma vez que a comida estragaria. Dentre os pratos do dia a dia, destacam-se cereais, verduras, legumes, queijo, ovos e sopa, geralmente de ervilha ou feijão. Durante a Idade Média, não se conhecia a batata na Europa. Quem tinha problemas de saúde, recomendava-se comer carne, mas elas raramente eram consumidas pelos pobres, a não ser alguma caça miúda ou, como em períodos de escassez, quando os camponeses comiam pardais e gatos. Aos poucos, os homens medievais passaram a comer mais pão, um pão preto, feito com centeio, duro e, muitas vezes, cheio de pedriscos das moendas dos grãos, que danificavam os dentes. Pão mais claro era privilégio apenas dos abastados.

Quem podia, comia até se empanturrar, pois ninguém se preocupava com dietas ou se o alimento era prejudicial à saúde. Ter a mesa farta, comer e beber do bom e do melhor e em abundância era uma maneira de demonstrar riqueza e status social. As famílias abonadas faziam suas

refeições em grandes mesas, servidas de maneira cerimoniosa por pajens. Havia inúmeros cozidos, assados, tortas e doces, como pudins. Evidentemente, a refeição dos nobres não era saudável, pois comiam muita carne gordurosa. A carne de caça era a preferida, destacando-se a de faisão, perdiz, veado e javali. Também se comia bastante carne de porco, que eram criados em liberdade nos bosques.

Se os pobres só podiam temperar seus alimentos com ervas que plantavam no quintal, como salsa, cominho e endro, os mais abastados utilizavam-se de especiarias, como pimenta, cravo, canela, gengibre, mostarda, amêndoa e noz moscada. Elas vinham do Oriente e, como eram muito caras – uma mão cheia de cravos podia custar o equivalente a um boi – os ricos a empregavam na comida para exibir sua prosperidade, embora muitos nem gostassem do sabor exótico delas. O grau de exibicionismo chegou a tal ponto, que alguns nobres compravam vinhos temperados com pimenta, apenas porque custavam mais caros. Ao contrário do que se imagina, as especiarias não eram empregadas para disfarçar os sabores de alimentos velhos e estragados ou conservá-los, pois, como ficou dito, seu preço era muito elevado. De acordo com alguns livros de medicina medievais, as especiarias facilitavam a digestão, porque liberavam o calor do estômago, favorecendo um “segundo cozimento” da comida ingerida. Além do mais, podiam ser empregadas para curar certas doenças e como afrodisíaco.

Havia também um molho muito comum, que as pessoas usavam em quase todos os pratos, chamado garum. Conhecido também por liquamem, era feito com sal, vísceras e guelras de peixes, vinho e ervas.

Já o açúcar, que chegou à Europa durante a Baixa Idade Média, possuía um preço muito alto e o seu emprego restringiu-se aos mais ricos, que podiam pagar por ele. Em geral, as pessoas utilizavam mel para adoçar a comida.

A água que todos bebiam durante a Idade Média não era filtrada, de maneira que podia conter micro-organismos prejudiciais à saúde. Os abastados substituíam-na por vinho ou por uma cerveja sem gás e mais encorpada do que as atuais. Os pobres também a substituíam por cerveja, mas mais fraca que a dos ricos. Segundo o médico Aldobrandino de Sena, que viveu em meados do século XIII, beber cerveja era bom não só porque facilitava a micção, como também deixava a pele branca e macia. Bebia-se muito o hidromel, uma bebida alcoólica feita a partir de mel fermentado.

Eram servidas em copos de madeira, pois o vidro custava caro, sendo restrito apenas aos nobres.

Passemos agora à higiene do homem medieval. As pessoas não se banhavam, como se costuma afirmar? Não trocavam de roupa? Onde faziam suas necessidades, se não existiam banheiros? Havia banhos públicos como em Roma?

Com relação à higiene, é necessário se levar em conta o período da Idade Média em questão. A grosso modo, pode se afirmar o seguinte. Durante os primeiros anos da Era Cristã, as pessoas ainda se banhavam, por causa dos hábitos romanos. A partir dos séculos IV e V, com o aparecimento dos eremitas, que não se banhavam, e por influência da igreja, que considerava todo contato com o corpo como sendo pecado, as pessoas pararam de se banhar. Só voltaram a fazê-lo a partir da Baixa Idade Média, quando os cruzados regressaram do Oriente e adotaram o costume de banho dos muçulmanos. Nesta época, também começaram a proliferar pelas cidades europeias as casas de banho, que haviam desaparecido após a queda do império romano.

Em geral, as cidades medievais eram sujas, insalubres, apinhadas de pessoas, sem esgotos, de maneira que as doenças tinham mais facilidade para se espalhar. No campo, as aves e pequenos animais entravam e saíam das casas, deitando fezes e urina por toda parte e os porcos defecavam pelas ruas, produzindo enorme sujeira, que ficava ao deus-dará até que as águas das chuvas as levassem para outros lugares. As casas medievais não tinham banheiro, nem possuíam privadas, que só seriam inventadas com descarga no ano de 1596, em Londres, por Sir John Harrington. Homens e mulheres faziam suas necessidades no mato ou em baldes. Só alguns ricos possuíam latrina em casa, chamada de “guarda-roupas”, pois o mau cheiro espantava as traças que destruíam as roupas. Na verdade, essas latrinas não passavam de um buraco com um pedaço de tábua por cima e um fosso por baixo. Após defecar, o homem medieval limpava-se com o que era chamado de “feixe para o rabo”, ou seja, um punhado de feno ou palha. Homens e mulheres estavam acostumados ao mau cheiro um dos outros e a maioria das pessoas parecia não ligar para isso. Exceção à regra era São Tomás de Aquino, que afirmava ser importante se usar incenso no interior das igrejas para disfarçar o odor fedorento dos fiéis.

Durante os primeiros séculos da era Cristã, o costume romano de banhar-se ainda persistia em algumas partes da Europa. Tal hábito, porém,

começou a mudar com o início da Alta Idade Média em virtude da orientação eclesiástica. Santo Agostinho, que viveu entre os séculos IV e V, tinha o hábito de banhar-se rotineiramente, tanto antes, quanto depois de sua conversão ao Cristianismo. São João Crisóstomo, contemporâneo de Santo Agostinho, afirmava que se banhar era algo tão necessário para o corpo quanto a alimentação. Mas os santos, em geral, não eram muito dados a banhos. São Jerônimo dizia que “aquele que foi banhado em Cristo não carece de segundo banho”. E sua amiga Paula, madre superiora de um convento, afirmava que “um corpo limpo e roupa limpa são sinônimos de uma alma suja”. Muitos santos acreditavam que os banhos podiam levar os homens e mulheres à perdição. Santa Agnes, que viveu apenas 13 anos, nunca lavou nenhuma parte de seu corpo e muitos eremitas jamais se banhavam, por mais longa que fossem suas vidas. Certa feita, um médico prescreveu a São Fulgêncio que ele deveria se lavar, para se curar da doença que o acometia. O homem recusou-se peremptoriamente, não aceitando se lavar de maneira alguma. Os santos evitavam banhar-se para não ter que tirar as roupas a fim de não contemplarem seus corpos nus, que poderiam despertar pensamentos pecaminosos. Santa Olímpíada era uma exceção. Ela banhava-se de vez em quando, mas apenas vestida.

Nos mosteiros, somente os monges doentes tomavam banhos. Os outros limitavam-se a lavar as mãos antes das refeições e os pés, por motivos religiosos. Algumas regras monásticas, como a dos beneditinos, proibiam que os monges tomassem banho, principalmente se fossem jovens. Certas ordens religiosas eram mais “liberais” e permitiam três banhos por ano: antes do Natal, da Páscoa e de Pentecostes. Ficava a critério dos monges aceitar se deveriam se lavar ou não. Somente a partir de 1437, este costume começou a se tornar menos rigoroso, quando se estabeleceu que os monges saudáveis já podiam se banhar, mas não mais do que uma vez por mês.

Certamente, os camponeses seguiam este mesmo padrão de banhos anuais. Não se lavavam e tampouco trocavam de roupa, que só tiravam do corpo, quando já estavam terrivelmente sujas e rasgadas. Na Europa, as pessoas mais limpas eram os muçulmanos, que viviam na península Ibérica.

A partir da Baixa Idade Média, homens e mulheres passaram a se banhar com mais frequência. Evidentemente, tais práticas não ocorreram da noite para o dia, mas o cuidado com o corpo se tornou mais higiênico. Era comum se encontrar tinas nas casas e também existiam os banhos públicos,

local de distração e convivência social. Estas casas eram chamadas de “estufas”, e havia três tipos de banho, a saber: uma sala com piscina de água morna, outra com banho a vapor e uma terceira para os banhos tradicionais. Todas as classes sociais podiam frequentar as casas de banho, que se espalharam rapidamente. No século XIV, Londres possuía 18 delas e Paris, 200 anos antes, tinha 26 estabelecimentos. Só na cidade de Bruges, pouco antes da peste, existiam 40 estufas que funcionavam todos os dias, exceto domingos e dias santos. Era um local para encontro de amigos, após a jornada de trabalho. Havia, inclusive, dias especiais para o acesso de judeus e prostitutas, a fim de que eles não se misturassem com os cristãos. Fato curioso é que homens e mulheres se banhavam juntos, todos nus, o que provocava certas indecências, denunciadas pela igreja, sem dizer que isto facilitava o contágio e a transmissão de enfermidades.

Tendo dito algumas palavras sobre a higiene dos monges, aproveito para discorrer um pouco mais a respeito destes religiosos, pois foi graças a eles que se preservou boa parte dos livros e da cultura clássica greco-romana durante a Idade Média. Eles possuíam excelentes bibliotecas nos mosteiros e passavam muito tempo estudando e copiando obras antigas, o que contribuiu para o desenvolvimento de diversas áreas do conhecimento humano, sobretudo, no campo da arquitetura, música e medicina.

Muitos monges dedicaram-se a cuidar de doentes, sendo considerados os primeiros médicos da Idade Média. Por longo tempo, praticaram uma medicina simples, sangrando os pacientes, lancetando abscessos, extraíndo dentes, etc. Os monges eram as únicas pessoas do Ocidente com certa ilustração que restaram na Europa e coube a eles realizar as tarefas dos médicos, assistindo os doentes. Os conhecimentos dos eclesiásticos que se dedicaram à medicina variavam muito de indivíduo para indivíduo. Havia aqueles clérigos que se aprofundavam em estudos de medicina, baseando-se, sobretudo, em Galeno, e havia também monges cujos conhecimentos eram bastante limitados, quase sempre hauridos na prática do dia a dia.

Os beneditinos exerciam a medicina, atendendo a população que morava nas imediações dos mosteiros e outros que os procurassem. Alguns mosteiros tinham uma ala dedicada a tratar de pacientes de fora da abadia. As *hospitalias*, como eram conhecidas, atendiam doentes que vinham buscar ajuda dos monges para a cura de seus males. Dessa forma, enfermarias foram surgindo em inúmeros monastérios. Os monges

plantavam e colhiam no próprio jardim as plantas medicinais de que precisavam para tratar os enfermos. Sempre que um doente pedia auxílio para se cuidar num mosteiro, os monges o acolhiam. Com o tempo, passaram a visitar também os enfermos em suas casas, mas isso acabava ferindo as regras das ordens, pois os monges podiam cair em tentação.

Em vista disso, no século XII, a cúpula da igreja chegou à conclusão de que os monges que se dedicavam à medicina estavam deixando de lado suas obrigações religiosas propriamente ditas, afastando-se de seus votos e, por isso, as autoridades eclesiásticas tomaram algumas medidas para resolver o problema. A igreja não proibia que monges praticassem a medicina. O que era proibido é que eles tivessem lucro com isso

De acordo com o Édito do Concílio de Latrão, os monges ficaram proibidos de exercer a medicina fora dos muros dos mosteiros. Com o Édito do Concílio de Tours, foram proibidos de executar qualquer cirurgia em virtude do tabu do sangue. Durante esse tempo, o clero ainda exercia muita influência na medicina. O confessor do papa Inocêncio IV, o bispo Teodorico, foi um célebre cirurgião. Nos séculos XIII e XIV, há registros franceses de inúmeros bispos médicos.

Por volta do ano de 1100, uma lei eclesiástica obrigava os monges dos mosteiros a realizarem sangrias periódicas, para que se purificassem. Os barbeiros, que já frequentavam os mosteiros para tonsurar os monges, viram seus rendimentos aumentados, pois passaram a sangrar também os religiosos.

Uma curiosidade sobre eles é que, durante a Idade Média, os monges não tiravam seus hábitos, o que podia causar surpresas extraordinárias. Quando certo frei Giuseppe morreu e o despiram para lavar o seu corpo, descobriram assombrados que ele era uma moça!

E como era a educação na Idade Média? As pessoas sabiam escrever? Não existia papel? Quando surgiram as primeiras universidades? Elas eram frequentadas por muitos estudantes?

Em geral, os homens do povo e inúmeros barões não sabiam escrever nem mesmo o próprio nome, que assinavam rabiscando uma cruz sobre os documentos, conforme era o costume do tempo. Poucos reis podiam se dar ao luxo de escrever um texto. Curiosamente, algumas pessoas sabiam ler, mas não escrever. Durante a Alta Idade Média, praticamente apenas os religiosos que viviam em mosteiros sabiam

escrever. Havia poucas escolas, quase sempre ligadas a conventos e mosteiros e elas atendiam a um número reduzido de crianças. Livros eram raros e difíceis de encontrar; muitas vezes, copiados por monges ignorantes, de maneira que os erros abundavam. O papel era desconhecido na Europa, embora já fosse empregado no Oriente desde o século II a.C. Somente passou a ser difundido no Ocidente por volta do ano mil, após ter sido trazido pelos árabes. Até então, os livros eram escritos em pergaminhos, feitos a partir de pele de cabra, carneiro ou vitelo. Como eram muito caros, costumavam ser empregados com parcimônia. Às vezes, raspavam o texto de um pergaminho a fim de utilizá-lo novamente, escrevendo outro texto por cima. São os chamados palimpsestos. O documento europeu mais antigo redigido em papel que se tem notícia é uma ordem da condessa normanda Adelásia, primeira mulher do rei Rogério I, escrita em grego e árabe, datando do ano de 1109.

Até então, a cultura, as ciências, as artes, viviam dentro dos muros dos monastérios. Esse quadro apenas começou a mudar com a fundação das primeiras universidades. Durante a Idade Média, os estudos estavam divididos em dois planos: o *trivium* e o *quadrivium*. O *trivium* consistia em estudos elementares e intermediários, quase sempre predominando matérias como retórica, lógica, dialética e gramática. Já o *quadrivium* consistia em estudos superiores, predominando aqueles de caráter científico, como a medicina.

Quando as universidades começaram a aparecer, ainda eram os monges que atuavam como professores. Era normal um estudante ingressar na universidade com apenas 13 anos. Elas passaram a surgir na Europa a partir do século XI e, dentre as primeiras, estão Montpellier, Paris e Bolonha. A mais antiga é a Universidade de Bolonha, que foi criada em 1076, mas só começou a exercer as suas atividades em 1088. Fundada por Frederico I, Barba Ruiva, possuía um modelo próprio de exigências curriculares, tendo se especializado em estudos jurídicos, embora o curso de medicina também apresentasse grande destaque. O estudante permanecia em regime interno e era obrigado a defender uma tese antes de se formar. Em 1170, foi fundada a Universidade de Paris, onde estudou e lecionou São Tomás de Aquino, que morreu aos 49 anos. Certamente, Salerno teve seu início antes destas, mas ela não é considerada uma universidade, mas uma escola de medicina. Outra importante universidade de medicina é a de

Pádua, fundada em 1222 e que teve Vesálio como um de seus grandes professores.

Ao contrário do que se pode imaginar, o número de estudantes nas universidades medievais era grande. Bolonha chegou a possuir mais de 10 mil estudantes por ano, que escolhiam seus professores e pagavam diretamente o salário para eles. No século XIII, a Universidade de Paris chegou a ter 30 mil estudantes.

Nas universidades de medicina medievais, os alunos aprendiam, sobretudo, práticas médicas baseadas em Hipócrates e Galeno que já tinham, pelo menos, mil anos de idade. Era comum os estudantes acompanharem seus mestres, quando estes visitavam os pacientes, para que pudessem aprender na prática como tratar os doentes. Em geral, o curso universitário durava seis anos, quando o aluno se formava e obtinha a sua “licença” para clinicar. Ainda permanecia mais dois anos na universidade, ensinando e cuidando dos doentes, para conseguir o título de mestre. Em muitas regiões, os governos procuravam punir severamente aquelas pessoas que exerciam a medicina sem estarem habilitadas.

Algumas curiosidades sobre a vida universitária daquele tempo. Segundo Jacques Le Goff, somente em 1452, no final da Idade Média, foi abolida a obrigação do celibato para professores universitários de medicina. Já pelo final do século XIV na Inglaterra, quem era solteiro não podia se formar em medicina, o que excluía os religiosos. E conta-se que os estudantes medievais eram violentos. Aqueles que estudavam na Universidade de Paris, eram obrigados a jurar, antes de prestarem qualquer exame, que não iriam se vingar dos professores, caso fossem reprovados. Por ordem do papa Urbano V, a partir de 1366, os estudantes de Paris deveriam assistir às aulas sentados no chão, e não em bancos, como demonstração de humildade.

Por ser considerado um dos mais antigos centros de estudos de medicina da Europa e por ter sido de enorme influência ao longo de toda a Idade Média, convém dizer mais algumas palavras sobre a escola de Salerno.

Desde a antiguidade, a cidade de Salerno já possuía fama de uma localidade excelente para repouso e cura de doenças. A escola de medicina teria surgido no sul da Itália durante o século X, alcançando seu apogeu nos dois séculos seguintes. Por localizar-se num porto, o acesso de quem a

procurava se achava facilitado, pois ela também funcionava como hospital, atendendo muitos cavaleiros que retornavam das cruzadas.

Na verdade, a primeira escola de medicina que apareceu na Europa foi fundada pelos sábios muçulmanos em Córdoba, Espanha. Foi a partir dela que todo conhecimento médico árabe entrou na Europa, bem como as primeiras traduções de textos árabes para o latim. Já a escola de Salerno é considerada a primeira escola médica na Europa fundada pelos ocidentais. Era um excelente centro de medicina e serviu de modelo para as universidades que apareceram depois, como Bolonha, Paris e Montpellier.

Suas aulas eram realizadas em hospitais e laboratórios e os médicos que se formavam em Salerno gozavam de enorme prestígio. Ali, ensinava-se uma medicina de caráter essencialmente prática, com professores e alunos sempre ao lado dos enfermos. Uma das características mais marcantes da escola de Salerno é que as mulheres também podiam frequentar as aulas.

Dentre as mulheres mais importantes ligadas à Escola de Salerno, destaca-se uma médica chamada Trotula, a quem é atribuído um livro sobre obstetrícia e ginecologia, *De passionibus mulierum*. Alguns historiadores negam que Trotula de Salerno tenha de fato existido e pouco se sabe de sua vida. Consta que ela era de família nobre e se casara com o médico João Plateário, com quem teria tido dois filhos, também médicos. Ela teria vivido na corte do último príncipe lombardo de Salerno, Gisulfo II, durante o século XI. Junto de outras mulheres, elas teriam criado uma espécie de junta de mulheres médicas, as “mulieres salernitanae”, a quem são atribuídas algumas obras de medicina do tempo.

Frederico II, imperador do Sacro Império Romano Germânico e das Duas Sicílias, decretou no ano de 1224 que nenhuma pessoa poderia exercer a medicina no reino, caso não possuísse um diploma da escola de Salerno. O curso de medicina e cirurgia durava cinco anos, mais um ano de prática junto a médicos experientes. Os estudantes também deveriam estudar três anos de Lógica. Seus estudos eram baseados na teoria clássica dos quatro humores.

Pouco se sabe sobre a fundação da escola. De acordo com a tradição, ela foi fundada por quatro médicos: um cristão, Salernus, um grego, Pontus, um árabe, Adela e um judeu, Helinus. Embora esta hipótese possa não ser verdadeira, ela demonstra que, desde as suas origens, a escola de Salerno pautou-se pelo ecletismo e diversidade em suas raízes.

Dentre seus notáveis mestres, destaca-se o nome de Constantino, o Africano, que era natural de Cartago. Durante quarenta anos, ele havia trabalhado no Egito, Índia, Síria e Etiópia, acumulando vasta experiência. Após ter viajado muito e aprendido inúmeras línguas, retornou à sua cidade natal, Cartago, onde passou a clinicar. As suas curas eram tão impressionantes, que ele foi acusado de feitiçaria, tendo sido obrigado a fugir vestido como mendigo para não ser executado. Foi acolhido em Salerno.

Outro médico famoso de Salerno foi Gariopontos, que no ano de 1050 escreveu um manual de medicina, intitulado *Passionarius*, baseado em Galeno e que foi muito utilizado pelos estudantes da escola.

Mas o livro mais importante produzido pelos mestres de Salerno foi, sem dúvida, o *Regimen Sanitatis Salernitanum*, que marcaria época por toda a Idade Média. Ele tratava de higiene, dietas, exercícios, recomendações sobre o sono, o trabalho, a moderação no comer e beber, ervas medicinais, entre outros assuntos. Estima-se que o *Regimen Sanitatis Salernitanum* teve mais de 1500 edições, tendo sido publicado até a Renascença. Seus aforismos foram escritos em versos, o que facilitou a popularização de seus conhecimentos médicos. Conta-se que teria sido escrito em homenagem ao Duque da Normandia, Robert, filho de Guilherme I, o Conquistador, que unificou a Inglaterra. De acordo com a lenda, Robert foi ferido num dos braços por uma flecha, quando se encontrava no Oriente, lutando contra os infiéis durante a primeira cruzada. Ao retornar à Europa, com a ferida infeccionada e vertendo pus, foi consultar-se com os médicos de Salerno, que o examinaram e chegaram à conclusão de que a flecha estava envenenada. O único tratamento possível era chupar a ferida para lhe extrair o veneno, mas ninguém se apresentou para isso, pois todos temiam também ser envenenados por aquele líquido purulento que escorria da ferida. Sibila, a sua bela esposa, decidiu ajudar o marido e extraiu todo o veneno com seus próprios lábios. Robert curou-se em pouco tempo, mas a esposa acabou morrendo envenenada. Dizem que os professores de Salerno se reuniram e escreveram o *Regimen Sanitatis Salernitanum*, para auxiliar Robert a manter a sua saúde. Para se ter uma existência longa e boa, o livro aconselhava:

*“Se queres viver incólume, se queres viver são,
Afasta os cuidados graves, crê que é funesta a ira,*

*Sê parco na bebida, ceia pouco, não te pareça vão,
Levanta-te depois de comer, evita a sesta da tarde,
Não retenhas a urina, não apertes o ânus com força.
Se isto observares, longo tempo viverás.”*

A escola de Salerno funcionou até o século XIX, quando foi fechada por ordens de Napoleão.

Tendo citado Trotula de Salerno, aproveito para discorrer um pouco mais sobre as mulheres na Idade Média. Elas eram consideradas inferiores aos homens? Como era a vida delas? Quais as suas tarefas diárias? Qual a primeira médica que a história registra? Elas se dedicavam à Medicina?

Segundo o historiador escocês William Robertson, o grau de civilização de um povo pode ser medido de acordo com que este trata a mulher. A maioria dos povos antigos considerava a mulher um ser inferior. Na mitologia hebraica, Eva condenou toda a humanidade ao pecado por ter comido do fruto proibido. Na obra *Eumênidas* de Ésquilo, Apolo sustenta que “a mãe não é a genetriz daquele que se chama seu filho, mas, apenas, a ama do germe depositado em seu seio. Só o homem cria.”. E Platão afirmava que a punição para as almas dos homens era, numa segunda vida, encarnar numa mulher e, numa terceira, num animal...

Em seu livro, escrito no século XII, Beaumanoir aconselhava que os maridos só deveriam bater em suas mulheres “razoavelmente”. E muitos doutores da igreja também não viam as mulheres com bons olhos. Santo Agostinho considerava-as inferiores do ponto de vista intelectual e suas ideias influenciaram muito a igreja, que decidiu mantê-las afastadas dos cargos de direção. Por sua vez, São Jerônimo afirmava que “o contato da mulher é como se fosse infeccioso e envenenado para o homem, devendo ser evitado tanto quanto a mordedura de um cão danado”. Durante a Alta Idade Média, sobretudo, as mulheres são vistas como fonte de tentação e perdição para o homem. Já no início do Gênesis, afirma-se que ela foi criada a partir de uma costela supérflua do homem, ou seja, uma costela que não tinha grande utilidade. De acordo com a ideia geral, Deus as havia feito fisicamente e mentalmente inferior aos homens e, além disso, elas tinham causado a expulsão do homem do Paraíso.

Uma das principais virtudes femininas do tempo era a obediência, ou seja, as mulheres bem vistas socialmente eram aquelas que obedeciam aos homens. Não era conveniente que elas soubessem escrever, pois estariam

mais a mercê de seus amantes, com quem poderiam se corresponder. Também se esperava que fossem recatadas, não muito faladeiras e pouco ambiciosas. O que se esperava delas é que soubessem fiar e bordar. Por sua vez, a igreja as incentivava a entrar para conventos. Mas tal incentivo não era apenas para salvá-las do fogo do inferno. Havia um interesse financeiro por trás disso. Quando uma jovem ingressava numa ordem religiosa, todos os bens a que ela tinha direito eram entregues para a ordem em questão.

Com o tempo, quando as pessoas passaram a viver mais em cidades, a situação delas melhorou um pouco. Muitas puderam começar a trabalhar e ganhar seu próprio dinheiro. Durante a Baixa Idade Média, foi surgindo entre os cavaleiros o culto da mulher amada, ao mesmo tempo em que se intensificava o culto da Virgem Maria. Nos campos de batalha, era a lembrança da mulher amada que fazia o cavaleiro lutar de maneira destemida, sonhando em regressar para os braços da eleita de seu coração. Caso viesse a morrer nas mãos do inimigo, era com ela que estariam os seus pensamentos no instante em que haveria de cerrar os olhos. A mulher medieval, também na voz dos poetas, passou a ser adorada, embora tenha sido elevada a um ideal quase inatingível.

Em linhas gerais, o dia a dia de uma mulher comum na Idade Média resumia-se ao seguinte. Ao acordar, acendia o fogo e ia alimentar os animais, como galinhas, vacas e cabras. Enrolava o colchão de palha e varria o chão de terra da choupana. Eram as mulheres que iam buscar água no poço da aldeia. Cultivava a sua horta e, durante alguns dias da semana, a horta do seu senhor. Ia ao bosque apanhar lenha para aquecer a casa. Ordenhava a vaca e recolhia os ovos das galinhas. Se sobrasse tempo, fiava tecidos para uso e, se fosse o caso, para vender nos mercados. Preparava a sopa e o pão para o jantar. Já a mulher nobre tinha como principal missão gerar um filho homem para herdar as terras do senhor.

Era normal as mulheres se casarem com pouca idade, a maior parte das vezes entre os doze e quinze anos, visto que a expectativa de vida delas não era muito longa, mal alcançando os quarenta anos. Evidentemente, havia as longevas, que viam seus filhos e netos morrerem, mas eram a minoria. Em geral, procriavam bastante e trabalhavam sem descanso a vida toda. Cabia a elas cuidar dos filhos, da casa, da alimentação dos familiares. Se tivessem tido a sorte de nascer numa família abastada, casariam com um homem de sua classe social ou iriam para um convento.

As mulheres, principalmente da nobreza, eram muito vaidosas. O padrão de beleza era ser loira, possuir a testa alta e ter a pele branca ou ligeiramente rosada. Para conseguir isso, muitas delas costumavam tingir os cabelos de loiros com uma mistura de casca de sabugueiro, flor de giesta, açafão e gema de ovo. Já Trotula de Salerno dizia que, para a mulher ficar com a pele do rosto rosado, devia apanhar raízes de briônia vermelha e branca, secá-las, triturá-las até que se transformem em pó e, após adicionar água de rosas, passar no rosto com um pedaço de pano.

Uma curiosidade era como as mulheres tratavam os hóspedes. Um dos costumes da hospitalidade medieval era de que as damas fizessem massagens nos hóspedes que passavam as noites em suas casas. Tais massagens, quase sempre realizadas já na cama, para que os hóspedes adormecessem, acabavam terminando muitas vezes em licenciosidade, já que era hábito de todos dormirem nus na Idade Média...

Com relação à medicina, as mulheres sempre estiveram ligadas aos cuidados dos doentes. Basta lembrar que no ciclo de novelas arturianas, os cavaleiros feridos são todos entregues aos cuidados delas. Segundo Ritchie Calder, a primeira mulher médica da história teria sido certa Neferirica-Ra, médica chefe do faraó, por volta do ano 2730 a.C. Os atenienses proibiam que mulheres e escravos estudassem medicina. Decorre daí que inúmeras moças gregas morriam, quando iam dar à luz, porque se recusavam a ser atendidas por homens. Conta-se que uma das primeiras mulheres a exercer a profissão de médica no mundo antigo foi Agnódice, que cortou os cabelos curtos e vestia-se com roupas de homem para estudar com Herófilo em Alexandria, onde existia uma escola de medicina importante. Ela dedicou-se a realizar partos e, quando as mulheres se recusavam a serem atendidas por ela, imaginando que se tratasse de um homem, Agnódice abaixava as calças e lhes mostrava que era mulher. Foi acusada de seduzir suas pacientes e, por isso, levada à corte ateniense para responder tais acusações. Diante do areópago, abaixou as calças e mostrou que ela não era homem. A partir daí, os atenienses fizeram uma emenda na Lei, permitindo que mulheres pudessem exercer a medicina.

Durante a Idade Média, as mulheres também se dedicaram à medicina, mais do que se supunha até algumas décadas atrás. Muitas conheciam a ciência médica por exercê-la na prática. Sabiam cuidar de ferimentos, fazer partos e realizar abortos, além de prescrever ervas para diversos males. Mas não trabalhavam somente como parteiras, existindo

registros nos séculos XIII a XV de médicas, cirurgiãs e barbeiras. No ano de 1321, o Duque Carlos de Calábria concedeu à esposa de Matteo Romano, uma mulher chamada Francesca, uma láurea em medicina. Outra médica que se destacou durante o período medieval foi Hildegard von Bingen. Ela dedicou-se a vários ramos do conhecimento humano, de filosofia às artes, chegando mesmo a inventar uma língua secreta. Em medicina, escreveu inúmeros tratados, onde demonstra o poder de ervas e rochas na cura de doentes.

Passemos agora a redigir algumas linhas sobre como as pessoas viam a morte e como concebiam a vida no Além.

Durante a Idade Média, os doentes morriam em casa, cercados pelos familiares e amigos. Quando um ente querido falecia, era comum as pessoas observarem o luto por cerca de um ano. Grande parte da população morria muito cedo. Segundo estudos recentes, acredita-se que mais de 40% da população não chegava aos 20 anos. De um modo geral, a expectativa de vida de homens e mulheres era de 40 anos. Por isso, inúmeros casamentos aconteciam ainda na adolescência, sobretudo para as mulheres, que ficavam grávidas com frequência.

Os gregos e romanos haviam difundido o preto como a cor do luto. Segundo Isidoro de Sevilha, no início da Alta Idade Média, era costume as mulheres vestirem os defuntos de vermelho, numa clara alusão ao sangue, pois se acreditava que este era a sede da alma. Em muitas regiões, o preto só foi adotado no final da Baixa Idade Média, por volta do século XIV. As pessoas de luto usavam roupas brancas, símbolo da pureza. Segundo a tradição, Cipriano pregava o uso de vestes brancas, simbolizando a ressurreição.

É certo que o homem medieval temia a morte; porém, temia mais o que vinha depois dela, a vida no Além. De acordo com a lei romana, era proibido que um cadáver fosse enterrado ou cremado no interior dos muros de uma cidade. Este costume começa a ser mudado com Constantino e, a partir daí, os homens mais abastados da sociedade passaram a sepultar os seus entes queridos nas igrejas, *ad sanctos*, ou seja, perto das relíquias de seus santos queridos, mesmo que isso ainda fosse proibido em muitas cidades. Todos desejavam enterrar seus mortos próximos dos santos de sua devoção e dos quais esperavam facilitar sua jornada no outro mundo. Tal costume, contudo, era censurado por algumas pessoas, como o próprio Santo Agostinho, que dizia que o destino do corpo de um defunto não tem

grande influência na vida da alma após a morte. Segundo as palavras de Teodulfo d'Orléans, que viveu entre os séculos VIII e IX, as igrejas haviam se transformado em cemitérios.

Uma curiosidade com relação aos mortos era que homens e mulheres da Idade Média nutriam verdadeiro terror de que pessoas ruins pudessem regressar da morte a fim de atormentá-los outra vez. Por isso, cortavam as pernas de muitos cadáveres ou os enterravam em encruzilhadas, para que eles não soubessem que caminho tomar. Como se vê, as pessoas eram bastante supersticiosas e se acreditava que os espíritos de alguns falecidos vagavam pelos bosques e locais ermos.

Durante muito tempo, os homens medievais acreditaram que Deus interferia diretamente nos negócios humanos. Nem um fio de cabelo caía da cabeça de um camponês qualquer, sem que esta fosse a vontade divina. Após as cruzadas, porém, quando os europeus entraram em contato com a civilização muçulmana e regressaram do Oriente com uma nova visão de mundo, esta concepção começou a mudar. Algumas pessoas passaram a indagar se tais crenças eram de fato verdadeiras e puseram-se a duvidar de que Deus não atendia às orações e súplicas dos homens e tampouco se metia em seus negócios terrenos, deixando que estes resolvessem seus problemas por conta própria. A grande maioria, contudo, procurava seguir rigorosamente o que os padres diziam, porque temiam que os pecadores iriam pagar por seus pecados no outro mundo. Quem seguisse as orientações da igreja teria uma boa possibilidade de alcançar o Céu e não queimar eternamente no fogo do Inferno.

Porém, havia um problema. Nem todas as pessoas eram boas o suficiente para alcançar a graça do Paraíso, embora não fossem más o bastante para viver ao longo da eternidade padecendo nos domínios do demônio. Foi então que, no século XIII, a cúpula da igreja teve uma grande ideia e criou o Purgatório, um local de transição, destinado às almas das pessoas que não tinham levado uma vida tão virtuosa, nem eram tão ruins. Ali, elas permaneceriam por algum tempo, pagando seus pecados, até que estivessem purificadas para alcançar o Céu. Imediatamente, tal ideia obteve um enorme sucesso, pois aliviava os terrores de inúmeras pessoas que temiam ir direto ao Inferno.

Havia ainda outro problema. Grande número de mulheres morria durante o parto e inúmeros recém-nascidos não sobreviviam aos primeiros dias de vida. Como a igreja podia explicar qual seria o destino das almas

destas crianças, que morriam sem o batismo e, portanto, em pecado? Mesmo sendo inocentes, a igreja condenava a alma dessas crianças ao Inferno. Com o tempo, homens da envergadura de Pedro Abelardo e São Tomás de Aquino começaram a questionar estas verdades e a igreja acabou criando para elas um local onde suas almas permaneceriam sem padecer o fogo do Inferno, mas seriam privadas da visão de Deus. Estava criado o Limbo.

Tendo dito algo sobre a religião na Idade Média, aproveito para tratar um pouco a respeito dos santos, estas entidades que eram consideradas autênticos elos de ligação entre os homens e Deus. As pessoas tinham verdadeira loucura por eles e muitos eram vistos como astros de rock ou estrelas de cinema dos nossos dias. Era comum, como até hoje, multidões se dirigirem em peregrinações às igrejas onde seus santos protetores se achavam enterrados, não só para pedir pela cura de alguma doença, mas também para agradecer uma graça alcançada. Todos acreditavam que os santos eram homens com poderes especiais e, mesmo ainda vivos, podiam curar as doenças. Segundo uma lenda antiga, Santo Lutgarde curava os doentes com a sua saliva, enquanto que as migalhas mastigadas por Santa Colete produziam melhoras sensíveis nos enfermos em poucos dias. Já a água com que Santa Eustadiola lavava o rosto e as mãos fazia com que os cegos voltassem a enxergar.

Muitas aldeias possuíam relíquias de santos, como sapatos, cabelos, unhas, das quais todos se orgulhavam. Não era só o povo que acreditava no poder miraculoso das relíquias dos santos, mas o próprio clero. Supunham que elas podiam realizar milagres, como a cura de doenças. Além do mais, presumiam que tinham o poder de manter o demônio longe. Muitas vezes, o fanatismo da população era tamanho, que as pessoas nem esperavam um santo esfriar no seu túmulo para lhe tirar as vestes. Conta-se que Santa Isabel de Hungria mal cerrou os olhos e uma multidão de fieis passou a lhe arrancar os cabelos, as roupas, os dedos e até as orelhas e os bicos dos seios. Os santos corriam real perigo por causa de seus despojos mortais. Dizem que São Francisco ainda estava agonizando, quando começaram a discutir ferozmente para ver quem ficava com seus cabelos e suas unhas. São Romualdo, que morava em um mosteiro da Catalunha, foi alvo de uma terrível conspiração. O santo desejava viajar para a Itália. Quando os habitantes da cidade souberam disso, começaram a temer que ele pudesse morrer durante a viagem, longe de casa, de maneira que os fiéis se veriam

privados de seus restos mortais. Para evitar tamanha calamidade, resolveram assassiná-lo.

Por intermédio dos santos, as pessoas buscavam o alívio para os seus sofrimentos terrenos. Se Jesus e Nossa Senhora eram vistos como clínicos gerais, invocados para a cura de todas as enfermidades, muitos santos eram considerados como médicos especialistas e cada um cuidava de uma parte específica do corpo. Santa Luzia era invocada para problemas nos olhos e São Patrício contra a raiva. Santo Acácio, também doença dos olhos, Santa Bárbara fazia baixar a febre, Santa Catarina de Alexandria cuidava das doenças na língua, São Dionísio era invocado para dores de cabeça, Santo Egídio contra a loucura, Santo Erasmo tratava de cólicas e dores de barriga, São Jorge era uma espécie de dermatologista e cuidava dos problemas de pele, Santa Margarida de Antioquia zelava pelas parturientes. As pessoas invocam Santo Antão para curar doenças infecciosas e, mais especificamente, a herpes zoster, ou “fogo de Santo Antão” e São Cristóvão para proteger na outra vida aqueles que morriam repentinamente. São Valentino era especialista em tratar pessoas que tinham epilepsia e São Roque, o santo adolescente, protegia homens e mulheres da peste. Todos invocavam Santa Apolônia, quando tinham dores de dentes. Para problemas da garganta, rogavam auxílio de São Braz, pois afirmavam que ele havia curado uma criança que engasgara com uma espinha de peixe. Por sua vez, Santo Artêmis curava problemas genitais.

Dois santos merecem maior atenção neste estudo, pois se dedicaram a curar os enfermos em vida. Os gêmeos Cosme e Damião eram médicos e exerciam a profissão na Síria durante o século IV. Foram responsáveis por inúmeras curas milagrosas, dentre elas, a mais célebre diz respeito ao transplante de uma perna negra para um homem branco, representada em pinturas de Fra Angelico e Fernando Gallegos. Conta a lenda que um homem estava com a perna gangrenada e, caso não fosse amputada, perderia a vida. Cosme e Damião dirigiram-se a um cemitério e, dentre os cadáveres à disposição, a única perna que estava em condições para o transplante era a de um negro etíope. Eles a serraram na altura necessária e a transplantaram no enfermo. Nunca cobravam nada de seus pacientes, exercendo a medicina por caridade. O próprio imperador Justiniano foi curado de uma enfermidade, após ter visitado os sepulcros de Cosme e Damião. Por isso, mandou construir um santuário em honra deles na cidade de Constantinopla. Como se tornaram cristãos e se recusavam a cultuar os

deuses romanos, o imperador Diocleciano mandou executá-los. Cosme e Damião foram declarados patronos da medicina no ano de 530 pelo papa Félix IV. Atualmente, os santos são considerados padroeiros dos feridólogos.

Cabe, agora, dizer algumas palavras sobre outro grupo que exercia a medicina, como feiticeiros, bruxas e charlatões.

Se, durante a Idade Média, os santos eram considerados os intermediários entre os homens e Deus, os feiticeiros e as bruxas eram vistos como os intermediários do diabo na terra.

Para os antigos, as doenças eram causadas por demônios ou espíritos maus, que podiam ser espíritos de animais mortos ou mesmo de seres humanos. Também se acreditava que uma pessoa adoecia, porque tinha ofendido a Deus.

Evidentemente, era mais interessante recorrer ao socorro sobrenatural para curar os males do que aos próprios médicos. Afinal, feiticeiros, benzedoras e bruxas estavam acostumados a lidar com entidades do outro mundo, sem dizer que os médicos eram raros e cobravam mais caro por seus serviços. Daí, muita gente na Idade Média, quando adoecia, preferia procurar pessoas que apelavam para as forças do Além, em vez de buscar auxílio na medicina tradicional.

Os feiticeiros, que provavelmente foram as primeiras pessoas a exercer a medicina, destacavam-se dos outros homens porque diziam conhecer o poder das ervas, o mistério das estrelas e dos venenos. O povo acreditava que estes feiticeiros tinham não só poder para curar os doentes, como lançar uma doença sobre uma pessoa sadia.

Em geral, não importa de que parte da terra ele é ou de que tempo, o curandeiro bruxo costuma se vestir quase sempre com um aspecto aterrorizador, cobrindo-se com pele de animais para se assemelhar a monstros. Um dos objetivos disso é impressionar o paciente, fazer com que ele acredite em seu poder. Eles costumavam vender amuletos e poções para evitar as doenças. O clero perseguia os feiticeiros e as bruxas, porque se acreditava que possuísem poderes terríveis, oriundos de sua intimidade com Satanás. Lembre-se que, durante a Idade Média, a crença no demônio era muito forte.

Alguns dos tratamentos sugeridos pelos feiticeiros e bruxas eram curiosos. Conta-se que, na Transilvânia medieval, uma mulher adoeceu gravemente e não dava mostras de se recuperar. Um benzedor foi chamado

e disse que a filha da mulher deveria cortar uma galinha ao meio e pregar as duas partes no batente da porta, para que a força espiritual da ave passasse para a mãe, fazendo com que ela recobrasse a saúde.

Se a filha executou o conselho ou se a mãe se recuperou é o que não sabemos. Muitas feiticeiras eram procuradas pela população para o tratamento de feridas. Para tanto, empregavam ervas medicinais, ovos, teias de aranha, quando não cauterizavam os ferimentos com óleo quente. Sabe-se que algumas bruxas empregavam o primeiro fluxo menstrual de uma virgem como filtros amorosos. Outro filtro amoroso também muito utilizado pelas feiticeiras era preparado a partir de placenta humana seca e moída. Bastante comum as bruxas fabricarem poções e afrodisíacos para conquistar os homens. Segundo o abade Odo de Cluny, algumas mulheres introduziam um peixe vivo na vagina, por orientação das feiticeiras, e aí o deixavam até que morressem. Depois, assavam-no e o davam para seus amantes comer, pois acreditavam que, dessa forma, eles passariam a amá-las intensamente.

Durante a Idade Média, era muito corriqueiro que charlatões, que se passavam por médicos, viajassem de cidade em cidade para curar doentes e vender seus tônicos milagrosos. Eles ofereciam à população pomadas, emplastos e outras panaceias, de que o povo gostava muito, principalmente quando o vendedor dizia que no composto entravam vários elementos secretos. Quase sempre, estes embusteiros possuíam cúmplices na plateia, que se apresentavam como antigos pacientes tratados com sucesso por tais médicos, dando fé da capacidade deles perante a ingenuidade do povo.

Feito este breve panorama sobre a vida cotidiana medieval, passemos agora a analisar de maneira sucinta a medicina praticada antes da Idade Média.

**MEDICINA PRATICADA
ANTES DA IDADE MÉDIA**



MEDICINA PRIMITIVA

DESDE OS TEMPOS MAIS REMOTOS, para enfrentar as doenças e a morte, as pessoas procuraram buscar ajuda com seus semelhantes. Os primeiros médicos, aqueles que devem ter existido quando os homens ainda não eram sedentários e viviam da caça e da coleta, migrando de uma região para outra, certamente procuravam tratar os doentes com o poder da magia, tentando alcançar a cura dos enfermos através das graças de seus deuses. Medicina e religião sempre caminharam lado a lado, tanto que sacerdotes, mágicos, curandeiros e feiticeiros eram que praticavam a arte de curar o próximo. Para lesões como pernas ou braços quebrados, nossos ancestrais já utilizavam talas de madeira para imobilizar os ossos há milhares de anos. Aos poucos, na China, Índia, Egito e Mesopotâmia, alguns homens foram começando a se especializar no tratamento das doenças de seus semelhantes. Passaram a se questionar a respeito do motivo pelo qual o organismo adoecia, bem como procurar soluções para o restabelecimento da saúde.

TREPANAÇÃO

A TREPANAÇÃO É UMA CIRURGIA que remonta a tempos muito antigos, tendo sido praticada por nossos ancestrais de maneira sistemática. Sabe-se que, há dez mil anos antes de Cristo, ela já era realizada. Arqueólogos encontraram crânios trepanados em todas as partes do mundo, indicando a sua prática sistemática por povos diferentes. Dentre os antigos, os incas do Peru eram verdadeiros mestres em tais cirurgias. A trepanação consiste na abertura de um pequeno orifício no crânio e também foi uma operação bastante comum durante a Idade Média.

Nas antigas civilizações, o orifício da trepanação podia ser redondo ou quadrado e, em muitos casos, chegava a cinco centímetros de diâmetro. Elas eram realizadas por médico-feiticeiros, que usavam como instrumentos cirúrgicos pontas afiadas de pedra ou sílex, os quais serviam também para pequenas cirurgias, como drenar abscessos e realizar sangrias. Ao longo da Idade Média, os crânios eram perfurados com uma ferramenta chamada trefina que, muitas vezes, era feita por ferreiros da aldeia. Curiosamente, encontraram-se crânios com mais de uma trepanação, indicando que a primeira cirurgia não foi suficiente para curar o enfermo. No Museu do Homem, em Paris, existem crânios que foram trepanados e tiveram os bordos cicatrizados, provando que tais cirurgias podiam ser bem-sucedidas, pois os pacientes sobreviveram por alguns anos.

Por que esses médico-feiticeiros realizavam trepanações? Há apenas hipóteses e hoje é difícil compreender o real motivo por que eles faziam isso. É possível que através de buracos no crânio, eles imaginassem que poderiam aliviar fortes dores de cabeça ou ainda curar epilepsia ou demência. O mais provável, porém, é que praticavam a trepanação por acreditar que isto liberaria os demônios que existiam dentro do corpo de um determinado indivíduo. Ao se abrir um orifício na cabeça, os espíritos malévolos poderiam sair através dele. Alguns historiadores ainda sugeriram que a trepanação daria poderes especiais ao trepanado, uma espécie de consciência superior ou um elo cósmico, uma janela aberta em seu cérebro que o ligava diretamente aos deuses.

Seja como for, o sofrimento desses infelizes era terrível. Não existiam anestésicos e as poucas substâncias que podiam ser empregadas para aliviar a dor não se mostravam totalmente confiáveis. O mais comum

era embriagar o paciente, que permanecia seguro por alguns homens fortes, enquanto o médico-feiticeiro abria um buraco na sua cabeça. Ele gemia, esperneava e debatia-se violentamente, urrando de dor, até que acabava desmaiando. Se o doente morria, era porque os deuses assim desejavam.

MEDICINA MESOPOTÂMICA

OS POVOS MESOPOTÂMICOS EMPREGAVAM magia e adivinhação para diagnóstico e tratamento de moléstias, já que acreditavam que elas eram a vontade dos deuses. Quando alguém adoecia, era porque o próprio doente ou alguém da família dele havia cometido um pecado, ofendendo as divindades. Assim, a doença nada mais era do que uma punição efetuada por algum deus ofendido. Para não cair no desagrado das entidades celestiais, as pessoas deviam andar na linha.

Utilizavam ervas com frequência para a cura de doenças, muitas das quais deviam ser colhidas em dias auspiciosos para produzir efeito, como em noites de lua cheia. Os números também possuíam um poder mágico e misterioso. Dentre eles, dava-se preferência ao três e ao sete. Os médicos podiam receitar aos doentes uma combinação de três sementes de gergelim, ingeridas durante sete dias ou sete sementes em três dias.

Como foram grandes astrólogos, a medicina dos mesopotâmicos baseava-se na astrologia. Eles acreditavam que os astros influenciavam decisivamente todos os acontecimentos na vida de um indivíduo, como a saúde e as doenças.

Homens e mulheres deviam cumprir certas obrigações religiosas entre os povos mesopotâmicos. Uma delas era um curioso tributo que toda mulher devia pagar a Ishtar, deusa da Terra, pelo menos uma vez na vida. Ela deveria dirigir-se ao templo da deusa e se entregar a um desconhecido que se encontrasse por ali de passagem. Decorre daí, que a medicina mesopotâmica estava estreitamente ligada ao sagrado e os pacientes procuravam os sacerdote-médicos quando adoeciam. Em geral, estes tratavam os enfermos com fórmulas mágicas, amuletos, ervas, banhos, fumigações e supositórios não só anais, mas também introduzidos pela uretra através de tubos. Não consta que os povos mesopotâmicos tenham dado muita atenção à cirurgia.

Eles supunham que o intelecto se localizava no coração e as emoções e a alma no fígado, órgão a que davam grande importância, por ser considerado o centro da vida. Era comum os médico-feiticeiros darem o diagnóstico de doenças após se analisar o fígado de animais sacrificados em rituais sagrados, como o fígado de carneiro, que costumavam dissecar para fazer previsões do futuro. Esta arte de realizar adivinhações através das

entranhas dos animais chama-se aruspicina e os babilônicos revelaram-se verdadeiros mestres dela.

Com relação aos médicos, pode-se dizer que eles não tinham uma vida fácil, pois as leis do tempo eram muito rígidas. O Código de Hamurabi mostra-se bastante severo com os profissionais de medicina, que não podiam errar em hipótese alguma. Se um paciente morresse em virtude de um erro do médico, este teria suas mãos amputadas, para que não tornasse mais a errar. Era a lei do “olho por olho, dente por dente”. Essa mesma lei procurava evitar que os médicos explorassem os enfermos. De acordo com ela, aqueles estavam proibidos de receitar remédios caros para os seus pacientes, se não houvesse uma possibilidade real de cura.

Devido ao calor forte que fazia durante o dia e o frio à noite, as pessoas que moravam na Mesopotâmia tinham muitos problemas respiratórios, nasais e peitorais. Tais doenças eram tratadas através da fumigação. Fazia-se uma fogueira com espinheiros, na qual se espalhava pó de alcatrão, esterco de porcos, cachorros ou chacais, enxofre, betume e ossos humanos, e o paciente era exposto a esta fumaça por alguns dias. Há registros de alguns tratamentos curiosos feitos por médicos mesopotâmicos. Por exemplo, o rei Assurbanípal, o da famosa biblioteca, precisou arrancar todos os seus dentes por conselho de seu médico para ver se suas dores reumáticas melhoravam. Também consta que eles utilizavam soluções pouco ortodoxas para minimizar o sofrimento dos doentes, como a ingestão de pedras moídas.

MEDICINA EGÍPCIA

EM 1873, EBERS, UM RENOMADO egíptólogo alemão, encontrou um rolo de papiro com 20 metros de comprimento, cujo assunto tratava da medicina no Antigo Império egípcio. Conhecido como Papiro de Ebers, imagina-se que este fora escrito por volta de 1500 anos a.C. Sabe-se, porém, que ele se refere a uma época ainda mais remota da história do Egito. Muito do que conhecemos hoje sobre a medicina egípcia chegou até nós através do Papiro de Ebers. Por exemplo, ficamos sabendo por ele que os cirurgiões da época realizavam pequenas cirurgias, como extração de cistos.

Dos povos antigos, provavelmente os egípcios eram os que mais conheciam a anatomia humana em virtude de estarem acostumados a praticar o embalsamamento, embora a dissecação também fosse proibida entre eles. Como acreditavam na vida após a morte, a preservação do corpo das pessoas era extremamente importante. Os embalsamadores, que provinham de uma classe social inferior e costumavam ser iletrados, eram obrigados a executar de maneira rápida a sua tarefa e estavam proibidos de examinar o corpo humano. Por isso, não deixaram textos escritos que pudessem ser úteis aos médicos do tempo.

Os egípcios já utilizavam uma espécie primitiva de anestesia, feita a partir de um produto chamado *memphitis*. Este era moído até virar pó; em seguida, acrescentavam-se vinagre e água. Era empregado como anestésico local. Para cobrir ferimentos, os médicos utilizavam um tipo de esparadrapo feito a partir de tiras de linho.

No antigo Egito, não existiam escolas de medicina e os conhecimentos da profissão eram transmitidos de pai para filho. Os médicos costumavam ser funcionários do Estado, que lhes pagava os salários, de maneira que a população era atendida gratuitamente. Havia também aqueles ligados a um templo, que recebiam seu salário diretamente do orçamento do templo. Muitas vezes, os médicos obtinham como remuneração apenas presentes. Em média, eles possuíam um nível elevado de cultura e erudição. O médico mais importante do Antigo Egito foi Imhotep, grão-vizir do faraó Djoser (2980 – 2900 a.C.). Autor de inúmeros “provérbios”, Imhotep foi deificado após terem transcorrido algumas gerações.

Grande era o cuidado com a higiene corporal. Os egípcios lavavam as mãos antes das refeições com um tipo de óleo. Para minimizar o cheiro causado pela transpiração, usavam uma mistura de incenso com terebintina. Dentre os remédios mais comuns utilizados na terapêutica egípcia, destacam-se o mel, a cerveja, o ópio, partes de animais, como gorduras, sangue, excrementos e o sal.

Segundo Heródoto, existiam muitos médicos no Egito e eles eram especialistas, cada um tratava de uma doença determinada ou de uma parte do corpo, como dentistas, oftalmologistas, etc. Havia até algumas especialidades curiosas. Sabe-se que certo Iri tinha o título de Guardião do Reto Real, estando incumbido de zelar pelo ânus do faraó e lhe aplicar enemas.

Existiam várias formas de se realizar um embalsamamento. Para quem podia pagar mais, havia o serviço especial. Neste caso, primeiramente, retirava-se o cérebro por uma narina e o crânio era lavado com água salgada. Em seguida, fazia-se uma incisão na lateral do abdome com uma faca de pedra, por onde se extraíam as vísceras e outros órgãos vitais do morto, que eram lavados com vinho e guardados com ervas em vasos especiais chamados canopos. O coração era deixado no lugar, por ser considerado o núcleo da vida. A seguir, o interior do corpo deveria ser untado com perfumes e resinas aromáticas e preenchido com areia, linhaça, mirra, especiarias, serragem, soda e até cebolas. Depois disso, era costurado e coberto com salitre por setenta dias. Finalmente, lavavam o cadáver e o enrolavam em faixas de pano. Um método mais barato de embalsamamento consistia em injetar óleo de cedro no defunto, que era deixado, também por setenta dias, no salitre. Após este período, retirava-se o óleo e as partes carnosas do corpo, deixando apenas os ossos e a pele. Havia ainda uma terceira forma de embalsamamento, reservada, sobretudo, para os mais pobres. Os embalsamadores limitavam-se a abrir a barriga do morto para lhe retirar os intestinos, deixando o corpo coberto com salitre por setenta dias.

Parece que os egípcios tinham grande interesse na calvície e também em como resolver este problema. De acordo com o Papiro de Ebers, os médicos receitavam para os carecas que desejassem ter seus cabelos fortes e compridos novamente uma mistura de gordura de leão, de hipopótamo, de crocodilo, de gato, de serpente e de bode. Aconselhavam também recolher das paredes as fezes das moscas e as esfregar na cabeça.

Para que os cabelos se mantivessem sempre pretos, recomendava-se lavá-los com sangue de boi, mas o animal precisava ser preto. Davam grande importância às orelhas, pois acreditavam que o sopro da vida entrava pela orelha direita e o sopro da morte, pela esquerda. Era crença geral que uma pessoa se tornava cega, porque um deus havia se encolerizado contra ela. A cura somente era possível, se fosse vontade do deus.

MEDICINA HINDU

PELO QUE SE PODE DEPREENDER das escavações no sítio arqueológico de Mohenjo-Daro, os antigos hindus tinham grande apreço à higiene. Os médicos indianos acreditavam que muitas doenças eram hereditárias, que algumas moléstias podiam ser provocadas pela mudança das estações e que outras eram provocadas por minúsculos organismos que viviam dentro das pessoas. Os doentes costumavam ser tratados com ervas, misturadas com minerais e partes de animais, além de rituais que envolviam feitiços e magia primitiva. Os estudos de medicina e as experiências médicas desenvolvidas ao longo do tempo foram reunidos num grande livro chamado *Ayurveda*, escrito em sânscrito e compilado há mais de dois mil anos. A ideia básica do *Ayurveda* é que um corpo se encontra doente, pois está desequilibrado. Para tornar a ser saudável, é necessário eliminar-se a causa do desequilíbrio corporal, substituindo-a por elementos harmoniosos.

Os médicos eram muito respeitados na Índia. O cirurgião hindu era obrigado a ter unhas aparadas e usar vestes brancas. Sushruta é considerado o pai da cirurgia indiana. Afirmava ser muito importante para a compreensão da medicina que os médicos pudessem dissecar os cadáveres e dizia que cirurgias que não estivessem bem preparados eram um perigo para a população, pois “a teoria sem a prática é como um pássaro que possui uma só asa, incapaz de voar”. Sabe-se que ele identificou cerca de 1120 doenças.

Consta que a cirurgia hindu também era bastante desenvolvida, de maneira que os cirurgiões realizavam remoções de cálculos, operavam cataratas, cauterizavam ferimentos e sabiam como fechar vasos para evitar hemorragias. Os indianos costumavam dar vinho para os pacientes que iam ser operados a fim de tentar lhes minorar a dor. Apesar das ideias de Sushruta, na Índia também era proibido dissecar cadáveres, de maneira que os médicos faziam seus estudos em animais.

Uma das cirurgias que os antigos hindus eram especialistas consistia na reconstrução de narizes. Consta que praticavam a plástica do nariz, pois muitas mulheres precisavam passar por tal cirurgia. De acordo com a lei do tempo, as mulheres adúlteras eram punidas com a amputação do nariz. Daí que existiam muitos casos a serem reparados.

Outros episódios curiosos da medicina hindu dizem respeito aos costumes do povo e à legislação. Desde tempos antigos, as pessoas apanhavam água do rio Ganges e a utilizavam como um poderoso remédio, afirmando curar inúmeras doenças. O Código de Manu que constitui um corpo de leis hindus e foi escrito originariamente em sânscrito proibia o casamento de homens com tuberculose, lepra e, estranhamente, os que tivessem hemorróidas. Ainda mais curioso, também proibia casarem-se aqueles que falavam muito.

MEDICINA CHINESA

NA CHINA, O ESTUDO DE CADÁVERES também era proibido, de maneira que não se destacaram no campo da anatomia. Todavia, os chineses mostraram-se bastante evoluídos em outros campos da medicina, como na tentativa de minorar a dor através da acupuntura. Também empregavam o ópio como anestésico, possibilitando realizar algumas cirurgias mais complicadas. Os chineses antigos contavam dez mil tipos de febres e acredita-se que os primeiros hospitais tenham surgido na China durante a dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.).

O livro *Meh Ching* foi escrito no século 3 d.C. pelo médico chinês Wang Shu-ho. Nesta obra, ele explica como diagnosticar doenças apenas tomando o pulso do paciente. Não só é possível descrever a condição geral do doente através do seu pulso, como estabelecer o progresso da enfermidade, afirmar quanto tempo ela vai durar e se o enfermo irá se recuperar ou não. Tomando o pulso dos pacientes, os médicos podiam especificar os pontos do organismo que deveriam receber o tratamento por acupuntura. As primeiras agulhas eram feitas de pedra, bambu, marfim, osso e madeira. Só depois é que apareceram as de metal, como ferro, cobre, prata e ouro.

Por princípios religiosos, os médicos chineses só podiam tocar o pulso dos pacientes e não o corpo. Segundo Confúcio, o corpo é sagrado e não pode ser tocado. Examinar o corpo das mulheres, então, estava completamente fora de cogitação. Os médicos chineses podiam tocar apenas o pulso das mulheres por trás de um biombo. Caso não procedessem dessa maneira, podiam ser punidos pelas severas leis da época. Em geral, as famílias chinesas possuíam bonecas de marfim, bronze ou alabastro, que eram levadas ao médico para mostrar a este onde a mulher sentia dor.

Os chineses realizavam cirurgias frequentemente, como a castração, pois era grande a necessidade de eunucos. Os cirurgiões possuíam um medicamento secreto com o qual procuravam anestesiá-los órgãos genitais. Eles amarravam juntos o pênis e a bolsa escrotal com um cordão de seda e, em seguida, o cirurgião amputava-os próximo ao púbis com uma faca semicircular. Depois, para conter a hemorragia, faziam a compressão com um pó composto de alume e diversas resinas. Metade dos homens submetidos à castração acabava falecendo.

MEDICINA GREGA

EM ALEXANDRIA, NO INÍCIO DO SÉCULO III a.C., houve uma importante escola de medicina. Reza a lenda que teria sido fundada pelo médico Herófilo e ela possuía uma grande vantagem em relação a outros centros de estudos médicos na Grécia. Ali, a dissecação de cadáveres não sofria as mesmas restrições que existiam em outras cidades gregas. Isto fez com que avançassem bastante em conhecimentos de anatomia.

Na *Odisseia*, Homero refere-se a um remédio extraordinário chamado *Nepentes*, o qual podia ser tomado com vinho e eliminava o sofrimento ao longo do dia inteiro, fazendo com que as pessoas conseguissem suportar os mais atrozes tormentos. Conta-se que todo soldado grego, desde o tempo da lendária Guerra de Tróia, estava preparado para arrancar uma flecha do corpo de um companheiro e estancar o sangue. Sabe-se que os médicos gregos eram muito bons e, além de diagnosticar e tratar doenças seguindo os ensinamentos de Hipócrates, também cuidavam das fraturas dos feridos em batalhas, cauterizavam hemorróidas com ferros em brasas e realizavam extração de amígdalas.

Uma das características do povo grego é que eles costumavam buscar ajuda nos santuários de Asclépio, quando os médicos tradicionais falhavam. O templo grego era um amplo complexo, onde havia também jardins, ginásio e banhos. Alguns, como o de Epidauro, possuíam pista para corrida, teatro e um local para exercícios. Após o paciente passar por um processo de purificação, que compreendia sacrifícios, ablusões e jejuns, ele era levado para dormir no *Abaton*, uma espécie de sala interior, pois se acreditava que Asclépio viria visitar-lhe em um sonho profético para lhe dizer o que precisava ser feito para conseguir a cura. No *Abaton*, as pessoas adormeciam enroladas em peles de carneiros, com o auxílio de drogas. Quando acordavam, os sacerdotes passavam por entre os leitos dos doentes segurando uma cobra sagrada, que lhes lambia os ferimentos. Os pacientes, então, contavam o sonho que tinham tido e o sacerdote o interpretava, relacionando-o com a doença e ministrando o tratamento adequando. Antes de ir embora, o enfermo anotava o seu nome, a sua doença e o seu tratamento numa placa, que era pendurada na parede do templo para despertar confiança nos novos pacientes. Ele pagava pela ajuda recebida e procurava seguir as instruções dos sacerdotes a fim de obter a cura o mais

rápido possível. Uma curiosidade destes santuários é que os catres costumavam ser feitos com peles de animais sacrificados aos deuses.

ASCLÉPIO

NA ÉPOCA DE HOMERO, ASCLÉPIO (Esculápio para os romanos) ainda não era visto como um deus. Ele aparece na *Ilíada* como sendo um príncipe de Tricca, na Tessália. Tomou parte na guerra contra Tróia ao lado dos gregos. Homero o descreve como o maior médico de seu tempo, mas ainda um mortal, e diz que ele teria dois filhos, Macaon e Podalírio, também médicos, e três filhas: Jaso, Hígia e Panacea.

Conta-se que Asclépio exercera a medicina em diversas partes, inclusive, em Atenas. Defendia cinco tratamentos: jejum, abstenção de vinho, massagens, caminhadas e andar de carruagens, o que parece uma terapêutica bastante curiosa. Diz a lenda que, certa feita, ele deteve uma comitiva que levava um defunto para ser sepultado e ressuscitou o suposto morto. Morreu bem velho, ao cair de uma escada.

Posteriormente, adquiriu status de um deus, sendo descrito como filho de Apolo e de Corônís. Frequentemente é representado barbudo, segurando um bastão envolto por uma serpente. Tornou-se tão hábil, aperfeiçoando-se cada vez mais em curar os homens, que era capaz de trazer os mortos novamente à vida. Por volta do ano 290 a.C., seu culto já havia se espalhado por Roma.

Já no século V a.C., Píndaro relata a história de sua lenda. Estando Corônís grávida de Asclépio, cujo pai era Apolo, este colocou um corvo para tomar conta dela; mesmo assim, a jovem acabou traindo Apolo, que a matou com uma flecha. O deus tirou seu filho, Asclépio, da barriga da mãe já morta através de uma operação cesariana e o levou para ficar aos cuidados do Centauro Quíron, que o ensinou o poder curativo das plantas e a arte da medicina. Como punição, Apolo transformou o corvo, que possuía penas brancas, num animal todo preto.

Posteriormente, Zeus matou Asclépio com um raio, porque ele tinha poderes extraordinários de cura e, até mesmo, conseguia ressuscitar os mortos, de maneira que estava deixando o reino dos infernos despovoado, segundo Hades, o deus das trevas, que exigiu de Zeus a morte de Asclépio. Indignado, Apolo matou os Ciclopes (já que não podia se vingar de seu pai), que forjaram o raio que fulminou Asclépio. Isto fez com que Zeus ficasse sem seus raios, que eram fabricados pelos Ciclopes e, dessa forma, Zeus perdeu parte de seu poder. Para recobrá-lo, concordou em ressuscitar

os Ciclopes e também Asclépio, não mais como homem, mas como um deus.

Da Tessália, o culto de Asclépio espalhou-se para a Grécia, onde foram erguidos mais de 200 templos em sua homenagem. Dentre estes, o mais belo e grandioso era o *Asklepieion* de Epidauro que, segundo a lenda, fora construído sobre o próprio túmulo de Asclépio.

HIPÓCRATES

ATÉ HIPÓCRATES, OS MÉDICOS ANTIGOS tinham muito de curandeiros e não passavam de apanhadores de ervas, adivinhos e charlatões ignorantes. Hipócrates sistematizou o saber médico, introduzindo teorias naturais a respeito da saúde e da doença. Não era mais o intercessor humano junto aos deuses do Olimpo, mas o profissional médico que estava ali para ajudar os doentes com seus conhecimentos de medicina. Ele condenava os ritos mágicos, a superstição e o charlatanismo ligado à medicina e afirmava que todas as enfermidades possuíam uma causa natural, sem a qual ela não existiria. Por tudo isso, Hipócrates é considerado o primeiro médico a abandonar as práticas medicinais supersticiosas, dando à medicina um caráter de ciência.

Acredita-se que Hipócrates tenha nascido no ano 460 a.C. na ilha de Cós. Pouco se sabe a respeito daquele que é considerado o pai da medicina moderna. Desde cedo, estudou medicina com seu próprio pai e viajou por toda a Grécia e a Ásia Menor, lecionando posteriormente na escola de Cós, que foi considerada a melhor escola de medicina do mundo helênico por vários séculos. Consta que ele curou Demócrito, seu grande amigo, de uma séria doença. Dizem que lecionava sob um imenso Plátano. Existem escassos relatos de seus contemporâneos a respeito dele e os textos que escreveu ou que lhe são atribuídos foram reunidos quase cem anos após a sua morte. Reza a lenda que o mel das abelhas encontrado em colmeias feitas em árvores sobre o seu túmulo tinha poderes milagrosos de cura. Quanto à data da sua morte, existem mais dúvidas, mas se sabe que ele morreu em proecta idade e alguns historiadores afirmam que teria ultrapassado os cem anos.

A sua influência estendeu-se por toda a Idade Média. Hipócrates estabeleceu as bases da medicina moderna, afastando a ideia geral que até então era aceita, de que as doenças se manifestavam no organismo das pessoas pela vontade dos deuses, bem como a sua cura. Afirmou que as enfermidades correspondiam a um processo natural do organismo humano, enfatizando que o médico deveria tratar antes o doente e não apenas a doença.

Baseava seus estudos na experiência e observação, o que foi uma inovação para seu tempo, anotando tudo que pudesse ter alguma relevância

para a cura dos doentes. Tinha profunda afeição pelos enfermos. A medicina prescrita por Hipócrates procurava ser mais humana. O médico devia examinar o paciente como alguém com sentimentos e não apenas um número a mais entre seus clientes. Segundo ensinava, deveriam ser bondosos, levando em conta os recursos dos pacientes. Sempre que possível, cabia a eles atender aos mais pobres gratuitamente. De acordo com Hipócrates, o organismo é composto por quatro elementos: sangue, pituíta, bÍlis amarela e bÍlis negra. O desequilÍbrio deles provocava a doença. Esta teoria humoral predominou por longo tempo, estendendo-se além da Idade Média. Ele costumava prescrever poucos remédios para os enfermos, preferindo receitar ar puro, eméticos, clisteres e ventosas. Para chegar a um diagnóstico verdadeiro, examinava o paciente diversas vezes e com bastante atenção. Afirmava que o organismo humano possui todas as defesas para curar as doenças e a própria febre seria a maneira como o corpo combate as enfermidades.

Dentre os mais de sessenta livros que se atribui a Hipócrates - conhecido como *Corpus Hipocraticum* -, o mais famoso é o livro dos aforismos. Quem não se lembra da frase: “A vida é breve, a arte é longa”? A primeira edição da obra de Hipócrates que se tem notícia foi escrita em latim e impressa em Roma no ano de 1525, tendo sido traduzida de maneira imperfeita por M. F. Calvus. Já a primeira versão em grego foi publicada no ano seguinte pelo célebre impressor Aldo Manuzio.

MEDICINA ROMANA

PLÍNIO AFIRMOU QUE, POR MAIS DE SEIS SÉCULOS, não existiram médicos em Roma. Em geral, as pessoas buscavam ajuda de curandeiros, feiticeiros e sacerdotes, que apelavam para as forças divinas. Os romanos primitivos cultuavam muitos deuses e somente no século III a.C. é que foi introduzido o culto de Asclépio, com o nome latino de Esculápio.

Como em muitas outras civilizações, o emprego de cadáveres humanos para o estudo de anatomia era proibido, segundo as leis romanas. Os médicos estavam impedidos de realizar dissecações, de maneira que, em linhas gerais, a medicina em Roma não apresentou muitas novidades com relação àquela que se praticava na Grécia. A exceção fica por conta da medicina militar, que se mostrou bastante desenvolvida entre os romanos, sobretudo, a partir do imperador Augusto, quando cada legião ou barco de guerra tinha o seu próprio médico. Sabe-se que os cirurgiões eram especializados em determinadas partes do corpo. Havia, inclusive, especialistas em refazer o prepúcio de homens circuncidados, como era o caso de muitos judeus, que desejavam ingressar em cargos públicos de Roma.

Com o tempo, inúmeros médicos gregos passaram a clinicar na velha urbe fundada por Rômulo, mas os romanos não gostavam muito deles, pois os primeiros que chegaram para trabalhar em Roma eram charlatões. O mais antigo médico grego de renome foi um ex-escravo chamado Archagathos, conhecido pela simpática alcunha de “carnifex”. Por seus bons serviços prestados à população, o Senado doou-lhe uma casa, onde ele passou a realizar as cirurgias.

Marco Pórcio Catão, o Censor, dizia que os médicos gregos que trabalhavam em Roma queriam matar os romanos. Mas ele também dizia que o repolho curava todas as enfermidades. Parece que Catão, além de não simpatizar com os médicos gregos, não gostava de médicos em geral. Segundo nos informa Plínio, Catão dizia que os médicos “seduzem as nossas mulheres, enriquecem com os venenos que nos vendem, aprendem às custas de nosso sofrimento e fazem experiências à custa de nossa morte”. Em carta escrita a seu filho Marco, recomendava: “Lembra-te de que te proibi os médicos”. Ele também escreveu sobre medicina, misturando-a

com superstição e magia e prescrevendo remédios caseiros para os doentes, como couves e vinhos.

A verdade é que, durante o período da República, os médicos que trabalhavam em Roma eram vistos com bastante desprezo e, quase sempre, a medicina era praticada por escravos ou libertos. Com o tempo, porém, os médicos passaram a ser melhores conceituados. Tanto que o imperador Adriano concedeu-lhes isenção de impostos e dispensa de serviço militar.

Alguns médicos romanos, que tiveram certa reputação, mostravam-se bastante arrogantes e presunçosos. É o caso de Thessalio de Tralles, o qual dizia que a Medicina inteira podia ser ensinada a qualquer pessoa em apenas seis meses, fosse ela o mais completo imbecil. Com este pensamento, ele conquistou uma legião de alunos desqualificados, oriundos das mais baixas classes sociais. Inúmeros ferreiros, sapateiros, guardadores de porcos e bêbados passaram a estudar com ele, ouvindo seus ensinamentos diante de um paciente moribundo, com a esperança de adquirir uma profissão mais rentável e mudar de vida. Thessalio proclamava que era o melhor médico do mundo e somente a sua medicina tinha valor. Mandou gravar em sua lápide as palavras “vencedor dos médicos”, como chamava a si próprio.

Sorano de Éfeso estudou em Alexandria, tendo se mudado para Roma por volta do ano 100 da nossa era, vivendo no tempo dos imperadores Trajano e Adriano. Bastante observador e extremamente minucioso, é considerado o autor da primeira biografia de Hipócrates, frequentemente incluída no *Corpus Hipocraticum* nas edições impressas durante o Renascimento. O seu maior destaque, contudo, verificou-se no campo da obstetrícia e ginecologia. Sua obra *Doença das Mulheres* esteve em voga por mais de mil e quinhentos anos.

Outro médico de renome em Roma foi Asclepiades. Conta-se que, certa feita, ele deteve a procissão de um funeral que se dirigia a uma pira, onde o cadáver seria queimado. Por algum motivo, suspeitou que o defunto ainda pudesse estar vivo e, aplicando-lhe sua arte médica, ressuscitou o “morto” para surpresa de todos os presentes. Tal episódio granjeou-lhe enorme fama, tendo conquistado vasta clientela, como Cícero, Crasso e Marco Antônio. Defendia a abstinência de vinho para se manter saudável e prescrevia que o indivíduo deveria copular a fim de que fosse curado de certas enfermidades.

Dioscórides foi um dos grandes médicos romanos e sua obra, *Materia Medica*, em cinco volumes, influenciou toda a Europa até o final da Idade Média. A sua maior importância diz respeito à parte da farmacopeia, tendo descrito mais de 600 plantas com exatidão. Ele também era botânico e costumava tratar todas as doenças com ervas medicinais. É considerado o criador da farmacologia. Estudou plantas que podiam ser utilizadas em cirurgias, como o ópio, o meimendo e a mandrágora, possuidoras de poderes anestésicos.

Outro nome muito importante ligado à medicina foi Aulo Cornélio Celso, que viveu na época do imperador Tibério. Acredita-se que ele tenha escrito uma vasta enciclopédia, *De Artibus*, procurando abarcar todo o conhecimento acumulado até a sua época em todas as áreas do saber humano, mas apenas os livros relativos à medicina sobreviveram. Por isso, não se sabe ao certo se Celso foi de fato um médico ou apenas um escritor sobre medicina. Celso descreveu com cuidado os instrumentos cirúrgicos empregados pelos médicos e foi chamado de “o Cícero da Medicina” devido ao seu estilo refinado. Ele não era muito conhecido em seu tempo e, durante a Idade Média, a sua obra foi totalmente esquecida, tendo sido redescoberta na primeira metade do século XV pelo futuro papa Nicolau V na Biblioteca de Santo Ambrósio em Milão. No ano de 1478, tornou-se o primeiro escritor da antiguidade a ter um livro impresso sobre medicina. Tal era a sua reputação, que Paracelso adotou o seu nome, ou seja, aquele que é “igual ou superior a Celso”.

GALENO

DEVIDO À SUA IMPORTÂNCIA, Galeno merece um capítulo à parte. A influência dele na medicina medieval dificilmente pode ser superada por outro médico. Durante a Idade Média, os conhecimentos médicos, cirúrgicos e anatômicos baseavam-se em Galeno. Apenas no século XVI, começou-se a questionar a medicina ensinada por ele. Embora não fosse cristão, Galeno acreditava em um único deus, afirmando que o corpo era o instrumento da alma. Por causa disso, o catolicismo aceitou seus ensinamentos, bem como os árabes e os judeus. A igreja acolheu suas ideias, porque as julgou dentro do espírito cristão, reconhecendo sua obra ao longo de toda a Idade Média. Dizia Galeno: “Louvo a quem nos fez, pela sabedoria com que estabeleceu isto que somos”. Tais palavras agradavam a igreja.

Desconhece-se ao certo o primeiro nome de Galeno. Alguns historiadores sugerem que ele se chamava Hélio ou Júlio. Contudo, existem várias citações que o tratam por Cláudio. Na verdade, o nome de Galeno não era Cláudio, como erroneamente muitos autores repetem. Isto se deu porque, em algumas de suas obras, ele assinou Cl. Galeno. Mas estas iniciais são a abreviatura de *Clarus* (ilustre, célebre) e não de *Claudius*, como foi estampado num livro posterior e, depois deste, repetido indevidamente. Por ser um grego da cidade de Pérgamo, seria natural que ele não tivesse um nome latino.

Galeno nasceu provavelmente no ano de 129, em Pérgamo, cidade grega da Ásia Menor. Seu pai era um homem culto, arquiteto, e teve um sonho com Esculápio, o qual lhe transmitiu a mensagem que seu filho deveria seguir a carreira de medicina. Deu-lhe, então, uma educação primorosa. Aos 17 anos, já possuindo vasto conhecimento de filosofia e ciências, Galeno passou a se dedicar ao estudo da medicina. Viajou por várias localidades, tomando por mestres os mais destacados professores do tempo, até se estabelecer em Alexandria, onde estudou medicina por cinco anos na famosa escola, considerada uma das melhores do mundo em sua época. Aos 28 anos, regressa a Pérgamo, já dominando toda medicina de seu tempo. Aos 33 anos, parte para Roma, onde trabalhou como médico dos gladiadores, um posto muito cobiçado. Permaneceu aí por quatro anos, tempo que lhe valeu como valiosa experiência prática e se destacou tanto na

medicina, que se tornou médico dos imperadores Marco Aurélio, Cômodo e Sétimo Severo. Diz a lenda que, quando foi entrevistado para tentar conseguir o cargo de médico dos gladiadores, Galeno levou junto um macaco. Diante dos entrevistadores, abriu a barriga do macaco e a costurou em seguida. O macaco sobreviveu e Galeno foi contratado. Como médico dos gladiadores, Galeno deparou-se com todo tipo de traumas e ferimentos. Após os combates, ele socorria os feridos, estancando-lhes o sangue e até mesmo amputava pernas e braços, se fosse necessário. Sua fama cresceu tanto – diziam, com exagero, que nunca um gladiador morreria em suas mãos. Regressa a Pérgamo, segundo alguns, para fugir de uma epidemia de peste e, de acordo com outros, para fugir aos inúmeros inimigos que fez em Roma, pois criticava abertamente os seus colegas de profissão. Contudo, a sua estada em Pérgamo foi de apenas dois anos, regressando para Roma a pedido de Marco Aurélio. Conta-se que ele não gostava de praticar cirurgia, limitando-se a costurar ferimentos, talvez em virtude da sua experiência com os gladiadores. Nunca teve discípulos e dizem que não gostava de divulgar seus conhecimentos pessoais, o que é estranho, pois se estima que ele tenha escrito mais de 400 obras, das quais nos restam cerca de 80. O livro de Galeno *Ars Magna* foi muito importante durante a Idade Média. Originalmente, ele escreveu seus textos em grego, sendo depois traduzidos para o siríaco e o árabe. Apenas mais tarde, eles foram vertidos para o latim.

A sua medicina baseava-se, sobretudo, na teoria dos quatro humores. Galeno ampliou o conceito da teoria dos humores, afirmando que o desequilíbrio deles poderia acontecer em um único órgão do corpo, produzindo dores e enfermidades localizadas numa determinada parte do organismo. Segundo acreditava, um corpo poderia tornar-se saudável através de vômitos, sangrias e purgações. Galeno também se inspirou muito nas teorias de Aristóteles. Dizia que a filosofia era fundamental para a formação do médico, que não devia ser um simples conhecedor de doenças, mas afeito à lógica, à ética e às ciências naturais. Quando ele fazia palestras sobre anatomia e fisiologia, os romanos mais instruídos enchiam o teatro para vê-lo discursar.

Apesar de todas as dificuldades da época, Galeno chegou a muitas conclusões acertadas, afirmando que as artérias continham sangue em vez de ar e que cada órgão era responsável por uma função específica no corpo humano. Mas errou também em inúmeros casos. Acreditava que o fígado

produzia o sangue e não fazia a menor ideia de que este circulava pelo organismo, bombeado pelo coração. De acordo com Galeno, o sangue passava de um lado ao outro do coração, através de pequeninos poros. O médico islâmico Al-Nafis (século XIII) provou que ele estava equivocado, demonstrando que o sangue passava do coração ao pulmão, tendo sido o primeiro médico a vislumbrar a pequena circulação. Galeno acreditava que o sangue era resfriado pelo ar que as pessoas respiravam. Os erros e acertos de Galeno mantiveram-se por toda a Idade Média. Quando surgiram as universidades, os seus textos continuaram sendo considerados fundamentais para a aprendizagem da medicina.

Como era difícil conseguir cadáveres para dissecação, os seus estudos de anatomia não evoluíram. Galeno gabava-se de ser um hábil dissecador, mas não de humanos e sim de macacos, porcos, cachorros, cabras e até elefantes, acreditando que os porcos tinham a constituição mais semelhante aos humanos.

Dizem que Galeno era um tanto presunçoso. Foi acusado de ser muito orgulhoso e intolerante com os outros colegas de profissão. Parece que ele era um tanto arrogante também, achando-se o melhor dos médicos e tratava os demais como sendo farsantes ignaros, chamando-os de charlatões e afirmando que os seus diagnósticos é que estavam sempre certos. A sua arrogância era tamanha, que ele chegou a alegar ter feito tanto pela medicina, quanto o Imperador Trajano fez pelo império romano. E concluía: “Fui eu, e unicamente eu, quem revelou o verdadeiro caminho da medicina.”

QUATRO HUMORES

DE ACORDO COM A TEORIA DOS HUMORES, um corpo encontra-se saudável, quando os humores do organismo, que vive em constante transformação interna, encontram-se equilibrados. Uma alimentação saudável e sem exageros seria o primeiro ponto para se buscar este equilíbrio.

Desde Hipócrates, passando pela Idade Média até alcançar o século XIX, a ideia fundamental que dominou toda a medicina ocidental afirmava que um organismo encontrava-se doente, quando os humores se achavam em desequilíbrio. De acordo com tais princípios, existiam quatro humores no corpo humano, bílis negra, bílis amarela, sangue e fleuma (muco), que deveriam estar em equilíbrio para que o indivíduo se mantivesse saudável. Se alguém estivesse com uma quantidade muito elevada ou muito baixa de qualquer um deles, não haveria equilíbrio no organismo e a pessoa adoeceria. Para restaurar a saúde do paciente, caberia ao médico fazer com que o corpo produzisse uma maior quantidade do humor que se achava deficiente ou expelir o humor em excesso. Daí as famosas sangrias, a que os pacientes se submetiam, quando se acreditava que eles se achavam com excesso de sangue.

Aos quatro humores, costumam-se ligar os quatro elementos que, segundo Empédocles de Agrigento, a quem Aristóteles admirava, tudo na terra era criado a partir deles. Ele desenvolveu o conceito de que todas as coisas são formadas por quatro elementos, terra, fogo, ar e água em proporções variadas. Para Empédocles, estas “raízes” seriam a origem de todas as coisas. Dessa forma, a bílis negra liga-se à Terra; a bílis amarela liga-se ao Fogo; o sangue liga-se ao Ar e a Fleuma liga-se à Água. Além disso, a predominância de determinado humor corresponderia a um dado temperamento de um indivíduo. Assim, o predomínio da bílis negra resultaria em uma pessoa com temperamento melancólico (depressivo, insone, irritável); o predomínio da bílis amarela resultaria em uma pessoa com temperamento colérico (mal-humorado, irritando-se facilmente); o predomínio do sangue resultaria em um indivíduo sanguíneo (corajoso, esperançoso, amoroso); e o predomínio da fleuma resultaria em um indivíduo fleumático (calmo, pouco emotivo). Foi Galeno quem associou os quatro humores aos quatro temperamentos. Para fazer com que o equilíbrio

retornasse num enfermo, Galeno recomendava sangrar o paciente, provocar-lhe vômitos ou lhe dar um purgante para limpar os intestinos. Por exemplo. Se o sujeito estivesse com febre, ele poderia concluir que a causa da doença era excesso de sangue no organismo e poderia prescrever uma sangria para refrescar o corpo. Costuma-se ainda associar a cada um dos quatro elementos certos estados da natureza como quente e seco (bílis amarela, fogo), quente e úmido (sangue, ar), frio e seco (bílis negra, terra) e frio e úmido (fleuma, água).

O *Corpus Hipocraticum*, coleção com cerca de sessenta livros atribuídos a Hipócrates, procura explicar a saúde e a doença através da teoria dos humores. Os quatro humores, o sangue, a fleuma, a bÍlis amarela e a bÍlis negra eram necessários para manter a vida, servindo com propósitos diferentes. Assim, o sangue era a fonte de vitalidade; a bÍlis amarela (ou cólera) estava ligada ao suco gástrico e ao sistema digestivo; a bÍlis negra (ou melancolia) correspondia a um líquido escuro quase nunca encontrado em estado puro e ligava-se ao escurecimento de outras substâncias, como as fezes; a fleuma incluía os líquidos incolores, como o suor e as lágrimas e, quando aparecia em excesso, podia causar febres. Esses quatro humores eram responsáveis pela saúde do corpo, temperatura, cor e textura da pele. Excesso de sangue deixava o organismo quente e úmido; a bÍlis amarela o deixava quente e seco; a fleuma, frio e úmido, enquanto que a bÍlis negra o deixava frio e seco.

Cada um dos humores tinha uma coloração diferente. Dessa forma, o médico podia constatar qual elemento se achava em excesso num organismo doente apenas observando o enfermo. Muito sangue deixava o paciente vermelho; excesso de bÍlis amarela o deixava amarelado; muita bÍlis negra o deixava moreno e fleuma em demasia tornava o doente pálido.

MEDICINA ÁRABE

QUEM SE PROPÕE A TRATAR DA MEDICINA na Idade Média não pode deixar de discorrer um pouco sobre a medicina árabe. Entre os séculos VIII e XI, a hegemonia da ciência em geral, incluindo a medicina, coube aos árabes. Entende-se por medicina árabe não só a criada por eles, mas toda aquela escrita na língua árabe. Sabe-se que eles foram muito influenciados pela medicina grega, bem como hindu, persa, síria e romana. Basearam-se bastante em Galeno, cujos trabalhos foram traduzidos para o árabe. Mas a medicina islâmica foi muito além do que apenas traduzir Galeno e apresenta um caráter original, como a experiência dos médicos nos hospitais, que deixavam um pouco a teoria galênica de lado para buscar soluções práticas a fim de tratar os pacientes no dia a dia.

No Oriente, os muçulmanos praticavam uma medicina mais avançada do que aquela exercida pelos europeus, os quais somente iriam se igualar a eles a partir do século XII, quando surgiram as primeiras universidades e muitos textos foram retraduzidos das obras islâmicas. Quando os cruzados regressaram do Oriente, trouxeram na bagagem o que tinham aprendido com os médicos árabes, ajudando a difundir seus conhecimentos no Ocidente. Durante o século IX, boa parte dos trabalhos de Galeno foi traduzida para o árabe, evitando que eles fossem perdidos. Além disso, muito do saber medicinal da antiguidade foi preservado em cidades do Oriente, como Constantinopla, e transmitido aos árabes. Estes estudos tornaram-se a base da medicina árabe, que começou a ser conhecida no Ocidente, quando os textos passaram a serem traduzidos para o latim. No século XII, Gerardo de Cremona verteu para o latim algo em torno de setenta obras científicas a partir do árabe.

Os árabes entraram na Europa pela Península Ibérica e aí deixaram enormes raízes. A medicina praticada em Córdoba, na Espanha, cidade de população predominantemente islâmica, era de um padrão muito elevado, se comparada ao restante da Europa. Por volta do ano mil, ela havia se tornado a maior cidade europeia e o mais importante centro cultural do Ocidente. Só a biblioteca do califa Hakan II contava com cerca de 400 mil livros. Enquanto Londres e Paris eram pequenas aldeias de cabanas, Córdoba já despontava como uma das cidades mais civilizadas da Europa. Apenas para se ter uma ideia do seu tamanho, acredita-se que, ao longo do

século X, durante o califado Omíada, estima-se que ela possuía mais de um milhão de habitantes, cerca de 300 mesquitas, todas possuindo uma escola e mais de 50 hospitais. A cidade havia se tornado um importante centro comercial para caravanas que vinham da Ásia e era a sede do califado no Ocidente.

Em geral, os médicos árabes tratavam os seus pacientes com a farmacopeia de Dioscórides, que havia sido traduzida para a língua árabe. No mais, aconselhavam banhos e tratamento com âmbar cinzento, cânfora, cravo, mercúrio, mirra e xaropes para pacientes citadinos. Caso um árabe nômade ficasse doente, ele era tratado com o que existia no deserto, como urina e leite de camelo. Era comum a utilização de urina de camelo para dar banho nas crianças e mulheres árabes costumavam lavar seus cabelos com ela.

Quando um médico árabe examinava um paciente para dar o seu diagnóstico, ele baseava-se na temperatura do corpo, sua palidez ou rubor, magreza ou gordura, nas características de sua urina, nas doenças que já teve, nas enfermidades de seus pais e, até mesmo, na possível influência dos astros. Também se levavam em conta as condições emocionais do paciente, como ensinavam Al-Razi e Avicena. Uma característica dos médicos árabes é que eles não limitaram seu conhecimento à medicina, mas também eram grandes estudiosos em matemática, astronomia, ciências naturais, literatura e filosofia. Na verdade, tratava-se de sábios autênticos e muito contribuíram para o período de Ouro do Islã, entre os séculos IX e XIII.

Diferente do que acontecia em Roma, os médicos muçulmanos gozavam de enorme prestígio. Aqueles que cuidavam de famílias abonadas recebiam altos salários, além de inúmeros presentes. Como caridade, tratavam os pobres de graça. Porém, quando cometiam falhas graves, a lei previa que eles podiam ser açoitados, presos e, até mesmo, mortos. De acordo com os costumes, os médicos árabes não podiam examinar diretamente mulheres honestas e, para resolver este problema, confiavam em outras mulheres, que examinavam a paciente sob as suas orientações.

Durante o século IX, só na cidade de Bagdá, trabalhavam mais de 800 médicos. Abulcasis, no século seguinte, considerado o pai da cirurgia, descreveu em seus textos mais de duzentos instrumentos cirúrgicos, muitos dos quais ainda são utilizados hoje em dia. Avicena, no século XI, também escreveu sobre cirurgia e após ter sido traduzido na Europa no século XIII, ele passou a influenciar bastante os cirurgiões do tempo. Seus textos eram

vistos como os mais importantes, depois de Galeno, durante a Baixa Idade Média. Os árabes alcançaram um maior desenvolvimento na farmacopeia e em outras áreas médicas, e não tanto na cirurgia, porque era proibido a dissecação. No século X, o próprio Abulcasis afirmava que os árabes não tinham desenvolvido tanto a cirurgia, por causa da proibição de se dissecar cadáveres, alegando que ela era uma parte muito importante para a medicina. Acredita-se que ele e alguns outros médicos, principalmente aqueles que não eram fieis ortodoxos, tenham praticado a dissecação em segredo. Nas pequenas cirurgias, porém, como operações de cataratas, mostraram-se bastante eficazes, além de terem aperfeiçoado a técnica para estancar sangramentos com ferros em brasas.

MÉDICOS ÁRABES

EM SEU ESTUDO *CONTRIBUIÇÃO ÁRABE À MEDICINA*, Rom Landau afirma que, quando se fala de medicina árabe, não se quer dizer que todos os médicos fossem árabes. Uma das características da civilização árabe era englobar vários povos e credos, como persas, judeus, sírios e cristãos. Mas todos escreveram em árabe. Passemos, agora, a tratar de alguns desses médicos, que contribuíram efetivamente para o desenvolvimento da medicina na Idade Média.

Al-Razi (Rhazes ou Rasis) é considerado o médico árabe mais traduzido na Europa. Nasceu na Pérsia, provavelmente no ano de 854 e escreveu centenas de livros, como uma enciclopédia de medicina em 20 volumes, intitulada *Kitab Al-Hawi*, ou *O Livro da Compreensão*, onde reuniu quase todo o saber da medicina de sua época. O seu retrato, junto com o de Avicena, encontra-se exposto na Universidade de Paris desde a Idade Média. Criticava os médicos que diziam tudo saber sobre um paciente apenas analisando a sua urina e criticava também as religiões, afirmando que elas eram nocivas à humanidade, gerando fanatismo e provocando até mesmo guerras. Por causa desta sua posição, muitos não compreenderam a grandeza de Al-Razi, como o próprio Avicena, que dizia que ele deveria ter se limitado aos estudos de medicina. Foi diretor do hospital da cidade de Ravy, além de fundar e dirigir um hospital em Bagdá, junto ao rio Tigre. Consta a lenda que para escolher o local, ele colocou pedaços de carne em vários lugares da cidade. O lugar escolhido foi onde a putrefação mostrou-se menos intensa, pois ali o ar era mais saudável. Cuidava dos doentes com todo carinho, afirmando sempre que não era bom abusar dos remédios e ensinou medicina neste hospital até ficar idoso e cego. Al-Razi era dotado de uma inteligência excepcional e, além de médico, também foi filósofo, físico, músico e alquimista. Curiosamente, não quis se tratar da possível catarata que o acometeu, alegando já estar muito velho. Regressou à sua cidade natal, onde faleceu na miséria por volta do ano de 925.

Abulcasis nasceu no ano de 936 em Zahra, pequenina cidade da Espanha moura, localizada nos arredores de Córdoba e é considerado o maior cirurgião da Idade Média. Viveu grande tempo em Córdoba, onde clinicou e escreveu sua enciclopédia médica em 30 volumes, *Kitab Al-Tasrif*, que foi traduzida para o latim por Gerardo de Cremona no século XII

e adotada nas escolas médicas europeias até o século XVII. Nesta obra, abordou todos os aspectos da cirurgia, medicina, farmacopeia, odontologia, oftalmologia e obstetrícia. Além de ter sido muito utilizado na Europa, este livro também foi largamente empregado por médicos do Oriente Médio por, pelo menos, 500 anos. Abulcasis criou inúmeros instrumentos cirúrgicos e foi médico do famoso califa de Córdoba, Al-Hakam II, responsável pela maior biblioteca da Idade Média. Faleceu em Córdoba no ano de 1013.

Avicena (Ibn-Sina), chamado de o “Galeno islâmico” em virtude de sua grandeza, foi o médico mais famoso da Idade Média. Nasceu na pequena cidade de Kharmezan (atual Uzbequistão) no ano de 980. A genialidade de Avicena foi despertada muito cedo. Dizem que, com apenas 10 anos de idade, já sabia recitar todo o Alcorão. Começou a estudar medicina aos 13 anos. Aos 16 anos, tornou-se médico e, aos 20 anos, já era um médico reconhecido e seus serviços disputados por emires que governavam o norte e o centro da Pérsia. Aos 21 anos, Avicena já havia escrito uma enciclopédia. Os seus próprios contemporâneos chamavam Avicena de o “Príncipe dos Médicos”. Ele possuía uma vasta cultura, tendo se dedicado também à filosofia, à teologia, à poesia, à astronomia, à música, à matemática e à física, entre outros ramos do saber. Escreveu mais de 200 obras (alguns autores falam em mais de 400 livros) sobre os mais variados assuntos, desde medicina até filosofia, física e astronomia. Sua obra médica mais conhecida intitula-se *Cânone*. No século XII, Gerardo de Cremona traduziu o *Cânone* de Avicena para o latim e, a partir de então, a obra foi muito utilizada ao longo de toda a Idade Média nas universidades europeias. Neste livro, ele tentou reunir os ensinamentos de Hipócrates, Galeno e Aristóteles. Durante algum tempo, o *Cânone* de Avicena foi considerado a Bíblia da Medicina. Sabe-se que ele era um grande amante de vinho e de mulheres e sua existência foi abreviada pelos seus excessos com o álcool. Conta um de seus discípulos que, já no final da vida, Avicena sofria com dores terríveis no abdome, mas se recusou a ser tratado, pois julgava qualquer tratamento inútil. Defendia que a alma era independente do corpo, conceito que agradava a igreja católica e, por isso, suas ideias puderam ser estudadas no Ocidente. Faleceu aos 57 anos de idade em 1037, após ter levado uma existência de intensa atividade intelectual, profissional e de prazeres.

Avenzoar nasceu em Sevilha no ano de 1091 e faleceu em 1162. Homem extremamente culto, mas, ao contrário do que era comum em seu

tempo, ele estudou e dedicou-se exclusivamente à medicina e não aos outros ramos do saber. Não admirava Avicena, de quem discordava em inúmeros pontos.

Ibn Ruchd, conhecido no Ocidente por Averróis, nasceu em Córdoba, no ano de 1126. Tendo desagradado o califa, foi desterrado e sua obra queimada em público. A sua fama de filósofo acabou lhe diminuindo o seu notável valor como médico. Discípulo de Avenzoar, por quem ele nutria profunda admiração e a quem chamava de o maior médico depois de Galeno, Averróis expressava suas ideias de maneira livre, o que lhe acarretou inúmeros desafetos. Por causa disso, foi expulso da Andaluzia, vindo a terminar seus dias em Marrakech, Marrocos, onde faleceu no ano de 1198.

Maimônides também é outro médico extraordinário e filósofo brilhante, natural de Córdoba, tendo nascido no ano de 1135. Por ser de família judia (mas escrevia suas obras em árabe), foi perseguido pelo califa e mudou-se para o Cairo, tornando-se médico do célebre sultão Saladino, que subira ao trono egípcio em 1169. Da mesma forma que ocorreu com Averróis, a sua obra médica ficou obscurecida pelos seus notáveis trabalhos filosóficos. Dentre outros livros, Maimônides escreveu um curioso tratado sobre hemorróidas. Faleceu no ano de 1204 no Egito.

MEDICINA MEDIEVAL



A MEDICINA MEDIEVAL

DURANTE A IDADE MÉDIA, A MEDICINA tinha um pé na ciência e outro na magia. Os médicos medievais, que gostavam de ser chamados de físicos, eram grandes conhecedores da natureza. Sobretudo, baseavam sua terapêutica em plantas medicinais, cujos comerciantes vendiam nas portas dos mosteiros, quando os mesmos não as cultivavam. O próprio médico Guy de Chauliac diria, por volta de 1363, que “com imprecações e beberagens, óleo, lã e folhas de couve, os médicos curam todas as feridas, fundamentando-se na premissa de que Deus colocou sua virtude em palavras, ervas e pedras.” A Idade Média foi um período em que houve pouco avanço da medicina, pois ela se achava fortemente baseada em superstições. Guy de Chauliac teve grande reputação como cirurgião em seu tempo. Ele escreveu uma obra intitulada *Chirurgia Magna*, que foi editada até o século XIX e muito influenciou os estudos de medicina da época medieval. Foi médico pessoal de três papas, Clemente VI, Inocêncio VI e Urbano V. Também adoeceu com a Peste Negra, sofrendo dores terríveis pelo corpo, mas se recuperou da doença.

A verdade é que o conhecimento da medicina durante a Idade Média foi muito eclético. Na Inglaterra, no período imediatamente anterior à conquista normanda (1066) por Guilherme, o Conquistador, os médicos receitavam para os doentes ervas cultivadas nos jardins dos mosteiros; caso elas não dessem resultado, apelavam para feitiços, simpatias e magia. Os médicos faziam o que era possível para tratar os enfermos; porém, como a medicina na Idade Média achava-se num estágio bastante atrasado com relação a que ela viria a ser séculos mais tarde e, sobretudo, como era acessível apenas a uma pequena parcela da população, grande parte das pessoas havia se acostumado com o sofrimento e elas se viravam como podiam. Muitas vezes, as doenças acabavam sendo curadas sozinhas ou o indivíduo terminava morrendo sem mais cuidados. Os homens medievais encaravam a dor, a doença e a morte com naturalidade, porque acreditavam que sua alma poderia ter uma melhor sorte na vida futura que os aguardava. Não só as pestes e epidemias, mas a própria enfermidade era considerada uma punição enviada por Deus para castigar homens e mulheres em pecado. Por isso, era comum as pessoas se resignarem com suas enfermidades ou buscarem nas orações um alívio para seus males. Além do mais, não

existiam muitos médicos e, os poucos existentes, costumavam cobrar caro por seus serviços, de maneira que a população mais pobre não podia pagar e eles se viam obrigados a se tratar com ervas colhidas no quintal ou charlatães que apareciam na aldeia. Basicamente, os tratamentos mais aplicados durante a Idade Média foram sangrias, purgações, eméticos e enemas.

Entre os séculos IX e XII, três fatores ajudaram a transformar a medicina medieval: a criação das primeiras universidades, a abolição do Édito de 1163, o qual não permitia que se realizassem operações com sangue e a permissão para se dissecar cadáveres para fins de estudos anatômicos.

De acordo com o professor Max Neuburger, a Medicina Medieval pode ser dividida em quatro períodos distintos:

- a) Período Monástico – Do início da Idade Média ao século X;
- b) Período Salerniano – Do século XI ao século XII;
- c) Período da Iluminação Arabista – Século XIII;
- d) Período da Pré-Renascença – Século XIV.

Os instrumentos cirúrgicos medievais eram verdadeiramente horripilantes, quase sempre enferrujados, sujos, cobertos com sangue coagulado e, na maior parte das vezes, feitos em ferreiros mais especializados em fabricar ferraduras para cavalos. Dentre eles, destacavam-se os canivetes de incisão, facas, trépano (para se fazer trepanações), serrotes, alicates, martelo, formão, tesouras, serras, pinças, agulhas, lancetas, escalpelos e o temível cautério, que era uma barra de ferro com uma bola na ponta. Aquecido até tornar-se extremamente quente, era colocado sobre a ferida do infeliz para cauterizá-la. A dor era tremenda. A carne fritava e ficava aderida ao ferro. Quando o cirurgião retirava o cautério, as fibras da carne colada ao instrumento rasgavam e o ferimento voltava a sangrar, uma coisa terrível. Algumas vezes, utilizavam óleo no cautério para evitar tal problema. Ambroise Paré procurou abolir este tipo desumano de tratamento, como veremos adiante. Estes instrumentos médicos eram conhecidos por “ferros” e recomendava-se que os cirurgiões os escondessem o máximo possível das vistas do paciente, para que ele não ficasse aterrorizado.

Convém dizer algumas breves palavras sobre três importantes obras de medicina publicadas durante a Idade Média e que ainda não foram citadas.

Ao longo de todo o período medieval, os livros de medicina eram cópias escritas à mão e, portanto, passíveis de muitos erros. Os monges os copiavam nos mosteiros, mas nem todos faziam o trabalho com a atenção desejada. Havia não só as cópias mais populares, realizadas de maneira bastante apressada, como também as cópias mais caprichadas, verdadeiras obras de arte, com ilustrações requintadas e rica encadernação que, evidentemente, custavam mais caras e podiam ser adquiridas apenas por pessoas abonadas. O material empregado era o pergaminho, ou seja, pele de cordeiro ou de cabra tratada por um processo especial.

Uma das obras mais importantes da Alta Idade Média, consultada por todos que desejavam se dedicar à medicina, foi escrita pelo bispo Isidoro de Sevilha no século VII, mais especificamente o quarto livro de suas *Etimologias*. Para ele, tratar um doente era, antes de tudo, procurar lhe restaurar a energia vital, ideia baseada na teoria galênica dos humores, que foi difundida na Europa, principalmente, a partir do século IV pelo bizantino Oribaso. Em 1354, o Duque Henrique de Lancaster publica o *Livro das Santas Medicinas*, também baseado nos ensinamentos de Galeno. Outra obra muito utilizada pelos médicos da Idade Média foi o *Tacuinum Sanitatis*, escrita no século XI pelo físico cristão de origem árabe Ibn Butlan. Esta obra corresponde a uma síntese do saber médico no início da Baixa Idade Média e o apresenta de maneira correta e confiável aos estudiosos de medicina do tempo.

MÉDICOS, CIRURGIÕES E BARBEIROS

DURANTE A IDADE MÉDIA, A MEDICINA foi exercida basicamente por três profissionais: o médico, o cirurgião e o barbeiro. O físico era o médico por excelência, aquele que sabia diagnosticar as doenças e prescrever os tratamentos, gozando de um alto conceito entre as pessoas. Abaixo do médico, vinha o cirurgião, a quem cabia tratar feridas, amputar membros, fazer sangrias, realizar cirurgias. Num terceiro degrau, aparecia o barbeiro. Essa diferenciação passou a ficar mais acentuada a partir do século XII, quando aparecem as primeiras universidades. Até então, era comum o mesmo profissional exercer a medicina, a cirurgia e até mesmo a manipulação de remédios para os doentes.

Antes da fundação das universidades, os médicos europeus aprendiam o ofício no dia a dia, através da experiência prática. A maioria, porém, sabia pouco mais de medicina do que um barbeiro e eles eram vistos pela população quase como açougueiros, carregando suas facas e serras, muitas vezes, mal lavadas. Os médicos formados nas universidades sofriam a concorrência de todo tipo de gente que aprendia os rudimentos da medicina na prática, como curandeiros, charlatões, barbeiros e até mesmo monges.

Aos poucos, após o aparecimento das primeiras universidades, a profissão do médico começou a se estruturar melhor. Em Florença, no ano de 1236, médicos e boticários formaram uma única guilda, que passou a regular o ofício. Em média, levava-se de sete a oito anos para se formar um *doctor medicinae*. Como se pode imaginar, estes profissionais eram raros e acabavam trabalhando quase que exclusivamente para reis, a nobreza, o clero e pessoas abastadas.

Os médicos medievais tinham verdadeiro horror de praticar qualquer serviço manual, como o dos cirurgiões, que eram vistos como profissionais inferiores. Acreditavam que seu trabalho no exercício da medicina restringia-se a usar o cérebro e não as mãos. Quem fazia trabalhos manuais era considerado como um servidor, da mesma forma que um escravo ou servo. Por isso, estes serviços eram deixados para serem realizados por cirurgiões e barbeiros. Os médicos se recusavam até mesmo a atender diretamente às mulheres que estavam para dar à luz. Quando muito, orientavam as parteiras, dizendo o que deveria ser feito. Em geral, os

médicos cuidavam das doenças internas, enquanto que o cirurgião dedicava-se a tratar as externas, como fraturas, ferimentos, etc.

Quais eram as qualidades apreciadas em um médico medieval? Em primeiro lugar, que fosse formado por uma universidade. Em seguida, que fosse íntegro, temente a Deus e dedicado à sua ciência. Por fim, que não visasse apenas ao lucro. Segundo o médico canadense William Osler, “o bom médico trata a doença, mas o grande médico trata o paciente.” As pessoas preferiam tratar-se com médicos mais velhos do que com os mais jovens, pois tinham mais experiência. Quase todos os médicos medievais praticavam uma medicina baseada, sobretudo, em Galeno, cujos ensinamentos haviam sido interpretados pelos árabes.

Na Itália do século XIII, há registros de médicos que atendiam gratuitamente as pessoas mais pobres, em troca de alojamento e isenções fiscais. Evidentemente, viviam sobrecarregados de trabalho e não podiam atender a todos.

O preço dos honorários médicos não era fixo e cada um cobrava quanto queria, de acordo com a sua capacidade e a sua importância. Quase sempre, cobravam mais caro dos ricos, que podiam pagar, e menos dos pobres que, em geral, pagavam com gêneros alimentícios cultivados em seu quintal ou animais que criavam. Se um médico cobrasse 100 libras de um nobre, podia dar-se por satisfeito em receber uma galinha e uma dúzia de ovos de um humilde camponês. Como todos sabiam que os médicos costumavam cobrar mais dos ricos, muitos enfermos abastados e avaros iam procurá-los vestidos com farrapos, para os enganar e pagar menos a consulta. Havia até um livro escrito no século XIII por Henri de Mondeville, que alertava seus colegas médicos para isso e como deveriam proceder para reconhecer esses ricos que se disfarçavam de maltrapilhos. Se alguns médicos não cobravam nada de seus pacientes, outros costumavam cobrar verdadeiras fortunas de quem pudesse pagar por seus serviços. É o caso do notável médico Tadeu Degli Alderotti, professor da Universidade de Bolonha, que tratava do papa Honório III e cobrava dele a exorbitante soma de 100 ducados de ouro por dia!

Já o cirurgião não possuía diploma universitário, raramente entendia latim e era visto como um profissional inferior pelos médicos formados. Tanto na França, quanto na Inglaterra, os cirurgiões do final da Idade Média eram quase sempre homens iletrados, que foram, aos poucos, delegando aos barbeiros as responsabilidades das pequenas cirurgias, como

arrancar verrugas e sangrar os pacientes. Na Itália, porém, os profissionais médicos eram mais letrados e a própria cirurgia era aí mais valorizada.

Em geral, estes cirurgiões que sangravam, deitavam sanguessugas, arrancavam dentes, começavam como aprendizes dos mais velhos e, quando já se achavam aptos, recebiam uma carta para exercer a profissão. Além de pequenas cirurgias, para as quais estavam em geral habilitados, os cirurgiões também podiam atuar como médico nas localidades em que estes não existiam. Nas ilustrações medievais, o cirurgião era sempre representado vestindo uma túnica comprida, sem mangas, além de usar uma touca.

Durante a Idade Média, as cirurgias não eram realizadas apenas pelos cirurgiões, mas também por barbeiros e charlatões itinerantes, que extraíam dentes, lancetavam abscessos, cauterizavam hemorróidas e até operavam cataratas. Como os médicos formados em universidades escasseavam, a maior parte da população não tinha acesso a eles e procurava se virar como podia, buscando outras alternativas para se tratar.

O barbeiro era o mais humilde dos profissionais que trabalhavam com a medicina, mas o mais solicitado pela população, pois cobrava menos. Sangrava, cortava prepúcios, arrancava dentes, tratava de mordedura de cobras. A igreja havia proibido que os monges exercessem atividades que envolvessem contato com sangue humano. Com isso, aos poucos, os barbeiros foram ampliando o seu campo de trabalho. Eles passaram a frequentar os mosteiros não mais apenas para cortar os cabelos dos frades, mas também para desempenhar todos os procedimentos citados acima, inclusive, a realização de pequenas cirurgias. Por executar estas cirurgias simples, eles também ficaram conhecidos como cirurgiões-barbeiros.

Na barbearia, além da cadeira do barbeiro, havia uma cama para examinar o paciente, armários com medicamentos, sanguessugas dentro de vasilhames, que podiam ser compradas ou apenas alugadas. A maior parte da renda de um barbeiro vinha das sangrias e da aplicação das sanguessugas.

A primeira sociedade de barbeiros formou-se em 1210 na França com a finalidade de regulamentar a profissão. Ficou estabelecido que cabia a eles executar procedimentos simples e diários, como sangrias, imobilização de fraturas, lancetar bolhas, etc. Muitas barbearias de hoje ainda possuem na sua fachada um mastro sinalizador para indicar o estabelecimento, onde se podem ver as cores vermelha e branca,

representando o sangue e as bandagens dos tempos antigos de cirurgião-barbeiro. A partir do século XV, inúmeras leis foram decretadas, limitando as atividades dos barbeiros, para deixar mais claras os campos de atuação que os separavam dos cirurgiões.

OS DOENTES

A MAIORIA DAS PESSOAS ERA TRATADA EM CASA, por um médico, um cirurgião, um barbeiro ou por curandeiros. Em aldeias menores, quando não existia a presença de nenhum destes, os frades e algumas mulheres que tinham conhecimento prático de ervas e unguentos procuravam ajudar dentro de suas possibilidades, mais com orações e boa vontade. Desesperados e sem outras alternativas, as pessoas que tinham doentes em casa suplicavam ajuda para qualquer viajante que vinha montado numa mula e se dizia conhecedor de medicina. Daí, terem proliferado os inúmeros charlatões.

Quando o homem medieval adoecia, era comum ele ser tratado por um curandeiro-feiticeiro, pois as pessoas acreditavam que estes possuíam partes com o além. Como muitos imaginavam que haviam adoecido por terem incorrido em faltas que desagradara a Deus e estavam sendo punidos por isso, fica fácil entender o porquê dessa preferência dos pacientes em buscarem ajuda de homens que possuíam uma ligação com o outro mundo e não procurar auxílio diretamente com os médicos. Mais do que isso, acreditavam que a sua recuperação se devia, exclusivamente, à vontade do Criador. Doenças como epilepsia, conhecida como a “doença sagrada”, era vista pelos antigos como espíritos malévolos que possuíam o corpo do doente e, por isso, deviam ser tratadas não por médicos, mas por religiosos. Ao longo da Idade Média, os epiléticos foram associados à feitiçaria ou à possessão demoníaca. Muitos acabaram queimados em fogueiras da inquisição, pois eram considerados bruxos.

As pessoas saudáveis procuravam demonstrar caridade com os doentes, pois ninguém sabia o dia de amanhã e qualquer um poderia adoecer gravemente do dia para a noite. Entre as prescrições dos beneditinos, constava a seguinte frase: “Receber os doentes como ao próprio Cristo”. Célebre é certa passagem da vida de São Luís, rei da França. Sempre que visitava a abadia de Royaumont, ia ele próprio alimentar um leproso, cujo rosto desfigurado e pústulas asquerosas pelo corpo causavam repugnância a toda gente.

Como os pobres viviam subnutridos, eles acabavam adoecendo com mais frequência, pois pessoas que não recebem uma boa alimentação possuem uma tendência maior para contrair doenças. A pouca atenção dada

à higiene pessoal, bem como a ausência de sistemas de esgoto e o consumo de água nem sempre potável, faziam com que as doenças proliferassem ainda mais entre os camponeses. Grande parte da população não tinha como pagar os serviços de um médico. Quando adoeciam, muitos só podiam contar com a ajuda de amigos, familiares e, às vezes, com alguma velha da aldeia que entendia de plantas e ervas. Em vista disso, apegavam-se aos santos de sua devoção, fazendo promessas e orações. Se dessem sorte, podiam ser tratados em mosteiros por algum monge que conhecia os rudimentos da medicina, geralmente aprendidos na prática diária.

Em nossos dias, um paciente vai a um hospital por estar febril, vomitando e com dores pelo corpo. Isto pode indicar uma série de doenças, que hoje um médico consegue diagnosticar através de vários exames; durante a Idade Média, porém, não existiam estes meios para estabelecer a causa da doença com confiança e, muitos tratamentos empregados acabavam produzindo mais mal ao paciente. O diagnóstico dependia muito da capacidade do médico, do seu poder de observação e de sua sensibilidade ao toque. Quase sempre, o diagnóstico de uma doença era dado através do exame da urina do paciente e do aspecto do doente. O médico, em geral, prescrevia sangrias para equilibrar os humores, ingestão de ervas e outras substâncias menos ortodoxas, mudança de ares, dieta, exercícios, banhos quentes e repouso. Além destes, os tratamentos recomendados pelos médicos medievais a seus pacientes constituíam-se em aplicação de clisteres e ventosas, eméticos, suadouros e purgativos para todas as enfermidades. Frequentemente, os doentes tornavam-se ainda mais debilitados e acabavam morrendo em virtude do tratamento e não propriamente da doença.

Um doente ilustre da Idade Média foi Carlos Magno, que tinha gota. Os seus médicos aconselhavam-no a comer menos assados e mais cozidos, mas o rei não lhes dava ouvidos. Na verdade, ele odiava seus médicos, pois estes o obrigavam a abster-se não só de suas comidas prediletas, mas também de sexo para se manter saudável. Embora fosse analfabeto, Carlos Magno incentivou as artes e o conhecimento, criando escolas dirigidas pelos religiosos, pois era um católico ferrenho. Morreu no ano de 814 de uma enfermidade aguda, que muitos historiadores acreditam ter sido pneumonia.

AS DOENÇAS

COMO JÁ FICOU DITO, AS PESSOAS DA IDADE MÉDIA acreditavam que as doenças eram causadas por vontade divina e, em muitos casos, o doentes não faziam nada a não ser orar e esperar que Deus os curasse. Até mesmo os médicos, que em tese eram homens de um nível cultural mais elevado, imaginavam que as enfermidades eram causadas pelo mau alinhamento dos planetas. Hipócrates ensinava que as doenças não eram castigos enviados pelos deuses, enquanto que Santo Agostinho, por sua vez, afirmava que todas as doenças lançadas sobre os homens eram manifestações da vontade do Diabo.

Quando um rico proprietário adoecia, ou mesmo um camponês que possuísse alguns bens, a primeira coisa que ele providenciava, tão logo começasse a se sentir debilitado, era chamar um padre para lhe encomendar a alma. Depois disso, era comum ele fazer um testamento a fim de deixar as suas posses a seus legítimos herdeiros. Em muitos casos, os médicos costumavam receitar purgativos aos doentes, para que evacuassem com frequência, pois acreditavam que as enfermidades poderiam ser expelidas do corpo junto das fezes. Quase sempre, estes laxantes eram ervas ou figos. Aliás, figos também foram empregados para curar outras doenças. Consta que o rei Ezequias sofria terrivelmente por conta de furúnculos, sobre os quais seus médicos aplicavam cataplasmas de figos, por sugestão de Isaías.

Em geral, como os médicos ignoravam a causa da elevação da temperatura do corpo, eles procuravam tratar a febre como a própria doença. Alguns médicos supunham que as febres eram causadas por emanções dos pântanos. Em vários casos, receitavam apenas que o paciente tomasse uma canja de galinha. A febre maculosa foi uma doença que grassou na Europa medieval, principalmente entre os mais pobres, em virtude das precárias condições de higiene. Era transmitida por piolhos e causava não apenas febre alta, mas também erupções cutâneas e perturbação da consciência, pois afetava o cérebro. Estima-se que metade dos doentes acabava morrendo. Outra doença que levou milhares de pessoas à morte na Europa Medieval ficou conhecida como fogo-de-santo-antônio, ou seja, um envenenamento por esporão de centeio. Trata-se de um parasita que ataca os grãos, sobretudo, o centeio, que fazia parte da dieta básica do homem medieval. Provocava diarreia, vômitos, cólicas e queimações pelo

corpo. Os membros entorpeciam e, nos casos mais graves, precisavam ser amputados. Alguns anos após a Peste Negra, apareceu em diversas partes da Europa um surto de doença de São Vito. Sem saber como lidar com tal enfermidade, os padres faziam exorcismos em massa, procurando expulsar o demônio dos corpos dos doentes. O mesmo ocorria com os epiléticos que, quando sofriam seus ataques, as pessoas acreditavam que eles estavam sendo possuídos por entidades malignas e, por isso, não buscavam ajuda de médicos, mas de um padre.

O tifo era considerado uma doença típica de guerra, pois proliferava entre soldados que não primavam por hábitos higiênicos cuidadosos em acampamentos imundos. Disenterias também eram muito comuns na Idade Média, em virtude da ausência de higiene, que favorecia a propagação dos micróbios.

Doenças de pele eram rotineiras durante a época medieval. Em virtude da falta de asseio, boa parte da população vivia com sarna. Quaisquer doenças de pele como acne, psoríase e eczemas eram conhecidas pelo nome genérico de “scabia”, ou seja, sarna, quando não eram associadas com a lepra. Os médicos afirmavam que tais enfermidades eram causadas por vermes que proliferavam debaixo da pele. Costumavam tratar os doentes do couro cabeludo com um emplasto à base de vinagre. Se o mal era no rosto, o melhor seria esfregá-lo com uma cebola. Em 1162, o médico árabe Avenzoar, da cidade de Sevilha, havia afirmado que o ácaro e os carrapatos eram possíveis causadores de coceira. Piolhos infestavam os cabelos de grande parcela das pessoas. E a maior parte dos indivíduos passava a vida com pulgas pelo corpo. Coçar-se era um hábito tão arraigado na Idade Média, que ninguém fazia caso disso. Ricos e pobres coçavam-se furiosamente na frente de qualquer pessoa, até mesmo aquelas partes que hoje temos pudor de coçar diante dos outros.

SÍFILIS

AINDA HOJE, DISCUTE-SE SE A SÍFILIS EXISTIA na Europa durante a Idade Média. Não se conhece nenhum livro de medicina medieval que tenha descrito a doença, embora alguns historiadores afirmem que a enfermidade já se achava presente em certas localidades europeias, pois foram encontrados, pelo menos, dois esqueletos na Inglaterra do século XII que apresentam sinais da doença. A maioria dos estudiosos, porém, defende a hipótese de que a sífilis teve origem no continente americano e foi trazida para o Velho Mundo nas caravelas de Colombo.

A notícia mais antiga que se tem dela na Europa data de 1493-94, durante o cerco da cidade de Nápoles, quando franceses e espanhóis lutavam para conquistar terras italianas. Admite-se que os marinheiros espanhóis foram contaminados pela doença durante a passagem dos navios pelo Haiti. Muitos espanhóis que regressaram à Europa transmitiram a doença em cidades espanholas, como Barcelona. Posteriormente, o rei Carlos VIII recrutou alguns destes marinheiros espanhóis para lutar por seu exército e a doença se espalhou por Nápoles. Por sua vez, os conquistadores espanhóis deixaram nas novas terras descobertas a varíola, o sarampo e gripes que dizimaram populações inteiras com muito mais violência do que o poder de suas espadas e armas de fogo.

Quando a sífilis chegou à Europa, trazida pelos exploradores do Novo Mundo, imediatamente foi vista como uma vingança de Deus contra os lascivos e promíscuos, pois estava claramente ligada ao ato sexual. Em pouco mais de uma década, já havia se espalhado por todo o velho continente.

Causada por uma bactéria que precisa de umidade para sobreviver, normalmente é transmitida pelo contato de relações sexuais. Se a doença não for tratada, ela se espalha rapidamente por todo o corpo. No início, aparece um inchaço ao redor da área infectada. Aos poucos, o doente começa a apresentar febre, dores de cabeça e erupções na pele, até que surgem dolorosas lesões na boca, garganta e ânus. Os cabelos começam a cair e aparecem finalmente tumores e úlceras por todo o corpo. Além disso, a bactéria ataca não só os músculos, como também os ossos, corroendo-os, chegando, em alguns casos, a cair o nariz, deixando a pessoa desfigurada. Quando a doença apareceu na Europa, os médicos tentaram todo tipo de

tratamento, desde as costumeiras sangrias, até poções estranhas feitas com ervas. Alguns indicavam que os pacientes deveriam ser mordidos por animais. Nada dava resultado. Como os doentes ficavam com uma aparência horrível sem o nariz, alguns se submetiam a operações drásticas, onde se tentava arrancar, sem anestesia, um pedaço de pele do braço do sujeito, para se colocar no local da cavidade do nariz. O pedaço arrancado não podia ser completamente retirado do braço, senão secaria e necessitava ser irrigado por sangue. O cirurgião levava este pedaço de carne, denominado pedículo, até o nariz do paciente e o costurava sobre o nariz perdido. Demorava umas duas semanas para que o sistema circulatório estivesse funcionando, transmitindo o sangue das bordas do nariz ao pedículo. Durante este tempo, o paciente não podia abaixar o braço. O pedículo só poderia ser separado do braço, quando os milhares de capilares e pequeninas veias fizessem a ligação com o pedículo. Só então era cortada a parte que ainda permanecia ligada ao braço. Pior de tudo é que não melhorava muito a aparência do infeliz, que ficava com um pedaço de pele flácida no meio do rosto.

LEPROSOS

A HANSENÍASE, OU LEPROSA, é uma das doenças infecciosas mais antigas que o homem tem conhecimento. Há notícias dela já na antiguidade e, desde então, os leprosos eram segregados socialmente, como podemos perceber através do Código de Hamurabi: “Nunca mais conhecerão os caminhos de sua residência.” Também na Pérsia, costumava-se isolar os doentes contagiosos. Os leprosos eram exilados das cidades e não lhes permitiam retornar. A lepra espalhou-se violentamente pela Judeia nos séculos XI e XII. Quando os cruzados retornavam para casa, traziam inúmeros doentes, que ajudaram a disseminar a lepra pelo Ocidente e, durante o século XII, houve um aumento significativo de leprosos por toda a Europa.

Para a mentalidade do homem medieval, um doente de lepra estava sendo punido por Deus e as marcas e deformações em seus corpos eram sinais para que todos testemunhassem a punição divina. Guy de Chauliac, médico que viveu nos tempos da Peste Negra, afirmava que os leprosos padeciam as penas do Purgatório na terra e, por isso mesmo, quando morressem, teriam garantido o Paraíso, o que era um supremo conforto para eles.

Durante a Idade Média, os leprosos não possuíam qualquer direito legal ou cívico e estavam proibidos de interagir com as outras pessoas. Eles eram expulsos da sociedade e não podiam entrar nem mesmo nas igrejas. Além disso, não lhes era permitido se persignar com água benta, nem participar de ajuntamentos.

Nas cidades medievais, era comum os enfermos pedirem esmolas pelas ruas, exibindo suas úlceras e chagas. Não só os doentes, mas também os cegos, os paralíticos, os portadores de deformações físicas dependiam da piedade alheia para sobreviver. Porém, quando se tratava de doenças contagiosas, como a lepra, as autoridades tomavam medidas para separar as pessoas saudáveis dos pestilentos. Como os conhecimentos de medicina, durante a Idade Média, encontravam-se num estágio bastante atrasado se comparados aos dias atuais, era preferível o isolamento de um doente que poderia infeccionar outras pessoas do que o tratamento da doença. Aliás, homens e mulheres não temiam os leprosos apenas por medo de contágio.

Diziam que eles matavam crianças inocentes para lhes beber o sangue puro, pois se acreditava que, dessa forma, a doença poderia ser curada.

Ao longo do século XII, algumas ordens religiosas passaram a reuni-los em hospitais especiais, chamados de leprosários. Nesta época, Inglaterra e Escócia juntas possuíam uma população de um milhão e meio de pessoas e havia nestes dois países 220 leprosários. Um século depois, na França, existiam algo em torno de dois mil leprosários. Durante esse período, a lepra desenvolveu-se muito no Ocidente e, em 1225, estima-se que havia cerca de 19 mil leprosários em toda a Europa, um número verdadeiramente estarrecedor. Muitas vezes, tais locais tornavam-se habitações permanentes, pois a grande maioria dos leprosos era impedida de sair do lazareto. Os que se arriscavam a vir para as cidades, precisavam usar uma roupa que os identificassem como leprosos, além de trazer um chocalho na mão, para avisar aos demais que ali se achava um doente que poderia infeccionar os outros.

Próximo do final da Idade Média, o número de leprosos diminuiu muito. Em 1342, Ricardo III manda fechar as portas do Hospital de Ripon, porque ali “não há mais leprosos”. Em 1348, quando a Peste Negra já havia chegado às grandes cidades da Europa, como Paris e Londres, o enorme leprosário de Saint-Alban contava com apenas 3 enfermos e, em 1372, o leprosário de Romenall encerrou suas atividades por falta de doentes. Na gafaria de Stuttgart, no ano de 1589, um relatório informa que há mais de meio século não se encontrava nenhum leproso em suas instalações. Inúmeros lazaretos passaram a ser utilizados para tratar - ou segregar - os portadores de outras doenças infecciosas, para isolar os loucos ou até mesmo para abrigar pessoas que viviam na mendicância. Durante a Peste Negra, também foram utilizados para isolar os doentes, com a intenção de proteger as pessoas que moravam nas cidades, onde a peste se mostrou mais violenta do que no campo.

Como se pode imaginar, desde os tempos mais remotos, tentava-se curar os leprosos com remédios que não passavam de verdadeiros absurdos. Ainda no Rio de Janeiro, no século XIX, os médicos acreditavam que podiam curar a doença com picada de cobra venenosa. Houve até um caso terrível, onde uma junta médica fez picar um leproso por uma cascavel, levando o infeliz a falecer pouco depois...

LOUCOS

TAMBÉM HÁ REGISTROS DE LOUCOS desde a antiguidade. Os babilônicos acreditavam que os doentes mentais comportavam-se de maneira diferente das outras pessoas por influência demoníaca, enquanto que Asclepiades, médico romano, procurava acalmar os malucos com música e luz solar.

Diziam que os doentes mentais sofriam transtornos por causa da *Pedra da Loucura* que traziam na cabeça. Era comum charlatões viajarem de cidade em cidade para arrancar tal pedra da cabeça deles. Afirmavam que, ao arrancá-la, o paciente ficaria curado. Muitas pessoas os procuravam nas praças para realizar a cirurgia em algum de seus familiares. Esses médicos itinerantes faziam um talho na cabeça do doente e atiravam uma pedra dentro de um balde, afirmando que ele estaria curado assim que se recuperasse.

Durante a Idade Média, os loucos, como os leprosos, também eram proibidos de entrar na igreja. Há um relato de um menino da cidade de Nuremberg que levou um doido para uma igreja e foi punido com três dias de prisão no ano de 1420.

Em geral, os loucos viviam andando pelas ruas. Às vezes, eles caminhavam de uma cidade para outra, pois eram escorraçados para fora de seus muros. Deixavam-nos andar pelos campos ao deus-dará, até que se perdessem e fossem parar em outra aldeia. Muitos viravam maltrapilhos. Costumava-se mandá-los embora junto com peregrinos que passavam pelas cidades, com mercadores, ou metiam-nos em barcos. No ano de 1399, na cidade de Frankfurt, os marinheiros se incumbiram de levar um louco que passeava nu pela cidade. Era costume dos mercadores e dos marinheiros levar os loucos para localidades importantes, como aquelas que possuíam grandes feiras e “perdê-los” ali, no meio da multidão, para que não pudessem regressar às suas cidades de origem. Em grande parte dos casos, porém, os loucos eram deixados não tão longe quanto se gostaria, pois muitos incomodavam também nos navios. Há o caso de um ferreiro louco de Frankfurt, que por duas vezes foi enviado em navios e, por duas vezes, retornou. Entre 1400 e 1450, há registro na cidade de Nuremberg de 62 loucos, metade dos quais foram escorraçados.

No século XIII, fundou-se em Londres o hospital de Bethlem (conhecido por Bedlam), certamente, um dos primeiros institutos dedicados a doentes mentais. Tudo indica que os loucos não eram muito bem tratados, pois, em 1403, há relatos da existência de pelo menos seis alienados que viviam metidos em ferros e correntes.

Ao longo da Idade Média, em boa parte das cidades, havia um local de detenção para se trancafiar os doentes mentais em estado de vagabundagem, como a célebre *Torre dos Loucos de Caen*. Por isso, acredita-se que era comum escorraçar apenas os doidos estrangeiros, de modo que cada cidade deveria tomar conta dos seus. Muitas dessas prisões possuíam grades, para que as pessoas do lado de fora pudessem observar os loucos fazendo suas loucuras. Mantinham-nos amarrados por correntes, em ambientes imundos, em meio às suas fezes e urina e, por mais incrível que possa parecer, as pessoas podiam pagar para vê-los, quase como atração de circo. Era permitido cutucá-los com uma vara, para fazer com que eles se enfurecessem e, dessa forma, demonstrassem ainda mais a sua loucura. Nas primeiras terças-feiras de cada mês, os homens e mulheres podiam visitar os loucos sem pagar nada. Parece que este costume agradava muito as pessoas, tanto que durou até o século XIX, quando os próprios hospitais cobravam ingresso para poder se observar os loucos. Segundo Michel Foucault, “Em 1815, ainda, a acreditar num relatório apresentado na Câmara dos Comuns, o hospital de Bethlem exhibe os furiosos por um *penny*, todos os domingos. Ora, a renda anual dessas visitas elevava-se a 400 libras, o que pressupõe a cifra espantosamente alta de 96.000 visitas por ano.”

O tratamento que recebiam, muitas vezes, era cruel nos tempos medievais. Quando um louco achava-se furioso, as pessoas o agarravam e o metiam dentro de um rio com água gelada, até que se acalmasse. Alguns lhes davam chicotadas ou os escorraçavam da cidade a pauladas. Mas havia quem os tratasse bem e com humanidade, como Paracelso, pois acreditava que eles estavam mais próximos de Deus, devido à sua inocência.

AMPUTAÇÃO

MUITOS HOMENS E MULHERES tiveram seus braços e pernas amputados ao longo de toda a Idade Média. Evidentemente, o sofrimento que isto lhes causava era algo verdadeiramente monstruoso. Como não existiam anestésicos tais quais temos em nossos dias - e as opções existentes não eram muito eficazes, como veremos adiante - os pacientes acabavam sofrendo de maneira bárbara. Em geral, embriagavam os infelizes e o médico começava a serrar a perna do doente sem mais delongas, que quase sempre acabava desmaiando de dor.

A amputação só era empregada, quando o paciente não tinha outra opção: era isso ou morrer. Na maioria dos casos, amputava-se uma perna ou um braço se eles apresentassem feridas gangrenadas. Como os ferimentos gangrenavam com relativa facilidade, não havia outra solução a não ser amputar o membro. Durante a Idade Média, os médicos evitavam amputar a perna de um paciente acima do joelho e o faziam apenas em último caso, pois, em geral, o infeliz sangrava até a morte. Com o tempo, os cirurgiões aprenderam que era interessante serrar mais osso do que carne, deixando parte dos tecidos moles em torno do osso, para que ele cicatrizasse e fosse possível adaptar uma perna de pau ou um gancho no lugar de um braço.

Em uma amputação, antes de mais nada, era preciso convencer o paciente a dar permissão para a cirurgia, o que nem sempre era fácil. Todos sabiam que muitas pessoas morriam durante o próprio ato de serrar uma perna ou em virtude de infecções posteriores. Ciente disso, o doente tinha que se preparar para um procedimento verdadeiramente horroroso. Tendo concordado com a amputação, o médico fazia o paciente se sentar numa cadeira e, muitas vezes, vendava-lhe os olhos, como se isso ajudasse alguma coisa. Em alguns casos, o sujeito precisava ser amarrado.

Primeiro, o cirurgião apanhava sua faca que, em geral, não era lavada e poderia conter sangue coagulado de outras amputações, e cortava a carne do infeliz, dois dedos acima do local gangrenado, até que o osso se tornasse visível. Depois, com uma serra, passava a serrar o osso até a perna ou o braço cair. Podia-se costurar a pele, para fazer com que a hemorragia diminuísse ou cauterizar a ferida com fogo. Somente no século XVIII, é que foi inventado um dispositivo para prender a circulação e evitar o sangramento excessivo das amputações. Antes de se amputar uma perna,

era colocada no paciente a cinta do torniquete de Petit, inventada por Jean-Louis Petit, instrumento que minimizou um pouco o problema da perda de sangue em demasia. Geralmente, eram necessários cinco homens fortes para segurar o desgraçado que, durante a cirurgia, se contorcia e esperneava desesperadamente, urrando pela dor insuportável.

Conta-se que um cavaleiro cruzado se achava com um ferimento em uma perna. Um médico foi chamado e constatou que seria necessário amputá-la. O cavaleiro não queria isso, mas o médico o convenceu, perguntando-lhe se ele preferia viver com apenas uma perna ou morrer com as duas. O cavaleiro concordou com a amputação e o médico chamou um homem forte e pediu também um machado. Ordenou que o sujeito desse uma machadada com toda a força sobre a perna do infeliz, para arrancá-la fora de uma só vez, imaginando que a dor fosse menor se procedesse dessa forma. Após a perna do cavaleiro ter sido colocada sobre um tronco, o homem deu-lhe uma violenta machadada e o miserável gritou feito um coioote sendo capado. Seu fêmur foi esfaqueado, mas a perna não foi amputada. O médico ordenou que o homem desse mais uma machadada sobre os ossos esmigalhados do cavaleiro. Assim foi feito e ele morreu na mesma hora...

CIRURGIA E ASSEPSIA

DESDE AS ERAS MAIS ANTIGAS, os médicos já praticavam a cirurgia, como provam os crânios trepanados que datam de cinco mil anos ou mais. Durante a Idade Média, as cirurgias eram um verdadeiro terror. Não havia anestésicos eficientes, como já foi dito, não se compreendia o motivo por que ocorriam infecções pós-operatórias e não se sabia se elas dariam o resultado esperado. Apenas quando Louis Pasteur descobriu que micro-organismos podiam causar doenças é que os médicos e cirurgiões começaram a compreender por que muitos de seus pacientes vinham a morrer de infecções após as cirurgias. Por isso, muitos cirurgiões somente operavam o paciente em último caso e a cirurgia era vista como a derradeira opção dos médicos, que tentavam curar os doentes de outras maneiras. O próprio Hipócrates já afirmava que a cirurgia só deveria ser empregada, quando todas as outras alternativas não haviam dado resultado.

Praticava-se a cirurgia na própria casa do doente, sobre uma cama ou na mesa da cozinha. Amarrava-se a vítima e davam-lhe bebidas alcoólicas. O médico operava com a roupa suja que andava nas ruas cobertas de poeira. Ninguém sabia nada sobre assepsia.

Somente durante o século XIX é que alguns médicos como Ignaz Semmelweis e Joseph Lister começaram a se preocupar sobre o assunto. Ao contrário do que pode parecer, a grande revolução da medicina não aconteceu com a invenção da anestesia, mas com a descoberta da assepsia. Isto porque, se os pacientes não sentiam mais dor durante a cirurgia, eles continuavam morrendo de infecções pós-operatórias. Os antibióticos servem também para que cortes não infeccionem. Como eles não existiam durante a Idade Média, uma amputação ou cirurgia era sempre um risco, pois o paciente poderia morrer em virtude de uma infecção.

Pode-se datar a década de 1840 como o início da assepsia. Em 1846, no Hospital Geral de Viena, a febre puerperal estava matando muitas mulheres que tinham acabado de dar à luz. Neste hospital, havia duas alas separadas, uma onde os partos eram realizados por médicos e estudantes de medicina e outra em que os partos eram feitos por parteiras. Perceberam que o número de mortes era muito maior na ala onde os médicos realizavam os trabalhos de parto. Neste ano, 459 mulheres (11,4% dos partos) tinham falecido na ala dos médicos, enquanto que 105 mulheres (2,7% dos partos)

havia morrido na ala das parteiras. Este fato deixava todos intrigados, pois se esperava que os partos feitos pelos médicos, por terem mais estudo e serem mais treinados, deveriam apresentar uma taxa de óbitos das pacientes menor. Em 1847, um jovem médico húngaro, Ignaz Semmelweis, foi nomeado primeiro-assistente do professor de obstetrícia da clínica. Grande parte do tempo, ele se dedicava a estudar por que motivo ocorriam mais mortes de parturientes na ala dos médicos. Após regressar de umas férias que passou em Veneza, soube que seu amigo e colega, o médico Jacob Kolletschka havia falecido. Enquanto dissecava um cadáver com seus alunos, o bisturi feriu-lhe o dedo, que inflamou e uma vermelhidão passou a se espalhar pelo seu corpo. Logo, encontrava-se com inúmeros abscessos e acabou morrendo poucos dias após ter se ferido. Tão logo soube do ocorrido, Semmelweis percebeu que os sintomas de seu colega eram muito semelhantes aos que desenvolviam as parturientes. Concluiu que os médicos que faziam os partos, que frequentemente vinham da sala de dissecação de cadáveres e mal lavavam as mãos, estavam causando as mortes das mulheres. Eles costumavam realizar as autópsias logo cedo, indo em seguida trabalhar no hospital, onde faziam os partos. Semmelweis obrigou que, antes de qualquer trabalho de parto, lavassem as mãos com cloreto de cal, uma substância química semelhante a água sanitária. Em três meses, os resultados foram surpreendentes e o número de mortes caiu drasticamente. Por suas ideias terríveis – os médicos eram os responsáveis por disseminar infecções – Semmelweis acabou sendo discriminado pela comunidade médica. Em 1850, foi obrigado a deixar Viena e veio a falecer, desiludido, num hospital de loucos.

Outro nome importante para a assepsia é Joseph Lister. Como muitos médicos do século XIX, ele somente se decidia por operar um paciente em último caso, pois qualquer corte poderia infeccionar, causando a morte do enfermo. Nas amputações realizadas por Joseph Lister, cinquenta por cento dos doentes não sobreviviam. Embora a medicina do século XIX, por volta de 1865 já tivesse alcançado grandes realizações, os médicos não entendiam por que motivo ferimentos infeccionavam. Não se imaginava que micro-organismos poderiam ser responsáveis por doenças. Mesmo após os cuidados com limpeza e higiene apregoados por Semmelweis, muitos médicos usavam a própria roupa do dia a dia para realizarem as cirurgias, ou mesmo punham um velho jaleco com manchas de sangue e pus de inúmeras operações. Os próprios instrumentos cirúrgicos

eram utilizados em vários pacientes e, quando muito, lavados superficialmente para tirar o sangue coagulado. Lister começou a acompanhar as experiências que Louis Pasteur vinha fazendo com colônias de micro-organismos e chegou à conclusão que seus pacientes estavam morrendo em virtude dos germes. Acreditava que, se pudesse matá-los ou impedir que alcançassem os ferimentos, não haveria infecção. Porém, como poderia fazer isso? Sabia que Pasteur esterilizava os seus instrumentos através do calor, um processo que viria a ser conhecido como pasteurização. Mas era impossível aplicar a mesma técnica em pacientes vivos. Após algum tempo, descobriu que uma substância química chamada fenol (ácido carbólico) era capaz de matar germes e resolveu empregá-la em seus pacientes. Realizou um primeiro teste com um menino de onze anos, que fora atropelado por uma carroça e teve a perna quebrada com fratura exposta. Normalmente, a ferida infeccionaria e o menino teria sua perna amputada. Joseph Lister fez um curativo com fenol e deixou por alguns dias. Quando foi trocar o curativo, para sua surpresa, a ferida não estava infeccionada, como era de se esperar. Refez os curativos algumas vezes e o menino deixou o hospital caminhando com as próprias pernas. O seu novo método de assepsia tornou-se um sucesso, embora muitos médicos ainda questionassem que as infecções eram causadas por germes. Ele passou a esterilizar todos os instrumentos cirúrgicos, as mãos e a própria sala de operações com ácido carbólico, reduzindo significativamente a morte dos operados.

Voltemos à cirurgia. Algumas delas eram verdadeiras atrocidades contra o indivíduo. Ao longo da Idade Média, uma das maneiras de se tratar a hérnia inguinal era removendo os testículos do infeliz, cirurgia que o médico bizantino Paulo de Égina, que viveu no século VII, era totalmente contra e achava uma mutilação desnecessária. Por essas e outras, não era incomum os pacientes tentarem fugir antes das cirurgias. Diziam que para realizar uma operação, os médicos deveriam ter “olhos de lince, coragem de leão e mãos de mulher”, além de trabalharem rapidamente, como suplicavam todos os pacientes. Por isso, os médicos preferidos eram aqueles que realizavam uma operação da maneira mais veloz possível, para diminuir a perda de sangue e a tortura do paciente. Porém, a pressa nem sempre é amiga da perfeição. Robert Liston era considerado o maior cirurgião britânico do século XIX. Dizem que era capaz de amputar uma perna em menos de um minuto. Às vezes, porém, nem tudo saía conforme o

desejado. Conta-se que, certa feita, ao amputar uma perna, serrou junto por engano os órgãos genitais do paciente. Em outra oportunidade, cortou fora os dedos de seu assistente, que acabou falecendo em virtude da infecção...

ANESTÉSICOS

DESDE AS ÉPOCAS MAIS REMOTAS, os cirurgiões procuravam dar a seus pacientes algum tipo de anestésico antes deles entrarem na faca. Não só porque, sem qualquer anestésico, o sofrimento do paciente é terrível e desumano, mas também porque é muito difícil operar alguém berrando e se contorcendo sem parar. Já na antiguidade, era costume ministrar bebida alcoólica aos pacientes, bem como compostos à base de ópio. Homero cita o famoso *Nepentes* para induzir um enfermo ao sono. Durante a Idade Média, costumava-se também usar mandrágora para minorar a dor, como recomendava Hugo de Luca. Dependendo da região, podiam conseguir um pouco de neve ou gelo para se colocar sobre o local amputado. Já os médicos árabes conheciam algumas formas de anestésicos, como o haxixe, que ministravam aos pacientes através da inalação, induzindo-os ao sono profundo. Contudo, nenhum destes anestésicos era verdadeiramente confiável. Guy de Chauliac, que foi médico de três papas, chegou a empregar um aparelho que fazia com que os pacientes inalassem algum narcótico, mas não ficaram registros sobre esta técnica. Muitas vezes, um cirurgião preferia operar uma pessoa sóbria, sem que ela estivesse bêbada ou drogada, pois duvidavam se estes métodos podiam de fato diminuir o sofrimento deles. Há relatos de que, mesmo drogados ou bêbados, estes infelizes precisavam ser amarrados ou seguros por vários homens, o que indica que nem sempre a droga usada ou a bebida empregada eram eficazes.

Evidentemente, para que os pacientes não sofressem tanto, tentava-se anestesiá-los com as mais variadas ervas e misturas. Um tipo de anestésico empregado durante a Idade Média, que devia deixar muito a desejar, era um composto à base de “alface, vesícula biliar de porco castrado, briônia, ópio, meimendro e suco de cicuta”. Em alguns casos, davam aos pacientes um bastão de madeira para eles morderem a fim de suportar a dor.

Em um dos *Antidotários*, coleções de receitas médicas da Escola de Salerno, cita-se uma maneira de adormecer o paciente para que ele não sofresse durante a cirurgia. São as célebres esponjas soporíferas. Uma esponja marinha era encharcada com ópio, suco de meimendro, mandrágora e cicuta e deixada secar ao sol por alguns dias. Quando o paciente estivesse pronto para a cirurgia, mergulhava-se a esponja em água quente e a

colocava debaixo das narinas dele, que caía num sono profundo, às vezes, para sempre. Na falta disso, Teodorico Borgognoni sugeria que se rezassem três padre-nossos. Alguns pacientes procuravam soluções menos científicas para enfrentar uma cirurgia. Quando Guglielmo Bonfoco, músico italiano, recebeu a notícia de seu médico que precisaria amputar uma das pernas, ele recusou-se a tomar qualquer anestésico e preferiu ser amputado tocando o seu acordeão.

A mandrágora, comumente empregada como anestésico durante a Idade Média, é uma erva venenosa e, por ser considerada afrodisíaca, entrava na composição dos filtros de amor pelas bruxas. A sua colheita era envolta em mistérios. Deveria ser colhida durante a noite e com precauções especiais, pois diziam que, quando ela era arrancada da terra, a mandrágora dava um grito terrível, que matava quem o ouvisse. Consta que era extraída por um cão treinado e a pessoa que o acompanhava seguia com os ouvidos tampados com cera.

Foram alguns dentistas que começaram a testar as anestésias modernas, certamente, porque seus pacientes sofriam de maneira bárbara, quando precisavam extrair um dente podre. Antes da invenção delas, cirurgias complicadas ou demoradas eram impensáveis de serem realizadas. Em 1772, Joseph Priestley descobriu que o óxido nitroso – o gás do riso – deixava as pessoas muito excitadas e alegres. Mas foi apenas em 1800, 28 anos depois, que Humphry Davy sugeriu que ele poderia ser empregado em cirurgias para diminuir a dor dos pacientes. Foi Henry Hill Hickman quem primeiro utilizou o óxido nitroso como anestésico, mas ninguém o levou a sério, quando publicou suas experiências em 1824. Ao ser estimulada com óxido nitroso, a pessoa fica eufórica, mas será útil para ser empregado a fim de aliviar a dor? Experimentos provam que este gás é capaz de cessar a dor por pouco tempo, mas não é seguro o bastante. Dificilmente, a medicina teria evoluído sem a descoberta dos efeitos anestésicos seguros como o éter e o clorofórmio.

A grande revolução neste campo da medicina viria com William Morton, um dentista de Boston, que resolveu experimentar o éter como anestésico em um cachorro por sugestão de um químico, Charles Jackson. Após ter realizado a experiência em vários cães, extraiu o dente de um ser humano sem dor pela primeira vez na história, publicando a notícia no *Boston Daily Journal*. Depois disso, em 1846, embora fosse dentista,

empregou o éter para extrair um tumor no pescoço de um paciente. Dois meses mais tarde, o éter passou a ser utilizado por médicos em Londres.

No dia 21 de dezembro de 1846, o cirurgião Robert Liston empregou pela primeira vez na Inglaterra um anestésico para amputar uma perna. Antes disso, haviam tentado suprimir a dor dos pacientes através de hipnotismo e mesmerismo, mas os resultados eram duvidosos. Liston iria empregar a técnica inventada pelo norte-americano William Morton. Para anestesiar o paciente, em primeiro lugar, um tubo de borracha foi colocado em sua boca e lhe pediram para respirar através dele por dois ou três minutos. Logo, ele ficou completamente imóvel. Então, retiraram o tubo de borracha e colocaram um pano embebido com éter sobre seu rosto. Robert Liston serrou-lhe a perna em menos de 30 segundos e o paciente não deu o menor gemido. Pouco depois, ao acordar, Frederick Churchill, o paciente, indagou quando Liston iria começar, pois estava apavorado. Só então lhe mostraram a perna caída dentro da caixa de areia, em meio ao sangue coagulado. Estava terminado. A partir de então, todos os cirurgiões queriam utilizar o novo processo inventado por William Morton e testado com sucesso por Robert Liston. Este viria a morrer um ano depois, num acidente de barco, e não veria os grandes progressos dos anestésicos.

O emprego do éter como anestésico mostrou alguns problemas. Não só era nocivo para respirar, como irritava a boca e os pulmões. Muitas vezes, causava vômitos nos pacientes e era inflamável, quase sempre sendo utilizado próximo das chamas que iluminavam as salas de operação. Por tudo isso, alguns cirurgiões continuaram procurando outras alternativas para suprimir a dor dos pacientes. James Simpson, um jovem obstetra e professor universitário em Edimburgo, queria encontrar uma solução para diminuir as dores do parto. O emprego do éter seria a solução? Não estava certo disso, uma vez que teria de utilizá-lo por horas e, possivelmente, poderia causar algum efeito negativo no feto, podendo mesmo morrer ou nascer com deficiência mental. Ele testou vários produtos químicos em si, bebendo e cheirando tudo que poderia ter algum efeito anestésico, até que testou um produto novo, indicado por um químico de Liverpool. O resultado é que adormeceu no chão. Quando despertou, Simpson soube que tinha nas mãos algo revolucionário para a medicina. Era clorofórmio. Havia sido inventado cerca de quinze anos antes e costumava ser empregado para tratar asma, além de ser estimulante. Resolveu testá-lo com alguns familiares, que inalaram a substância de doce aroma e passaram a se sentir

relaxados até desmaiarem sobre o tapete. Quatro dias depois, resolveu aplicar o clorofórmio em uma mulher que estava para dar à luz. Colocou algumas gotas dele num lenço e pediu para que a mulher aspirasse a substância. Ao acordar, seu filho já havia nascido. Logo, ele espalhou a notícia e muitos médicos passaram a utilizar sua técnica, que parecia ter menos contra-indicações do que o emprego do éter. Simpson tornou-se médico oficial da rainha Vitória e ministrou-lhe clorofórmio em dois partos. Muitos médicos não gostaram disso, pois havia colocado a vida da rainha em risco, além da igreja que era contra a ideia, pois alegava constar na Bíblia que a mulher deve dar à luz com dor. Simpson respondeu que, aparentemente, Deus havia anestesiado Adão, quando lhe retirara uma costela e prosseguiu com suas pesquisas. Porém, os médicos passaram a empregar o clorofórmio para todo tipo de cirurgia e algumas pessoas começaram a morrer. Um médico em Londres, John Snow, estudou vários casos e chegou à conclusão de que as mortes poderiam ter ocorrido em virtude da dosagem de clorofórmio. Dosagem além da necessária poderia provocar paradas cardíacas e a quantidade de clorofórmio variava de pessoa para pessoa. Ele inventou um medidor do líquido, que foi acoplado a um frasco e uma máscara, transformando o clorofórmio em gás, que o paciente poderia respirar mais confortavelmente. Utilizou seu processo por mais de quatro mil vezes e apenas um paciente faleceu, provavelmente em virtude de outras causas. Ao morrer, após ter transformado a descoberta de James Simpson num procedimento seguro, foi enterrado num túmulo simples, pago por seus amigos. Já Simpson, morto em 1870, faleceu como herói nacional da Escócia. Seu enterro foi o maior da história e contou com cerca de trinta mil carpideiras. Levantaram-lhe estátuas e deram seu nome a hospitais.

DISSECAÇÃO E ANATOMIA

DIVERSOS POVOS ANTIGOS PROIBIAM a dissecação de cadáveres humanos. Os gregos não a praticavam, porque consideravam o organismo como sendo um microcosmo da natureza e respeitavam a sua dignidade. Contudo, acredita-se que, mesmo no mundo helênico, alguns médicos dissecavam os corpos dos defuntos. Consta que os primeiros a praticar dissecações e estudar anatomia foram Herófilo de Calcedônia e Erasístrato de Chios na cidade de Alexandria entre os séculos IV e III a.C. Herófilo de Calcedônia, ligado à Escola de Alexandria, estudou a fundo o corpo humano e é considerado o fundador da anatomia como disciplina científica. Porém, uma mancha terrível macula a sua vida. Em seu livro *De Medicina*, Celso acusa-o de praticar anatomia em escravos vivos, para tentar desvendar o segredo da vida. Acredita-se que Praxágoras, professor de Herófilo em Atenas, já dissecasse cadáveres escondido. Foi ele quem percebeu, pela primeira vez, a diferença entre veias e artérias. A dissecação do corpo humano, durante o império romano, era muito rara, pois consideravam sacrilégio. Tanto chineses, quanto indianos, acreditavam que cortar seus defuntos os prejudicaria em outra vida.

Durante a Idade Média, os estudos de anatomia permaneceram praticamente estagnados. Arranjar cadáveres para estudar anatomia era muito difícil e roubá-los constituía-se crime. O cristianismo não permitia que o corpo humano fosse profanado após a morte, para que este estivesse íntegro no Dia do Juízo, de maneira que proibia as dissecações. Porém, São Tomás de Aquino afirmava que, no Dia da Ressurreição, corpo e alma seriam uma coisa só e todos passariam íntegros para a vida eterna. Parece que este era o pensamento de muitos cruzados. Inúmeros reis e nobres, que perderam a vida em batalha, tiveram seus corpos cortados em pedaços, imersos no álcool, e transportados assim de volta para a Europa, onde seriam enterrados, sem temer que isto lhes fosse prejudicial na vida eterna.

Os médicos não sabiam direito como funcionava o corpo humano e os estudantes de medicina costumavam dissecar animais. Nas universidades, ensinava-se anatomia apenas na teoria. A anatomia estudada durante a Idade Média baseava-se em Galeno, que a estudara em porcos e macacos. Lições de anatomia humana eram muito raras ocorrerem na prática, mas, às vezes, os mestres conseguiam autorização da igreja para

dissecar o cadáver de um supliciado. A Universidade de Bolonha parece ter sido uma exceção, pois seus professores dissecavam cadáveres em anfiteatros para uma plateia muito concorrida.

No século XV, o papa Sisto IV, que havia estudado em Bolonha, autorizou que universidades, ainda vinculadas à igreja, pudessem dissecar cadáveres para o estudo da anatomia. Estas dissecações eram realizadas em corpos de criminosos condenados. Em Pádua, pelo final do século XV, construiu-se um célebre anfiteatro para que as pessoas pudessem acompanhar as dissecações. Antes disso, porém, em 1315, na cidade de Bolonha, Mondino de Luzzi conseguiu do papa uma autorização para dissecar cadáveres de criminosos executados em público, desde que eles fossem enterrados como cristãos. Na verdade, não era ele quem dissecava, mas seus auxiliares. Durante a dissecação, Mondino lia trechos de obras de autores antigos, como Galeno, e explicava à plateia as estruturas anatômicas do corpo humano. Logo, estas dissecações tornaram-se espetáculos públicos populares e muito concorridos. Costumavam acontecer em um anfiteatro, onde a população disputava os assentos para acompanhar o processo. Quase sempre, eram realizadas no inverno, pois o clima frio retardava a putrefação do cadáver. Seu livro, *Anathomia Mundini*, foi o primeiro livro europeu desde a antiguidade greco-romana a tratar apenas sobre o tema da anatomia, tendo sido muito utilizado, tanto que chegou a alcançar quarenta edições, só caindo em desuso com a publicação do *De Humani Corporis Fabrica* de Vesálio em 1543. Contudo, Mondino não era muito preciso em suas descrições. Sobre o tamanho do coração, por exemplo, dizia que “não era nem muito grande, nem muito pequeno.”

Até o tempo de Vesálio, por toda a Idade Média, ainda imperava a medicina galênica, baseada nos quatro humores. Foi Vesálio quem revolucionou os estudos de anatomia, corrigindo mais de duzentos erros de Galeno. Durante o tempo em que Vesálio foi estudante de medicina, ele chegou a roubar cadáveres em cemitérios a fim de estudar anatomia. Reza a lenda que ele os roubava e os mantinha em seu quarto para estudos, apesar do cheiro insuportável que exalavam. Certa feita, enquanto regressava para casa, estando fora dos muros da cidade de Louvain, onde morava, encontrou o corpo de um enforcado, pendendo numa forca. Aproveitou para “roubá-lo” e o levou em segredo para sua casa, onde ferveu os ossos a fim de retirar os restos de carne putrefata. Outros médicos mostraram-se interessados em anatomia e, durante o século XVI, roubar cadáveres de

cemitérios, para vendê-los aos cirurgiões, tornou-se uma fonte lucrativa de renda para os ladrões de corpos.

Vesálio deu outro rumo à medicina, criando às bases para a anatomia moderna, ao publicar a obra *De Humani Corporis Fabrica*. Com ilustrações extraordinárias, desenhadas por seu compatriota, Stephen Calcar, aluno de Ticiano, ele identificou os principais órgãos, nervos, músculos e ossos do corpo humano. O seu livro foi vendido por toda a Europa e teve inúmeras edições até os dias de hoje.

Vesálio, ou Andreas Vesalius, nasceu em Flandres no ano de 1514. Desde a infância, esteve em contato com a medicina, pois seu pai era boticário e seu avô, médico particular do imperador Maximiliano. Desde muito jovem, tomou interesse pela anatomia, passando a dissecar cães, gatos e ratos que encontrava pelas ruas. Estudou em Montpellier e Paris e, em 1537, tornou-se professor de medicina em Pádua, na Itália. Ao desautorizar Galeno em seu famoso livro, provocou a ira de médicos tradicionalistas e da igreja, sendo criticado ferozmente. Isto o deixou profundamente abalado. Vesálio abandonou a cadeira na universidade, queimou todos os seus trabalhos ainda inéditos e dedicou-se a clinicar, tornando-se médico particular do Imperador Carlos V do Sacro Império Romano Germânico e do rei Felipe II da Espanha. Após fazer uma viagem à Terra Santa, seu navio afundou em 1563 e ele morreu de fome em uma ilha. Segundo a lenda, esta viagem teria sido exigida pela inquisição para que ele pagasse seus pecados, em troca da pena de morte, após Vesálio ter dissecado o corpo de um nobre espanhol, cujo coração ainda se encontrava batendo...

Mas a comercialização de cadáveres não se limitou apenas à Idade Média. No século XIX, o comércio de defuntos tomou ares ainda mais sinistros. Os cadáveres de criminosos executados legalmente não eram suficientes para suprir as necessidades de estudos de anatomia e dissecação das universidades no Reino Unido. Isto se tornou um problema desconfortável, pois os médicos começaram a “comprar” corpos que lhes eram oferecidos, sem fazer perguntas para quem os vendia ou como eles os conseguiam.

Os irlandeses William Burke e William Hare tornaram-se célebres por hospedar em seu albergue, na Escócia, viajantes que eles assassinavam a fim de vender seus cadáveres para dissecação. Entre 1827 e 1828, mataram mais de quinze pessoas e venderam seus corpos para a

Universidade de Edimburgo. Burke foi preso, julgado pelos crimes e executado. Ironicamente, ele também teve seu corpo dissecado pelos médicos. Hare testemunhou contra Burke e acabou sendo considerado inocente.

HEMORRAGIA, CAUTERIZAÇÃO, FERIMENTOS

PARA OS GREGOS, QUE SEGUIAM AS ORIENTAÇÕES de Hipócrates, os ferimentos deveriam supurar para que fossem curados. Para eles, o pus derivava do sangue envenenado, que precisava ser expelido do organismo. Esta teoria perdurou por muito tempo até que, na Idade Média, os médicos Henri de Mondeville e Guy de Chauliac propuseram a ideia contrária, ou seja, era melhor que as feridas não supurassem e a cicatrização deveria se dar “a seco”, sem pus.

Ao longo dos séculos, os médicos vêm empregando dois métodos para estancar hemorragias: cauterização e ligaduras. A cauterização pode ser feita com ferro em brasa, metal derretido ou óleo fervente. Normalmente, quando se deseja deter de modo mais rápido uma grande quantidade de sangue, coloca-se sobre a ferida óleo fervente ou se encosta nela um ferro em brasa. A cauterização com ferro é mais dolorosa e pode levar o paciente até mesmo à morte. A ligadura consiste em fazer uma amarração nos vasos sanguíneos, mas nem sempre é fácil realizar tal tarefa com uma pessoa se contorcendo de dor, embora este método seja menos doloroso do que a cauterização. Foi empregado desde a antiguidade; porém, como pode causar infecção, levando o paciente a óbito, muitos médicos preferiam cauterizar os ferimentos.

Durante as batalhas medievais, inúmeros cavaleiros acabavam perdendo membros, como um braço. Há registros que alguns deles tenham utilizado braços falsos, produzidos por ferreiros e carpinteiros, sem função prática alguma, apenas para esconder o defeito, índice de seu fracasso como soldado. Aqueles que perdiam as vistas em guerras podiam colocar olhos de vidro, também sem qualquer finalidade a não ser a de melhorar a aparência.

Quando os exércitos passaram a utilizar armas de fogo, no final da Idade Média, os soldados, que antes sofriam apenas feridas limpas, como cortes de espada, começaram a apresentar ferimentos terríveis, pois as balas estilhaçavam os ossos e fragmentos de ferro, pano, couro, fuligem entravam dentro da pele, infeccionando-a. As balas de canhão e projéteis provocavam ferimentos tão pavorosos, que muitos médicos acreditavam que traziam consigo algum tipo de veneno e, por isso, era costume tratar as feridas com óleo fervente. Havia, inclusive, instrumentos cirúrgicos específicos para abrir e dilatar os ferimentos, a fim de facilitar o acesso do óleo.

Foi Ambroise Paré quem mudou este costume pavoroso de tratar ferimentos à bala com óleo fervente e cauterização com ferros em brasa. Ele era filho de um barbeiro e, como não teve muita oportunidade para estudar, desconhecia grego e latim e, por isso, não pôde frequentar uma universidade. Decidiu, portanto, tornar-se um cirurgião-barbeiro. Apesar do pouco estudo formal, aprendeu a profissão na prática diária como cirurgião-barbeiro em Paris e, depois, como cirurgião no Hôtel-Dieu, tornando-se, posteriormente, cirurgião do exército. Reconhecido por sua inteligência e capacidade, de humilde cirurgião-barbeiro, tornou-se médico particular de quatro reis da França, Henrique II, Francisco II, Carlos IX e Henrique III.

Ambroise Paré fora nomeado cirurgião da infantaria francesa no cerco de Turim. Nos campos de batalha, todos os dias, Paré dedicava-se a amputar membros e estancar sangramentos com ferros em brasas e óleo fervendo, mas não acreditava que tais procedimentos fossem os mais adequados. Também precisava lidar com queimados, chegando a usar uma mistura de suco de cebola com sal, afirmando ser um tratamento formidável. No pouco tempo livre que possuía nos campos de batalha, procurava encontrar uma maneira de estacar o sangue de um modo mais eficaz. Inventou uma pinça curva que chamou de “bico de corvo” para ser colocada na artéria e estancar temporariamente o sangue, para que pudesse ter mais tempo de trabalhar. Também criou uma forma de estancar o sangue dos vasos sanguíneos com nós feitos por um fio de seda. Em 1545, publicou o livro *Tratamento de Ferimentos à Bala*, onde expôs suas experiências em campos de batalha.

Paré preocupava-se muito com o fechamento das feridas. Ele não estava satisfeito em cauterizar os ferimentos com óleo fervente, como ocorria em seu tempo, pois isso provocava dores excruciantes nos pacientes. Certa feita, em 1536, após uma batalha, durante a invasão da Itália por Frederico I, Paré precisou tratar os ferimentos de alguns soldados da maneira tradicional, mas a reserva de óleo havia se esgotado. Então ele utilizou o que encontrou à mão, misturando gema de ovo, óleo de rosas e óleo de terebintina, como um paliativo temporário. No dia seguinte, quando foi contar os mortos, percebeu que os pacientes tratados com seu novo composto achavam-se tranquilos e sem febre, ao contrário dos demais, tratados da maneira convencional. O novo método havia se mostrado muito mais eficiente para cicatrizar as feridas, sem dizer que minimizou a dor terrível sofrida pelos pacientes com os ferros em brasa e o óleo fervente. A

partir daí, ele não mais empregou as velhas técnicas para estancar hemorragias. Ambroise Paré é considerado o maior cirurgião da Renascença.

CLISTERES

O CLISTER OU ENEMA CORRESPONDE à introdução no reto do paciente de algum líquido ou substância medicamentosa com o objetivo de tratar determinadas enfermidades ou limpar o intestino. Normalmente, são realizados enfiando no ânus do doente uma espécie de tubo ou longa seringa, que possui um êmbolo a fim de empurrar o remédio para o interior do corpo.

O emprego de clisteres é muito antigo. Há registros de que povos babilônicos já o utilizavam no tratamento de seus doentes. Os próprios egípcios empregavam enemas com muita frequência, pois acreditavam que o acúmulo de fezes podia ser fatal e, por isso, era rotina que os enfermos fossem submetidos a tratamento de enemas. Eles imaginavam que tais remédios curavam um grande número de doenças e até faziam com que os cabelos brancos retornassem à sua cor natural. Além disso, estabeleciam uma curiosa relação entre o ânus e o sistema cardiovascular. Aetius de Amida, no século VI, recomendava o uso de clisteres para o tratamento de vermes intestinais, como as tênias. Consta que Avicena morreu após aplicar em si mesmo vários clisteres com pimenta concentrada, com a finalidade de curar suas dores intestinais. Provavelmente, a pimenta causou ulcerações internas graves, que o levou ao óbito.

Durante a Idade Média, a tentativa de se tratar doenças com clisteres foi muito utilizada. Dentre os líquidos empregados, destacam-se a água, a cerveja, o leite, o vinho adoçado com mel, o vinagre e inúmeras infusões com ervas, além de emplastos feitos por charlatões que davam pouco ou nenhum resultado. Muitos médicos prescreviam enemas, não só porque refrescavam o ânus, mas também por acreditarem que tornavam o coração mais saudável. Na maioria dos casos, porém, o emprego de clisteres se dava para limpar os intestinos. João de Ardenne escreveu uma célebre obra sobre clisteres, onde prescrevia o tratamento dos pacientes com manteiga, toicinho, sabão e ervas. Evidentemente, havia inúmeras pessoas que preferiam ser tratadas com enemas, a sofrer outros tipos de terapêutica, como sangrias. Dizem que Luís XIV gostava tanto de tomar clisteres que, ao longo de sua vida, foram-lhe ministradas mais de 2000 aplicações.

SANGRIAS, SANGUESSUGAS, VENTOSAS

DESDE OS TEMPOS ANTIGOS, os médicos vêm recomendando a sangria de homens e mulheres. Já na antiguidade, o sangue era visto como o alimento do corpo e acreditava-se que a sangria permitia ao paciente substituir sangue doente do seu organismo por sangue saudável.

No século II d.C., baseando-se em Hipócrates, Galeno dizia que o organismo encontrava-se saudável, se os líquidos e humores do corpo estivessem em harmonia. Para o corpo retornar ao seu equilíbrio natural e a doença sarar, muitas vezes, os médicos recomendavam a sangria; porém, não bastava sangrar o paciente de qualquer maneira. Cada sintoma possuía um local específico a ser sangrado. Por exemplo, segundo Galeno, pessoas com problemas no fígado deveriam ser sangradas pelas veias da mão direita. Essas crenças não paravam por aí. Judeus e cristãos acreditavam que um indivíduo deveria ser sangrado em datas e horários específicos, para que o tratamento desse resultado.

Muitos barbeiros-cirurgiões procuravam sangrar seus pacientes como forma de cura. Ao longo da Idade Média, era costume se cortar a veia do antebraço ou ainda uma veia da testa do paciente com facas e lancetas. Deixava-se o sangue escorrendo numa bacia rasa, até que o doente, perdendo as forças, acabava desmaiando em boa parte dos casos. Como, às vezes, o corte infeccionava, podendo levar à amputação de um braço, ou mesmo ao óbito, antes de se cortar a veia do infeliz, era de praxe que ele buscasse auxílio divino, dizendo as palavras: “Jesus e Maria sempre virgem” ou fizesse outras preces, ou ainda pedisse auxílio aos santos de sua devoção. Segundo Beda, o Venerável, a sangria era uma prática excelente porque ela “ilumina a mente, dá acuidade à memória, purifica a vesícula, retira os humores nocivos do cérebro, aquece a medula, melhora a audição, seca as lágrimas, purifica o estômago, facilita a digestão, dispõe ao sono e alonga a vida”. Para ajudar a estancar o corte, utilizava-se um curioso medicamento, composto de sangue humano desidratado, pelo de coelho, chifre de cervo queimado e esterco de asno negro, mas que só fazia efeito se fosse recolhido no mês de março, durante a primavera na Europa.

Ao longo da Idade Média, era tamanha a moda da sangria, que os barbeiros ofereciam este serviço como tratamento profilático, ou seja, mesmo que a pessoa não tivesse nenhum problema de saúde, ela poderia

procurar um barbeiro e fazer uma sangria de tempos em tempos, apenas para garantir sua boa saúde. Nos tempos medievais, os próprios monges eram obrigados a se submeter a sangrias periodicamente, de acordo com um édito religioso. Bom para os barbeiros que atendiam estes mosteiros, pois sempre podiam contar com uma renda extra. Na verdade, pouco resultado prático era conseguido com a sangria. Às vezes, o paciente ficava tão fraco, que acabava morrendo, como aconteceu com o presidente dos Estados Unidos, George Washington. Ele estava com problemas na garganta e seus médicos resolveram sangrá-lo. Tiraram cinco frascos de 250 ml de sangue em um único dia, de maneira que ele não suportou o tratamento e acabou vindo a óbito.

Por volta de 1860, a comunidade médica começou a achar que as sangrias mais prejudicavam do que ajudavam. Mesmo assim, muitos médicos relutaram em abandonar tal prática, que foi utilizada até durante a Primeira Guerra Mundial em soldados que eram atendidos nos improvisados hospitais de campanha.

Alguns médicos preferiam colocar sanguessugas sobre o corpo dos doentes em vez de sangrá-los, por ser considerada uma forma menos agressiva de se retirar o sangue do organismo. Sabe-se que os gregos já empregavam sanguessugas (*Hirudus Medicinalis*) para tratar os enfermos. Ela nada mais é do que um verme aquático. A sanguessuga morde a pele do paciente, injetando-lhe uma substância anticoagulante para poder sugar mais sangue. Com isso, ela pode se alimentar até ficar completamente empanturrada, soltando-se naturalmente das carnes do doente. Esta substância anticoagulante é tão eficiente, que o sangue só pára de escorrer depois de três ou quatro horas após a sanguessuga ter sido removida. Acreditava-se que, com isso, ela extraía junto os “humores mórbidos”, resultando na cura do enfermo. Estes humores mórbidos corresponderiam às toxinas acumuladas no corpo e que causariam as doenças.

Durante a Idade Média, o tratamento por sanguessugas foi bastante comum e as pessoas podiam comprá-las em qualquer salão de barbeiro ou mesmo alugá-las por algum tempo. O uso cresceu tanto que, no século XIX, a França importou da Rússia cerca de quarenta milhões de sanguessugas. Muitas vezes, o paciente podia melhorar com a aplicação destas técnicas, mas se imagina que isto ocorria pelo efeito placebo, ou seja, o paciente acreditava que tal método teria um efeito positivo. Sanguessugas eram mais

aplicadas em mulheres, crianças e velhos, por ser um tratamento que, a princípio, causava menos dor.

Ventosaterapia vem sendo utilizada desde a antiguidade e há registros que já era empregada pelos egípcios antigos. Ela consiste em um tratamento em que se busca estimular a circulação do sangue através da sucção da pele por meio de ventosas, pois este processo ajuda a liberar as toxinas do sangue. Hipócrates também a cita em sua obra, prescrevendo o tratamento para mulheres com problemas de menstruação. Para fazer a ventosa, os antigos usavam uma espécie de cabaça conhecida como “curcubitula”. Povos primitivos das Américas costumavam usar cifres de búfalos cortados com um orifício numa das pontas, por onde se fazia a sucção oralmente para provocar o vácuo, fechando a abertura em seguida.

Via de regra, os antigos empregavam ventosas para tratar qualquer tipo de enfermidade. Celso recomendava o tratamento por ventosas, quando não era seguro fazer sangrias no paciente, sobretudo, se este era estressado. Em caso de dores de cabeça, prescrevia colocar ventosas nas têmporas e na região occipital do enfermo. Quando o problema eram gases em excesso, o médico deveria pôr as ventosas sobre a barriga da pessoa. Considerava-se que o acúmulo de gases era prejudicial para o aparelho digestivo e o sistema excretor.

Galeno era grande entusiasta do uso das ventosas, que podiam ser de vidro, chifre ou latão e Avicena recomendava o emprego de ventosas nos glúteos, próximo do ânus, para alívio geral do corpo.

Durante a Idade Média, as ventosas também foram um tratamento muito utilizado. Algumas recomendações sobre o emprego delas eram bastante curiosas. De acordo com Henri de Mondeville, cirurgião do rei Felipe IV, o Belo, e autor de uma importante obra sobre cirurgia, onde tratou longamente sobre ventosaterapia, nunca se deveria aplicar ventosas quando houvesse nevoeiros ou se soprassem os ventos do sul...

ODONTOLOGIA

DESDE OS MAIS REMOTOS TEMPOS, os homens buscaram o auxílio de seus semelhantes para tentar minimizar as dores de dentes ou melhorar a aparência do ponto de vista estético pela falta deles. Sabe-se que, a partir da IV dinastia, os egípcios já realizavam obturações dentárias com o emprego de ouro, quando o indivíduo era abastado e podia pagar pelo procedimento. Ao que consta, os egípcios mostravam-se bastante preocupados com a higiene bucal. Eles limpavam os dentes com uma haste fina e comprida de madeira e, para perfumar o hálito, esfregavam os dentes com folhas de mirra.

Há indícios de que os etruscos eram peritos em odontologia, pois em inúmeros túmulos foram encontrados dentes postiços utilizados para substituir os dentes perdidos. Estas próteses eram amarradas com arame em grampos de metal e fixadas em alguns outros dentes de homens e mulheres. Se o indivíduo fosse rico, ele podia pagar por uma prótese com dentes de ouro. Entre os romanos, também era comum o uso de dentes de ouro, pontes e até mesmo dentaduras completas.

Durante a Idade Média, não existia a profissão de dentista propriamente dita e cabia aos cirurgiões e, principalmente, aos barbeiros exercerem alguns procedimentos básicos, como a extração dos dentes. Embora a média da população na Idade Média não comesse muito açúcar, que era uma especiaria bastante cara, ninguém se preocupava com a profilaxia bucal e as pessoas não cuidavam dos dentes. Além do mais, o consumo de carboidratos provenientes do trigo, aveia e outros cereais era muito alto. Portanto, era comum as pessoas viverem com a boca toda cariada e dores de dentes costumavam ser corriqueiras, algo com que todos deviam estar acostumados. Quando a dor era muito forte, o sujeito procurava um barbeiro para extrair o dente. O sofrimento por que ele haveria de passar era excruciante. Só a dor do dente já era insuportável e, ter de arrancá-lo sem qualquer anestésico, deveria ser algo verdadeiramente abominável. As pessoas só procuravam os barbeiros para arrancar os dentes, quando já não suportavam mais a dor e esta era a última alternativa.

Pensava-se que eram os vermes existentes nos dentes que causariam as cáries e a dor, como afirmava o próprio Mateus Plateário. Pedacos de carne e outros detritos ficavam entre os dentes por meses e

quem quisesse eliminar estes fragmentos de comida costumava utilizar um pedaço de espinho. Segundo o filósofo Erasmo, que pregava que os dentes precisavam ser limpos com cuidado, tais detritos não deveriam ser retirados com as unhas ou com a ponta de uma faca, como era costume de muita gente, mas com um palito de madeira, uma pena ou lascas de ossos de galinha. Como não existiam escovas, quem quisesse limpar seus dentes fazia-o com um pedaço de pano, esfregando neles algumas ervas. O mesmo Mateus Plateário aconselhava limpar os dentes com um pedaço de pano umedecido em uma mistura de um molusco macerado. Havia também quem limpasse os dentes com a própria urina.

Os dentes eram arrancados com alicates grosseiros, feitos por ferreiros. Em geral, era necessário torcer muito o dente para arrancá-lo, o que poderia quebrar a mandíbula. O barbeiro precisava ser forte e ter um ajudante pelo menos, para segurar o paciente. Se por uma infelicidade o dente se partisse, a dor que o sujeito teria de suportar era ainda mais lancinante, pois o barbeiro necessitaria extrair todos os pedaços do dente, às vezes, precisando rasgar as gengivas com uma faca, para tirar a raiz.

Como na antiguidade, ao longo de toda a Idade Média também se tentou substituir os dentes perdidos por postiços, prendendo-os aos outros com grampos de metal. Abulcasis sugeria que os desdentados utilizassem dentes postiços feitos com ossos de boi. Há relatos de que empregavam não só dentes de macacos, mas também de cadáveres para se confeccionar estas próteses. Não era incomum os pobres venderem seus dentes aos mais ricos, pois as pessoas mais abastadas comiam muito açúcar e isto destruía terrivelmente os seus dentes. Tais transplantes nem sempre terminavam com sucesso. Muitos dentes ficavam frouxos e caíam na primeira mordida.

PARTOS

EM GERAL, A MANEIRA COMO A MULHER dava à luz durante a Idade Média não diferia muito dos tempos antigos. Os partos eram realizados em casa e muitas amigas da parturiente vinham ajudar. Quase sempre, chamava-se para fazê-los alguma velha da vizinhança que tinha mais experiência no assunto, pois os médicos eram raros e caros. Havia alguns costumes estranhos. Por exemplo, quando uma mulher medieval estava para dar à luz, acreditavam que se a sacudissem ajudaria na realização do parto.

Após o nascimento, os bebês eram lavados e enrolados em faixas de pano apertadas, com exceção da cabeça, que costumava ser massageada, a fim de que o crânio fosse bem moldado.

Quase um quarto das crianças morria em seu primeiro ano de vida, porque as condições de higiene deixavam muito a desejar, pois existiam inúmeras doenças contagiosas para as quais não se conhecia tratamento efetivo e a alimentação, muitas vezes, era deficiente.

Por causa da desnutrição que atingia inúmeras pessoas e de doenças como a rubéola, muitas crianças nasciam com más formações congênitas. Quando isso acontecia, todos acreditavam que a mãe estava sendo punida por Deus por ter sido infiel. Era comum inúmeros indivíduos portadores das mais horrendas deformações circularem pelas ruas das cidades medievais.

Um número exageradamente grande de mulheres vinha a falecer de complicações relativas ao parto. Cirurgias como cesarianas, durante a Idade Média, só eram realizadas em casos extremos e complicados para salvar a criança, pois a mãe, invariavelmente, acabava morrendo. Até o final do século XVIII, não há um único registro na Inglaterra de que uma mulher tenha passado por uma cesariana e sobrevivido.

Para evitar gravidez indesejada, as mulheres untavam a vagina com mel misturado a outras substâncias, práticas que eram severamente condenadas pela igreja. Trotula de Salerno recomendava como anticoncepcional o emprego de uma pedra negra chamada gagata.

FARMACOPEIAS E PLANTAS MEDICINAIS

CONSIDERA-SE O MÉDICO GREGO DIOSCÓRIDES, que viveu no primeiro século da era cristã, como o precursor de todas as farmacopeias no Ocidente. Foi um dos principais cirurgiões do exército romano nos tempos de Nero. Em seu livro *De Materia Medica*, ele compilou todo o conhecimento farmacológico de sua época. Tratava do uso medicinal de ervas, plantas, raízes, vinho e minerais. Esta obra foi utilizada ao longo de toda a Idade Média, chegando a ser ainda referência durante a Renascença. Dentre os antigos que se dedicaram ao estudo e uso de plantas medicinais, destaca-se Hipócrates, que aconselhava as pessoas a mascar folhas de salgueiro para aliviar dores no corpo. Por sua vez, os chineses empregavam cascas do salgueiro para abaixar a febre. Galeno também dedicou-se ao estudo das ervas, afirmando que as plantas medicinais deveriam ser colhidas ao amanhecer para fazerem mais efeito.

Dentre as plantas, as raízes em especial foram muito apreciadas nos tempos medievos, pois se imaginava que elas incorporavam em si os poderes sobrenaturais do subsolo. Foram largamente utilizadas e acreditava-se que faziam mais efeito se fossem colhidas na véspera de São João. Um dos principais livros dedicados a estudar as plantas com finalidades terapêuticas foi escrito no século XII por Mateus Plateário e se intitula “*De Simplicie Medicina*”. Até o final da Idade Média, todos os boticários de Paris seguiam os seus ensinamentos.

Acreditava-se que as plantas haviam sido colocadas na terra por Deus com a finalidade de curar doenças, mas deveriam ser usadas com cuidado, pois algumas podiam envenenar as pessoas. Deus teria posto no mundo plantas para curar todos os tipos de doenças. Além disso, imaginava-se que Ele teria deixado algumas pistas nas formas de cada planta. Assim, nozes lembravam a forma do cérebro e, portanto, deveriam ser boas para dores na cabeça.

Nos tempos medievais, era comum os médicos prescreverem medicamentos que fizessem com que os pacientes vomitassem, urinassem ou defecassem, para realizar a purgação do corpo. Para tanto, utilizavam ervas com poderes laxativos e eméticos. Quase sempre, os médicos medievais administravam as plantas em sua forma integral ou fazendo uma pasta, um pó ou uma infusão, que podia ser ingerida ou servia para usar

como unguento sobre a pele. Mas havia muita superstição. Era comum as pessoas colherem as ervas medicinais em noites de lua cheia, pois, caso contrário, não fariam efeito.

A bem da verdade, segundo Roy Porter, um dos mais eminentes historiadores contemporâneos da medicina, a grande parte da farmacopeia medieval não passava de medicamentos inúteis e poucos eram de fato eficientes. Era o caso dos vendedores itinerantes de emplastos e panaceias que iam de cidade em cidade oferecendo os seus produtos miraculosos, que diziam curar todas as enfermidades e, na verdade, não serviam para quase nada.

A farmácia de manipulação medieval, a botica, era conhecida por “Sperzieria”. Dentre as substâncias naturais empregadas, podem-se citar as ervas, venenos, peles de cobra, etc. Um dos remédios mais empregados na farmacopeia medieval era o óleo de oliva, sobretudo, no tratamento de úlceras e feridas. Utilizava-se não apenas em seu estado puro, mas também misturado com vinho. Já o açúcar, durante a Idade Média, foi bastante empregado para fins medicinais. Doces eram feitos com mel, que tinha grande importância na alimentação do homem medieval. Os cruzados trouxeram pés de cana-de-açúcar e passaram a cultivá-los na Sicília. Posteriormente, foram introduzidos na Ilha da Madeira e nas Américas.

Outra planta muito importante e bastante utilizada durante a Idade Média foi a mandrágora. Ela possui raízes que se assemelham a pernas humanas, lembrando um homem em miniatura e, por causa disso, muitos acreditavam que ela gritava, quando era arrancada da terra. Além do mais, dizia o folclore que a pessoa que ouvia tais gritos acabava ficando louca ou morria. Talvez, por isso, os antigos creditavam-lhe virtudes mágicas. Muitos a julgavam afrodisíaca e capaz de curar a esterilidade feminina. Os egípcios afirmavam que ela teria sido um presente de Ra, o deus-sol. Possuindo efeitos narcotizantes, Dioscórides a descreveu como útil anestésico em cirurgias, tendo sido empregada durante a Idade Média para minorar a dor de pacientes que seriam amputados.

HOSPITAIS

NOS TEMPOS ANTIGOS, QUANDO HOMENS e mulheres adoeciam, não iam para hospitais, porque estes não existiam. Recorriam a feiticeiros e pessoas que conheciam um pouco de medicina aprendida na prática diária. Normalmente, procuravam curar suas enfermidades com a ingestão de ervas e plantas da região. Os hospitais mais antigos de que se tem notícia apareceram no Sri Lanka no século IV a.C., por ordem do rei Pandukabhaya. Forneciam assistência gratuita a quem os procurava e possuíam até mesmo maternidade. Na Grécia antiga, não existiam hospitais e os doentes procuravam os templos de seus deuses para conseguir uma cura, enquanto que os romanos estabeleceram hospitais militares por volta do ano 100 a.C., mas os médicos só atendiam soldados feridos em batalhas e não a população em geral. Conta-se que São Basílio teria construído o primeiro hospital cristão no ano de 370 na cidade de Cesareia na Capadócia (atual Turquia), destinado a atender a população carente.

Durante a Idade Média, a necessidade de cuidar de enfermos num ambiente mais adequado levou frades e freiras a atender pacientes em mosteiros e conventos. Não se tratava de hospitais propriamente dito, mas ali os doentes recebiam abrigo, alimento e remédios. Já no século VII, encontramos hospitais mais especializados em Constantinopla, onde se realizavam procedimentos cirúrgicos com alas separadas para homens e mulheres.

Hospitais parecidos com os que temos hoje somente surgiram a partir do século VIII no Oriente Médio, como o hospital de Damasco, fundado no ano de 707. Havia alas separadas para doenças contagiosas e existiam profissionais qualificados e especializados em diversas enfermidades. Estes hospitais ficaram conhecidos como bimaristanos. Alguns eram enormes, como o hospital do Cairo, no século XIII, que comportava 8000 pacientes. As pessoas ficavam o tempo necessário que precisavam para se recuperar e somente recebiam alta, quando conseguiam comer uma galinha inteira. Os bimaristanos eram utilizados como centro de ensino da medicina e cidades como Cairo, Bagdá e Damasco possuíam modernos hospitais para a época, muito mais eficientes do que qualquer outro existente na Europa. Não cobravam nada dos enfermos, pois eram subvencionados pelo Estado ou por contribuições de benfeitores abastados.

Os hospitais árabes eram divididos em duas alas, uma para o tratamento de homens e outra, das mulheres. Costumavam ser abastecidos com água corrente e os pacientes mais pobres recebiam uma quantia em dinheiro, enquanto estavam sendo tratados. Quase sempre, junto aos hospitais, existiam bibliotecas e escolas de medicina. Por volta do século X, havia mais de 850 médicos registrados apenas na cidade de Bagdá. Os hospitais impressionaram tanto os peregrinos que se dirigiam à Terra Santa, que os cruzados trouxeram a ideia para a Europa.

Ao longo da Idade Média, várias ordens religiosas mantinham hospitais. Antes do século XI, eles praticamente inexisteram fora dos mosteiros. Havia apenas hospitais para leprosos, onde os doentes eram mantidos confinados. Durante os séculos XI e XII, começaram a surgir os primeiros hospitais na Europa. Dentre os mais importantes, destacavam-se o Hospital de Santa Maria della Scala, localizado na cidade de Siena, na Itália, o “Quinze-Vingts”, fundado na França por Luís IX e dedicado ao tratamento dos cegos e o mais célebre de todos, o Hôtel-Dieu de Paris. Outros importantes hospitais franceses eram o Trinité, o Saint-Gervais, o Saint-Marcel, o Saint-Martin-des-Champs, o Saint-Eustache, o Ecuellier, o Saint-Mathurin e o Saint-Catherine.

Os hospitais europeus não só tratavam dos doentes, mas também cuidavam dos velhos e davam assistência aos pobres. Vários ainda estavam muito ligados à religião, como o hospital de São Paulo na França, onde os pacientes só eram atendidos após eles terem feito uma confissão com um padre. Haviam se multiplicado bastante na Baixa Idade Média e, no século XV, existiam 33 deles apenas na cidade de Florença, ou seja, um hospital para cada mil habitantes. No século anterior, na Inglaterra, existiam quase 500 hospitais, como o São Bartolomeu e o São Tomás em Londres. Havia também o Bedlam, único estabelecimento inglês dedicado ao tratamento dos doentes mentais. Em geral, estes hospitais que recebiam os loucos não passavam de um local para se confinar pessoas inconvenientes. Aliás, como acontecia até alguns anos atrás. Só para se ter uma ideia, por volta de 1950, havia cerca de meio milhão de pessoas aprisionadas nestes estabelecimentos psiquiátricos apenas nos Estados Unidos.

Os hospitais medievais eram um centro de transmissão de doenças infecciosas e, em diversos casos, deveriam fazer mais mal do que bem aos pacientes. Muitos consideravam que entrar num hospital era atravessar os portais da morte. Para grande parte das pessoas, o termo hospital significava

“pestilência” ou “Insanidade” e pouca gente se dispunha a ir espontaneamente para um lugar desses, onde se sabia que a chance de sair dali vivo não era grande. Na verdade, como a medicina era bastante precária, muitas pessoas iam aos hospitais para morrer. Quase sempre, eram restritos aos pobres, pois os mais ricos preferiam pagar um médico e serem tratados em casa.

Durante a Idade Média, inúmeros homens abonados, quando chegavam ao final da vida, deixavam generosas doações para entidades de caridade e hospitais, procurando, dessa forma, granjear a simpatia divina. Foi o caso de um indivíduo chamado Rahere, que sonhou com São Bartolomeu e este lhe disse que, se construísse um hospital em sua homenagem, teria os seus pecados perdoados. Rahere prontificou-se a seguir o conselho do santo e, em 1123, fundou-se o hospital de São Bartolomeu em Smithfield.

O Hôtel-Dieu era um enorme hospital dirigido por religiosos em Paris. Fundado no século VII, ele não funcionava apenas como hospital, mas também era uma espécie de hospedaria para os peregrinos, asilo para os idosos e lar temporário para estudantes pobres. Atendia a todos que tinham necessidade, mas era recusada a entrada daqueles que trouxessem consigo cães ou aves. Aceitavam-se tanto homens, quanto mulheres; contudo, as enfermarias e os refeitórios eram separados por sexo. Era comum dois ou três doentes deitarem-se no mesmo leito e apenas os enfermos graves e as grávidas recebiam camas individuais. Ninguém parecia se importar muito que as doenças poderiam passar de um paciente a outro. O Hôtel-Dieu era administrado por religiosos, frades e freiras que faziam votos de pobreza, castidade e obediência. De acordo com o regulamento, eles deveriam acordar às cinco horas da manhã e se recolher às nove horas da noite. Era difícil um religioso ser escolhido para ingressar no Hôtel-Dieu, porque, de acordo com os ideais de seus fundadores, eles não desejavam manter um número elevado de frades e freiras, uma vez que a intenção inicial era cuidar dos doentes. Quando estes chegavam ao hospital, davam-lhe um banho e suas roupas eram levadas para serem lavadas na “piolharia”, nome como designavam a lavanderia do hospital. Se fosse o caso, as roupas deviam ser costuradas e entregues limpas ao paciente, quando ele deixasse o Hôtel-Dieu. Localizava-se próximo à Catedral de Notre-Dame e prestava assistência gratuita aos enfermos que,

quando se recuperavam, passavam a realizar alguns trabalhos sem remuneração no hospital em paga pela ajuda que tinham recebido.

Mais para o final da Idade Média, nos séculos XIV e XV, para tentar minorar a crise sócio-econômica em que se encontravam, muitos hospitais começaram a abandonar o espírito de caridade que existia em seus princípios e passaram a se tornar entidades que visavam ao lucro.

PESTE NEGRA

A PESTE NEGRA QUE ATINGIU A EUROPA entre os anos de 1347 e 1352 produziu uma mortandade que até então o mundo jamais tinha visto. Estima-se que cerca de vinte e cinco milhões de pessoas perderam a vida, ou seja, uma em cada três pessoas faleceu por causa da enfermidade. Vinda da Ásia, chegou ao Ocidente trazida pelos mercadores italianos. Em pouco tempo, cidade após cidade foi sendo contaminada, as casas ficaram vazias e as ruas desertas. Ninguém mais plantava e, por toda parte, os cadáveres se acumulavam à espera de serem sepultados.

Todas as calamidades que atingiam as pessoas eram vistas como vontade de Deus, que estava punindo os pecados dos homens, mas a peste negra veio abalar um pouco essa crença geral. A forma como ela matava de maneira indiferente ricos e pobres, homens bons e maus, velhos e crianças, acabou abalando essa velha crença de que a pandemia deveria ser um castigo divino para punir os pecadores. Os médicos do século XIV não podiam fazer quase nada para curar os doentes da peste, pois não tinham a menor ideia do que causava a doença e como ela era transmitida. Em algumas localidades, os médicos foram até apedrejados e perseguidos pela população, pois inúmeras pessoas acreditavam que eram eles que estavam transmitindo a doença.

Como não se sabia qual a causa da enfermidade, cada um tinha uma opinião a respeito. Logo, culpavam-se os leprosos, que estariam envenenando os poços, evidentemente, a mando dos judeus. Na França, dizia-se que a peste estava acontecendo em virtude dos casamentos consanguíneos dos filhos de rei Felipe IV, o Belo. Os bispos ingleses acreditavam que a peste estava se espalhando por todo o mundo por causa da depravação dos costumes, a começar pelo teatro. Já os eclesiásticos espanhóis diziam que a culpa de tudo era da ópera! Por sua vez, os poloneses afirmavam que a peste tinha se iniciado, porque haviam dado um enterro cristão a uma feiticeira.

Devido a maior concentração de pessoas, foi nas cidades que a peste se espalhou com mais facilidade. Como a medicina era bastante rudimentar, não se sabia como combater a doença, de maneira que a única ação possível era separar os empestados dos indivíduos saudáveis. Muitas vezes, os enfermos eram atirados para fora dos muros da cidade e iam

morrer nos bosques, sozinhos, sem qualquer assistência. Inúmeras cidades proibiram a entrada de pessoas estranhas.

Espalhou-se também que a peste se disseminava tão rapidamente, porque o ar havia se tornado impuro e porque as águas se achavam infectadas. Daí, terem lançado parte da culpa da doença sobre os leprosos, que estariam envenenando as águas e infectando o ar. Alguns leprosários chegaram a ser incendiados pela população revoltada.

Guy de Chauliac dizia que a Peste Negra era extremamente humilhante para os médicos, que não podiam fazer nada para curar os doentes. Quando eram chamados a uma casa e diagnosticavam a doença, eles não cobravam nada pela visita, pois não tinham como ajudar. Muitos médicos acreditavam que o ar contaminado é que transmitia a enfermidade. Para purificá-lo, eles prescreviam inúmeros métodos, como acender fogueiras nas ruas, encher vasilhas de leite e as colocar junto aos doentes ou fazer que rebanhos de cabras caminhassem pelas ruas para que o hálito delas e sua flatulência purificassem o ar.

Outra medida que os médicos recomendavam para se prevenir do contágio da peste era que não se arejassem os quartos, devendo-se manter fechadas as portas e janelas. Curiosamente, para evitar que a peste contaminasse as pessoas, diziam que era bom beber a própria urina, misturada com artemísia amarga, ou andar com amuletos pendurados no pescoço e vendidos por clérigos, charlatões e até mesmo médicos!

ALQUIMIA

A ALQUIMIA TEVE GRANDE DESENVOLVIMENTO durante a Idade Média. Sabe-se de médicos notáveis que não só eram iniciados, como empregavam algumas de suas práticas na cura dos doentes, como o famoso álcool puro na forma de conhaque, que os alquimistas chamavam de “ouro potável”.

A palavra alquimia deriva do termo árabe *Al-kimiya*, que está ligado ao conceito de “Pedra Filosofal”, ou seja, aquele elemento capaz de transformar a matéria em ouro. Consta que ela teria sido fundada pelo árabe Geber no ano de 750, generalizando-se ao longo da Idade Média. Alguns dizem que a alquimia teve origem entre os contemporâneos do rei Salomão. Segundo consta, ela teria sido revelada aos homens por Hermes Trimegisto, um legislador e filósofo egípcio, a quem se atribui o *Livro dos Mortos* e a *Tábua de Esmeraldas*.

Existem vários tipos de alquimistas, como os adivinhos, os ocultistas, aqueles que manipulam poções mágicas, como filtros de amor e há também aqueles que se dedicam a encontrar a Pedra Filosofal. Como lidam com ciências herméticas e ocultas, inúmeros foram perseguidos e queimados nas fogueiras da inquisição. Muitos suspeitavam que os alquimistas faziam pactos com o demônio, em sua busca incessante pelo elixir da vida eterna ou da juventude perpétua. Por causa das perseguições que sofriam, os alquimistas escreviam os seus textos de maneira codificada e somente os iniciados podiam compreendê-los.

Durante a Idade Média, os alquimistas desejavam descobrir o segredo da imortalidade. Baseavam seus estudos nas teorias dos quatro elementos de Empédocles de Agrigento e acreditavam que tudo era formado a partir destes elementos combinados. Bastava-se reunir a quantidade correta de cada elemento para se alterar a matéria. Daí que muitos deles ficaram obcecados com a ideia de transformar materiais menos nobres em ouro.

Um dos objetivos dos alquimistas era descobrir a Pedra Filosofal, que não só teria a capacidade de transformar metais menos nobres em ouro, como também permitiria a vida eterna e serviria de medicamento para todas as enfermidades. Médicos como Rhazes e Avicena estudaram alquimia, procurando descobrir medicamentos que pudessem ser empregados para a cura de doenças. O próprio São Tomás de Aquino dizia que a alquimia era

uma ciência legítima, a não ser quando seus seguidores se embrenhavam pelos domínios da magia.

Também mulheres praticaram a alquimia, como Maria, a judia, que, segundo a lenda, pode ter sido irmã de Moisés. Ela inventou um processo de cozinhar ervas dentro de um vaso selado, o qual era colocado na água fervente em ebulição, conhecido hoje em dia como banho-maria.

Outro médico e alquimista de grande importância pelas suas ideias pouco ortodoxas e de enorme inteligência foi Paracelso. Ele afirmava que os venenos, se empregados em doses corretas, podiam funcionar como remédios excelentes. Mas ele também acreditava em remédios estranhos, dizendo que lagartixas com peles manchadas se constituíam numa eficiente medicação contra tumores malignos. Para Paracelso, o alquimista é como o padeiro, que transforma farinha em pão.

PARACELSO

NUNCA É DEMAIS DIZER ALGUMAS PALAVRAS sobre Paracelso, este notável médico e estudioso da alquimia, embora ele tenha nascido já no final do século XV, quando o mundo medieval estava terminando. Paracelso não era um charlatão, como muitos estudiosos acreditam. Foi um alquimista, quando poucos consideravam a alquimia uma ciência e, como médico, condenava as velhas práticas medicinais, que empregavam fezes humanas e de animais, urina, sangue menstrual, moscas, piolhos e outras coisas asquerosas para o tratamento de doenças.

Aureolus Philippus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, ou Paracelso, nasceu em 1493 na Suíça e era filho de um médico. Aos nove anos, ele mudou-se com a família para a Áustria, onde começou a estudar alquimia, astrologia e artes ocultas, que o seduziram por toda a vida. Ele afirmava que a alquimia não se destinava em fazer ouro ou prata, mas em conquistar as ciências supremas e direcioná-las para a cura das enfermidades.

Desde menino, sempre que seu pai ia visitar um doente, o pequeno Philippus, como era chamado em criança, acompanhava o pai. Formou-se em medicina no ano de 1515, na Escola de Ferrara. Viajou muito por vários países, exercendo suas habilidades médicas. Em 1526, foi procurado por Johannes Frobenius, humanista e editor da Basileia, que fora aconselhado por seu médico a amputar uma perna, caso contrário, morreria. Paracelso tratou dele e, em pouco tempo, Frobenius recuperou-se. Tendo notícia desta cura extraordinária, Erasmo de Rotterdam, que era amigo íntimo de Frobenius, procurou Paracelso para que este lhe tratasse de uma enfermidade que o afligia. Logo, Erasmo também estava curado. A fama de Paracelso cresceu e ele conquistou uma vaga para lecionar medicina na Universidade da Basileia. Embora fosse amado por seus alunos, ele não se adaptou à universidade, onde permaneceu lecionando por apenas dois anos. Rompendo com a tradição, insistia em ministrar as suas aulas em alemão, e não em latim, como era o costume. O seu desejo era revolucionar a medicina e, certa feita, foi à praça pública e queimou as obras de Galeno e Avicena, pois, dentre os médicos antigos, só respeitava Hipócrates. Chegou mesmo a acusar seus colegas médicos de propagar as imbecilidades escritas por eles e que, durante centenas de anos, haviam atrasado o progresso da

medicina. Evidentemente, seus colegas médicos passaram a odiá-lo, afirmando que ele havia feito um pacto com o demônio. Ganhou fama de arrogante e, abandonando a universidade, voltou a trabalhar como médico itinerante.

Paracelso scandalizou a classe médica de sua época ao permitir que cirurgiões-barbeiros, sem qualquer qualificação, assistissem às suas aulas na Universidade da Basileia. Vivia no meio do povo e passava grande parte de seu tempo em tavernas, bebendo vinho. Reza a lenda que, enquanto bebia, ditava suas obras para um assistente. Sabe-se que ele era muito resistente a bebidas e vivia desafiando seus colegas de copo para ver se um deles conseguia beber tanto quanto ele próprio. Acreditava mais na experiência do que na teoria, afirmando que aprendia mais sobre medicina na Feira de Frankfurt do que em universidades. Dizem que era um excelente médico, muito dedicado a seus pacientes. Segundo consta, ele cobrava um valor bastante elevado dos ricos e não cobrava nada de quem não podia pagar. Era grosseiro no trato com as pessoas, sobretudo com os poderosos, contra quem ele nutria um ódio profundo. Paracelso escreveu mais de 300 obras entre medicina, alquimia, magia, astrologia e cabala. Dizia que seus livros não eram apenas como os outros, que simplesmente reproduziam informações de Hipócrates e Galeno, mas suas obras eram resultado da experiência prática. Quando lhe perguntavam como adquiriu tantas informações que constavam em seus livros, ele afirmava: “Nunca tive vergonha de aprender com os vagabundos, açougueiros e barbeiros tudo aquilo que me poderia ser útil.”

Não se sabe ao certo como Paracelso morreu e há duas versões sobre isso. A primeira afirma que ele faleceu abandonado e como indigente no Hospital de Santo Estevão; a segunda diz que Paracelso teria sido assassinado por matadores profissionais a mando de seus colegas de Salzburgo. Foi chamado de “médico dos pobres”. Morreu bastante envelhecido em 1541, aos 48 anos de idade, deixando todos os seus bens para serem distribuídos aos pobres.

URINA E FEZES

DESDE OS TEMPOS ANTIGOS, PASSANDO por toda a Idade Média, urina e fezes sempre foram consideradas de suma importância para diagnosticar o estado de saúde de uma pessoa. Os médicos analisavam, sobretudo, a cor, a densidade e o odor das fezes e urina de um paciente, muitas vezes, chegando a prová-las para dar um parecer com mais precisão. Na verdade, os médicos medievais “liam” os frascos com urina como se fossem livros e, a partir de suas características, sem mesmo examinar o paciente em muitos casos, davam o seu juízo sobre a doença e o tratamento necessário. Os médicos especializados neste tipo de análise podiam reconhecer mais de vinte cores diferentes de urina, relacionando-as com as diversas enfermidades. Os pacientes urinavam em frascos, que eram envoltos em cestos de vime e levados até o local onde o médico se encontrava. Em muitos casos, o doente precisava percorrer uma longa distância carregando o seu frasco de urina; às vezes, até realizar uma viagem de navio.

No século 7 d.C., Teófilo Protospatário escreveu o livro *De urinis*, onde afirma que muitas doenças podem ser diagnosticadas através do exame da urina do paciente e este trabalho tornou-se padrão ao longo de toda a Idade Média. Porém, os médicos não empregavam métodos muito científicos. Por exemplo, ao se colocar a urina do paciente em um frasco, se a parte superior se apresentasse mais turva, o problema deveria ser na cabeça do enfermo. Se a parte mais turva estivesse embaixo, a enfermidade poderia se localizar na bexiga ou nos órgãos genitais.

Mas além de servir de índice para auxiliar o diagnóstico de doenças, fezes e urina também foram muito empregadas como remédio ao longo da antiguidade e da Idade Média. Tanto a urina e fezes humanas, quanto as de animais, eram excelentes para tratar determinadas enfermidades. Por exemplo, os médicos medievais diziam que a urina de hipopótamo era muito eficaz para baixar febres persistentes. Segundo uma crença medieval, a melhor urina humana empregada para tratamento médico era aquela obtida de um homem de trinta anos, forte, são e casto, logo após ele ter bebido vinho em abundância. Afirmava-se que ela era ótima para tratamento de úlceras, lesões de todo tipo e gonorreia.

Esses tratamentos baseados em fezes e urina, utilizados por médicos da antiguidade e que continuaram valendo por toda a Idade Média,

parece-nos hoje um verdadeiro horror, mas foram muito empregados para tentar curar os doentes. Segundo a obra *Historia Plantarum*, para uma pessoa engasgada com uma espinha, deviam lhe lambuzar sobre a boca fezes moídas de gato, que a espinha saía imediatamente. Parece mais simpatia do que medicação.

Muitos médicos antigos estudaram o assunto. Dioscórides analisou as propriedades terapêuticas de vários tipos de excrementos, escrevendo um capítulo inteiro dedicado a isso. Segundo ele, aqueles que sofriam de hemorróidas podiam curá-las com esterco fresco de vaca com vinho. Se um indivíduo tivesse sido mordido por um escorpião, o melhor a fazer era tomar um pouco de vinho, misturado com esterco de boi alimentado com ervas. Já uma pessoa que estivesse com disenteria, poderia ingerir um pouco de fezes de galinha, principalmente se estas tivessem sido recolhidas em dias de grande calor. Por sua vez, Galeno pensava um pouco diferente. Ele era contrário ao emprego de fezes humanas para tratamentos médicos, mas não via problema algum em utilizar excrementos de animais. Ele prescrevia que fezes de cachorro, misturadas com leite, eram ótimas para o tratamento de anginas e úlceras crônicas. Para o tratamento de tumores malignos e pústulas, Galeno empregava uma mistura de farinha de cevada e esterco de cabra. Em picadas de abelhas ou vespas, recomendava passar um pouco de esterco de touro. Aliás, esterco de touro parece que era um excelente remédio. Galeno afirma que, na cidade de Mísia, no Helesponto, os médicos aconselhavam que os doentes de tuberculose fossem untados com fezes de touro e, em seguida, ficassem expostos ao sol. Todavia, era muito importante que os touros deveriam ter sido alimentados apenas com ervas. Pessoas com verrugas podiam tentar removê-las empregando esterco de ovelhas. Para dores em geral, como cabeça, costas, ombros, os pacientes deveriam ingerir fezes de pomba selvagem, misturadas a sementes de agrião. Galeno ainda afirmava que a qualidade dos estercos dos animais podia variar muito de acordo com a sua habitação e alimentação.

Todos estes medicamentos não se restringiram ao uso de povos antigos, mas também foram largamente empregados durante a Idade Média. Com a invenção da imprensa, muitos tratados médicos surgiram e, em quase todos, abundam prescrições eficazes de esterco e urina para o tratamento das mais diversas enfermidades. E não só como emprego medicinal, mas como antídoto contra os malefícios das bruxas. Montaigne afirmava que urina de lagartixa e esterco de elefante possuíam fantásticas

aplicações medicinais. Sexto Plácido, autor que viveu por volta do século IV d.C., diz em sua obra, *De Medicamentis ex Animalibus*, publicada em Lion no ano de 1537, que em seu tempo era muito comum utilizar urina de cabra para dores de ouvido. Já as pessoas com queimaduras costumavam esfregar na pele esterco de touro. Segundo ele, esfregar na testa um pouco de estrume de elefante curava todo tipo de dor de cabeça. E para hemorragia nasal, ele recomendava fortemente o uso de esterco de cavalo. Quem quisesse se livrar da caspa, bastava untar seus cabelos com esterco de gato. Urina de moças virgens era de incalculável eficácia para curar não só males da vista, como também elefantíase. Por sua vez, Plínio afirmava que, se uma pessoa quisesse encaracolar os cabelos, bastava untá-los com excrementos de camelo, reduzidos a cinzas e misturados com azeite. Mulheres que quisessem tingir os cabelos também podiam lançar mão de fezes de andorinha. Para Dioscórides, as mulheres que desejavam ter uma pele mais bonita, podiam untá-la com fezes de crocodilo, uma vez que elas eram consideradas um excelente cosmético. Mas como as fezes de crocodilo eram caras e difíceis de se encontrar, as mulheres do tempo precisavam ficar atentas, pois costumavam vendê-las adulteradas, misturando-se fezes do pássaro estorninho alimentado com arroz. Já Rosino Lentílio era totalmente contra a ingestão de excrementos humanos. Em sua opinião, se o corpo os expelia fora, era porque eles não tinham mais nenhuma serventia. A sua reabsorção podia ser perniciosa. E, para ilustrar seu ponto de vista, narra o caso de um velho hipocondríaco que, durante trinta dias, bebeu a sua própria urina, com péssimos resultados.

Ao longo da Idade Média, fezes de cachorros, que também eram conhecidas por “Flores de Melâmpio”, tinham muita utilidade no tratamento medicinal, principalmente se fossem de cachorros brancos, considerados os mais sadios. Segundo Schuring, deveriam ser utilizadas por ingestão e serviam para curar inúmeros males, como expulsão de cálculos, redução de tumores, eliminação de herpes, lepra e contra mordida de serpentes e outros animais venenosos. Porém, para o tratamento ser mais eficaz, recomendava-se que elas fossem ingeridas com a urina do próprio paciente. Esterco de vaca misturado com água era uma panaceia muito conhecida, denominada “Água de todas as flores” ou “Água das mil flores”, sendo muito empregada com finalidade cosmética, pois tinha a capacidade de eliminar manchas de pele.

Como se vê, fezes e urina dos mais diversos animais foram utilizadas para tratar um grande número de enfermidades durante a Idade Média. Contra queda de cabelo, homens e mulheres podiam aplicar na cabeça fezes de rato, que muitos afirmavam resolver o problema definitivamente. Já para curar cólicas, um remédio que parece ter sido amplamente difundido era ingerir fezes de cavalo misturadas com cerveja quente. Já comer esterco de asno recém-nascido mostrava-se muito bom para icterícia. Era do conhecimento de toda gente que urina de cavalo podia cicatrizar qualquer tipo de ferida. Esterco de carneiro era usado contra picadas de escorpiões. E acreditava-se que colocar fezes de pombos ou de ratos sobre tumores resolvia definitivamente o problema.

Christian Franz Paullini afirma que excrementos humanos eram capazes de curar uma série de doenças, inclusive, cáries. Porém, não diz como deveriam ser ministrados, se por ingestão ou simplesmente escovando os dentes com as fezes. Também servia para combater as cáries esterco de raposa. Se o problema era dor de dente, bastava esfregar as gengivas com esterco de vaca.

Se uma pessoa estivesse num bosque e comesse cogumelos envenenados por engano, os médicos costumavam receitar a parte branca das fezes das galinhas. Outro uso muito comum para elas era ministrá-las a pessoas que desejavam reduzir a flatulência.

Michaelus Etmuller afirmava que fezes de pavão real ajudava a combater a epilepsia. Deviam ser misturadas com vinho e dadas aos pacientes no período entre a lua nova e a lua cheia. Homens deveriam tomar a bebida feita com fezes de pavão macho e as mulheres, com fezes da fêmea. Quem tinha epilepsia também podia ser curado comendo fezes de leão, como aconteceu com um grão-duque da Áustria, que se curou da doença seguindo esse tratamento. Melhor ainda, se fossem fezes da leoa e jovem. Os epiléticos ainda podiam tentar se curar com um remédio de grande fama na época e que consistia em um composto feito com ninho de corvo, tartaruga queimada, crânio humano queimado, casca de tília e, como não podia deixar de faltar, esterco de leão. Tudo deveria ser moído e misturado com vinho. Para prevenir que uma criança tivesse epilepsia, ministravam ao recém-nascido esterco de vaca. Porém, era importante que a vaca fosse preta.

Segundo Beckerius, fezes de crianças, misturadas com vinho após terem sido secas e pulverizadas, eram um extraordinário remédio para

baixar a febre. Mas as crianças precisavam ter sido alimentadas apenas com feijões e pães.

De acordo com o curioso livreto de Samuel Augustus Flemming, *De Remediis ex Corpore Humano Desumptis*, se uma mulher beber um gole da urina do marido, ela terá um parto muito menos doloroso. Uma mulher que desejava se tornar fértil deveria beber a urina de um eunuco. Acreditava-se também que beber sangue humano ajudava as mulheres a engravidar. Assim aconteceu com Faustina, mulher do imperador Marco Aurélio. Desejando fervorosamente engravidar, ela bebeu o sangue de um gladiador agonizante e foi se deitar com seu marido. Nove meses depois, ela deu à luz o monstruoso Cômodo...

Segundo o padre Du Halde, esterco de camelo seco, reduzido a pó e inalado pelo nariz, correspondia a um remédio muito eficaz contra hemorragias. Já esterco de porco era utilizado para combater hemorragias uterinas. Devia ser colhido fresco e, ainda quente, aplicado nos órgãos genitais.

Outro remédio estranho em que as pessoas acreditavam era uma panaceia para curar hérnias, onde se misturavam esterco de leopardo, pedaços moídos de cadáver de homem e minhocas queimadas. Bebia-se como xarope.

Durante a Idade Média, todos sabiam que, para se livrar dos piolhos, o melhor remédio era lavar os cabelos com urina. Se ainda assim os piolhos persistissem, os cabelos deveriam ser untados com fezes de pomba. Também era comum untar a cabeça das crianças com excrementos de cachorros e de cabras para matar os piolhos.

Pessoas que tivessem sido mordidas por cães com raiva deviam beber urina humana, que também era considerada um excelente laxante, podendo, inclusive, ser armazenada por até cinco anos. Já urina de touro era recomendada para curar queimaduras na cabeça.

Os médicos costumavam passar fezes de cabra sobre os olhos para reduzir as inflamações. A urina humana também podia ser empregada como colírio, a fim de aliviar irritações nos olhos. Outro remédio excelente para problemas nas vistas era esterco de ganso que, se utilizado ainda quente, produzia ótimos resultados. Esfregavam-se as fezes nos olhos inflamados como uma pomada, como costumava utilizar o imperador Maximiliano com grande êxito. Era um remédio tão poderoso que, esfregado sobre os seios, podia curar câncer de mama. O melhor de todos estercos era o de ganso

jovem, sobretudo se recolhido nos campos no início da primavera. Também era possível tratar dores de garganta, colocando um pouco de fezes debaixo da língua do paciente...

OUTROS REMÉDIOS ESTRANHOS

DESDE OS MAIS REMOTOS TEMPOS, os médicos buscaram na natureza todo tipo de ajuda que pudesse servir como medicamento para tratar os enfermos. Não só se valeram das plantas, mas os minerais também foram bastante empregados na medicina. Os egípcios, por exemplo, utilizavam lápis-lazúli moído, pérola e até mesmo ouro para curar certas doenças. Na Índia, acreditava-se que o ouro, misturado a certas ervas, fizesse com que as pessoas rejuvenescessem. Na Europa Medieval, pérolas moídas eram ministradas para pacientes com diversos males, como epilepsia, úlceras, câncer, envenenamento e também contra o envelhecimento. Durante a Idade Média, grande parte dos remédios era extraída de plantas, mas também podiam ser utilizadas substâncias estranhas, como partes de animais, além de ingredientes mais bizarros, como urina, estrume, ossos moídos de múmias e fluídos dos corpos de outros doentes.

Alguns remédios medievais podem parecer estranhos em nossos dias, mas provocavam algum alívio aos pacientes. Os doentes apelavam para tudo que fosse possível a fim de obter a cura de seus males. Segundo Jacques Le Goff, era comum o enfermo dirigir-se à lápide de um santo para lhe raspar a pedra tumular e ingerir estas raspas como se fossem remédio. Para tratar diabetes, por exemplo, certos médicos costumavam receitar carne de cobra, misturada com coral vermelha triturada, amêndoas doces e flores frescas de urtiga. Mais estranhas ainda eram algumas receitas, onde entravam limalhas de ferro de grilhões de prisioneiros condenados!

Sempre houve práticas insólitas de cura. Durante o século XVII, tornou-se moda a miraculosa pomada inventada por um fidalgo inglês, Sir Kenelm Digby, feita a partir de minhoca, óxido de ferro, cérebro de porco, pó de múmia e alguns outros ingredientes pouco ortodoxos. Era tiro e queda para curar feridas de espada e inúmeros cavalheiros mostraram-se dispostos a empregar tal tratamento. O mais curioso é que a pomada não deveria ser colocada sobre a ferida, mas diretamente na espada que causou o ferimento! As pessoas acreditavam que isso funcionava por pura magia, o que demonstra como a medicina tradicional estava pouco acreditada nesta época.

No século I, Celsus afirmava que, para se curar a epilepsia, os doentes deveriam beber o sangue quente de gladiadores que haviam

acabado de ser mortos nos anfiteatros. Outros médicos confirmavam o poder curativo do sangue. Paracelso dizia que o melhor sangue era o de rapaz jovem e ruivo, que sofrera morte violenta. Das pessoas vivas, também se aproveitava muita coisa, como aparas de unhas, que serviam para provocar vômitos, se misturadas ao vinho, cera do ouvido, ótimo medicamento para tratar picadas de escorpiões e até mesmo cordão umbilical e placenta, empregados para curar epiléticos, além de serem ótimos para matar vermes nocivos do organismo.

Na farmacopeia medieval, era comum se empregar restos humanos como ingredientes de remédios para inúmeros males. Pedacos de corpos mumificados eram bastante valorizados e considerados como um remédio poderoso. O seu emprego foi muito popular na Europa a partir do século XII e até mesmo Paracelso recomendava o seu uso. O comércio desses extratos mumificados cresceu tanto, que logo comerciantes inescrupulosos passaram a falsificar múmias. Eles apanhavam cadáveres em cemitérios, enchiam os defuntos com betume e enrolavam-nos em faixas de pano, deixando-os secar ao sol. Alguns chegaram a afirmar que não sabiam do que tais pessoas tinham morrido e pouco se importavam se os mortos haviam falecido por doenças contagiosas, como a peste.

Gilbertus Anglicus, médico inglês famoso que viveu no século XIII, receitava o seguinte tratamento para a cura da gota: “Pegue um cachorrinho bem gordo e o esfole. Em seguida, apanhe suco de pepino selvagem, arruda, alfavaca-de-cobra, bagas de hera, grãos de zimbro, eufórbio, castóreo, gordura de abutre, de ganso, de raposa e de urso, em partes iguais, e recheie o cachorro com tudo isso. Ponha o animal para ferver e acrescente cera à gordura que flutuar na água. O unguento resultante deve ser aplicado sobre o doente”. Caso não desse resultado, Gilbertus ainda sugeria um tratamento mais eficaz: “Quando nem o sol nem a lua estiverem brilhando, apanhe um sapo, corte-lhe as pernas traseiras e as embrulhe em pele de cervo por um tempo. Depois, aplique a perna direita do sapo sobre o pé direito do doente e a perna esquerda sobre o pé esquerdo. Com certeza, ele será curado da gota”.

Os homens medievais eram muito sugestionáveis. Havia uma doença conhecida como Mal do Rei (escrófula). Inúmeras pessoas acreditavam que os enfermos somente ficariam curados dela com o toque da própria mão do soberano. Diversos reis se prestaram a tocar suas mãos abençoadas sobre os doentes, certos de que poderiam curar seus súditos.

Acredita-se que tal costume tenha se iniciado no princípio da Idade Média, com Clóvis, rei dos francos, e tal prática se estendeu até meados do século XVIII.

Muitos médicos medievais apelavam para superstições. De acordo com Aécio de Amida, nascido no século VI, a melhor maneira para se evitar que uma mulher engravidasse era ela trazer sempre um dente de criança suspenso sobre seu próprio ânus.

Ao longo da Idade Média, os médicos empregaram remédios estranhíssimos na tentativa de curar os doentes. Havia, inclusive, tônicos curiosos. As pessoas que quisessem ficar mais fortes tomavam uma bebida chamada “cerveja de frango”, feita com frango cozido e cerveja forte.

Os lombardos costumavam tratar dor no ouvido com um pouco de azeite misturado a formigas vermelhas moídas. Há certo fundo científico nisso, pois, ao serem maceradas, as formigas liberam ácido fórmico, que possui propriedades analgésicas. Trotula de Salerno recomendava que se esfregasse raiz de tanchagem na vagina de mulheres que não eram mais virgens, pois esta planta tinha supostas propriedades para reduzir a cavidade vaginal, de maneira que uma moça poderia passar por donzela. Para tratar a lepra, recomendava-se tomar sopa de cobra preta apanhada entre as pedras. E todos sabiam que o sangue de meninos e meninas inocentes também era muito eficaz para curar os leprosos. Já o sangue dos malfeitores era empregado no tratamento da epilepsia.

Para queda de cabelo, Hildegard von Bingen receitava que o paciente deveria esfregar na cabeça gordura de urso misturada a grãos moídos ou palha de trigo inverneiro. Constantino, o Africano, professor da Escola de Salerno, dizia que para curar a melancolia, o paciente precisa reformular seus hábitos de vida, ouvir música, tomar um pouco de vinho e... rapar a cabeça, despejando sobre ela leite de jumenta. Outros remédios estranhos que os médicos medievais costumavam receitar: vermes vivos, pulmões de raposas para asma, óleos de formiga, manteiga feitas em maio, saliva de homem em jejum, musgo crescido em crânios de pessoas mortas violentamente.

A própria Real Sociedade da Inglaterra, que era reputada como sendo uma entidade de ciência moderna, viu-se obrigada a dar explicações em um relatório sobre a eficácia do uso de chifres de unicórnio em pessoas que haviam sido picadas por cobras venenosas, pois um de seus membros

mais notáveis, o governador John Winthrop, afirmava empregar tais chifres com sucesso em sua clínica médica.

Mas um dos remédios mais famosos da antiguidade, que foi largamente empregado por toda a Idade Média, era a Teriaga (*Theriaca*). Reza a lenda que ele foi feito pela primeira vez para o rei Mitrídates VI Eupator do Ponto (atual Turquia) no século I a.C. Este célebre rei é recordado hoje em dia pela maneira como procurava tornar-se insensível aos venenos. Conta-se que Mitrídates passou a tomar pequenas doses de diferentes venenos e, com o tempo, foi aumentando a quantidade de veneno para que seu corpo se acostumasse a eles. Se algo desse errado, o rei possuía um misterioso e poderoso antídoto, que acreditava ser infalível no caso de envenenamentos e que era conhecido como *Mitridaticum*. Em sua composição, entravam 54 ingredientes que ninguém sabe ao certo quais eram, mas dizem que um deles seria sangue de pato alimentado com ervas venenosas. Este processo de tentar ficar imune a venenos, tomando pequenas doses deles, ficou conhecido em medicina como Mitridatização. Um dos médicos de Nero, Andrômaco de Creta, transformou o *Mitridaticum* na famosa Teriaga. Aumentou o número de 54 ingredientes para 63, introduzindo, entre outros, a carne de víbora. Diziam que a Teriaga era não só um antídoto universal, como curava todas as doenças, sem dizer que era empregada como preventivo para manter a saúde. Na sua composição, entrava até mesmo ópio, que ajudava a reduzir a dor dos doentes. Galeno aprovava o seu uso e, por isso, foi muito difundido e utilizado indiscriminadamente ao longo de toda a Idade Média, sobretudo, pelos mais abastados, pois se tornara um remédio muito caro. Podia ser ingerido com mel para melhorar o seu paladar. Ainda no século XVIII, era receitado por médicos ilustres, até que, em 1745, um médico inglês, William Heberden, afirmou que ele não trazia benefício algum, além de provocar suor. Foi o bastante para a Teriaga começar a cair no esquecimento.

BIBLIOGRAFIA

Há inúmeros livros que tratam da História da Medicina, mas poucos se dedicam, exclusivamente, à medicina praticada durante a Idade Média. Quem quiser se aprofundar no assunto, recomendo a leitura das seguintes obras:

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ASHENBURG, Katherine. *Passando a Limpo – O Banho: da Roma Antiga até Hoje*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

BOURKE, John Gregory. *Escatología y Civilización*. Madrid: Ediciones Guadarrama – Punto Omega, 1976.

CALDER, Ritchie. *O Homem e a Medicina - Mil Anos de Trevas*. São Paulo: Hemus, 1976.

CANDIDO, Luiz Claudio. *Nova Abordagem no Tratamento de Feridas*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

CARMICHAEL, A. G e RATZAN, R. M. *Medicine, a Treasury of Art and Literature*. New York: Beaux Arts Editions, s/d.

CASTIGLIONI, Arturo. *História da Medicina*. São Paulo: Editora Nacional, 1947 (2 Volumes)

D´HAUCOURT, Geneviève. *A Vida na Idade Média*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, s/d.

DUBY, Georges. *Ano 1000, Ano 2000. Na Pista dos Nossos Medos*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1999.

FILHO, Lycurgo Santos. *Pequena História da Medicina Brasileira*. São Paulo: Desa, 1966.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FREMANTLE, Anne. *Idade da Fé*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, s/d.

GIORDANI, Mário Curtis. *História do Mundo Árabe Medieval*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOTTFRIED, Robert S. *La Muerte Negra*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1993.

HOLLINGHAM, Richard. *Sangue e Entrranhas – A Assustadora História da Cirurgia*. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

KELLY, John. *A Grande Mortandade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

LE GOFF, Jacques e SCHIMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2002. (2 Volumes)

- LINS, Ivan. *A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.
- LOPES, Octacílio de Carvalho. *A Medicina no Tempo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1970.
- LYONS, A. S. e PETRUCCELLI, R. J. *História da Medicina*. São Paulo: Manole, 1997
- MACDONALD, Fiona. *Como Seria a Sua Vida na Idade Média*. São Paulo: Editora Scipione, 1999.
- MACEDO, José Rivair. *Viver nas Cidades Medievais*. São Paulo: Editora Moderna, 1999.
- MARGOTTA, Roberto. *História Ilustrada da Medicina*. São Paulo: Manole, 1998.
- MATTHEW, Donald. *Europa Medieval*. Espanha: Folio, 2006.
- PARKER, Geoffrey. *A Era da Calamidade (1300 – 1400)*. Rio de Janeiro: Abril Livros, 1991.
- PERCIVALDI, Elena. *A Vida Secreta da Idade Média*. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.
- PERROY, Édouard. *A Idade Média (Tempos Difíceis)*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965. (2 Volumes)
- PINOTTI, Henrique Walter. *Filosofia da Cirurgia*. São Paulo: OLM, 2008.
- PORTER, Roy. *Das Tripas Coração - Uma Breve História da Medicina*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- RING, Malvin E. *Dentistry, an Illustrated History*. New York: Harry N. Abrams Publishers, 1985.
- ROONEY, Anne. *A História da Medicina*. São Paulo: M. Books, 2013.
- SAVELLE, Max. *História da Civilização Mundial*. Belo Horizonte: Editora Villa Rica, 1990. (4 Volumes)
- SOUZA MELO, José Maria de (Editor). *A Medicina e Sua História*. Rio de Janeiro: Editora de Publicações Científicas, 1989.
- TAVARES DE SOUSA, Armando. *Curso de História da Medicina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- THORWALD, Jürgen. *O Século dos Cirurgiões*. São Paulo: Hemus, s/d.
- VIANNA DE ANDRADE, Carlos Henrique. *História Ilustrada da Medicina da Idade Média ao Século do Início da Razão*. São Paulo: Baraúna, 2015.
- VIEIRA, Raymundo Manno. *Raízes Históricas da Medicina Ocidental*. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012.
- ZIEGLER, Philip. *The Black Death*. Great Britain: Allan Sutton, 1969.

